



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Thiago Mattos Moreira

**Políticas públicas na construção de identidade nacional coreana:
memória, refúgio e as transformações na península**

Rio de Janeiro

2018

Thiago Mattos Moreira

**Políticas públicas na construção de identidade nacional coreana:
memória, refúgio e as transformações na península**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Santoro.

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

M835 Moreira, Thiago Mattos.
Políticas públicas na construção de identidade nacional coreana: memória, refúgio e as transformações na península / Thiago Mattos Moreira. – 2018.
115 f.

Orientador: Maurício Santoro.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Políticas Públicas – Teses. 2. Coréia – Teses 3. Refugiados – Teses. I. Santoro, Maurício. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 304(519)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Thiago Mattos Moreira

**Políticas públicas na construção de identidade nacional coreana:
memória, refúgio e as transformações na península**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Aprovada em 26 de janeiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Maurício Santoro (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Layla Dawood
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Wellington Amorim
Escola de Guerra Naval – EGN

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a toda minha família, mas principalmente aos meus pais Hélio e Karen e as minhas tias Elza e Elizabeth, por terem sempre me apoiado nas horas mais difíceis e nas mais felizes. Em segundo ao meu orientador, Maurício, que sempre acreditou no valor da minha pesquisa e no meu potencial como profissional. Aos amigos, acadêmicos ou não, de fases tão distintas da minha vida, que se dispuseram a me ouvir tagarelar entusiasticamente por horas sobre uma realidade tão distante quanto a da península coreana. Quero também agradecer a UERJ, que me acolheu calorosamente em seus tempos mais turbulentos e finalmente a Constança, por garantir minha saúde mental nesta turbulência e em outras.

Com amor,

Thiago Mattos Moreira

Toda guerra é travada duas vezes, a primeira no campo de batalha, a segunda na
memória

Viet Thanh Nguyen
(Em seu livro “*Nothing Ever Dies - Vietnam Memories of War*” de 2016)

RESUMO

MOREIRA, T. M. *Políticas públicas na construção de identidade nacional coreana: memória, refúgio e as transformações na península*. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este trabalho tem como objetivo estudar as políticas públicas de memória de ambos os Estados presentes na península coreana na medida que estas abordam sua relação um com o outro e, ainda, aferir o limite político destas medidas com o estudo do acolhimento de refugiados norte-coreanos na Coreia do Sul. As políticas públicas de memória dos países são estudadas através de uma seleção de museus e memoriais históricos de proeminência em ambas as Coreias. O trabalho expõe incoerências e aponta consequências na implementação destas políticas a partir do chamado marco construtivista psicológico das Relações Internacionais.

Palavras-chave: Coreia. Refugiados. Memória. Políticas Públicas. Construtivismo Psicológico.

ABSTRACT

MOREIRA, T. M. *Public policies in the construction of Korean national identity: memory, refuge and transformations in the peninsula*. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

The purpose of this paper is to study the public policies of memory on both national-states present in the Korean peninsula as they interpret their relationship with one another and also to assess the political limits of these measures with the study of the migration of North Korean refugees to South Korea. Public memory policies of the countries are studied through a selection of museums and historical memorials of prominence on both Koreas. The paper exposes inconsistencies and points out consequences in the implementation of these policies from the so-called psychological constructivist framework of International Relations.

Keywords: Korea. Refugees. Memory. Public policy. Psychological Constructivism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – “Statue of Brothers”.....	31
Imagem 2 – “The Unification Arch”.....	32
Imagem 3 – <i>Midori</i> , mascote oficial do Memorial de Guerra da Coreia.....	34
Imagem 4 – Estátua homenageando as “mulheres de conforto”.....	40
Imagem 5 – Estátua de “mulheres de conforto” em ônibus de Seul.....	41
Imagem 6 – Foto externa do Memorial da Guerra da Coreia.....	43
Imagem 7 – Sala de espera para o simulador 3D “Slam Eagle F-15K”.....	47
Imagem 8 – Simulador de tiro no memorial de Guerra.....	47
Imagem 9 – “Children’s Museum” parte do Memorial de Guerra.....	49
Imagem 10 – Criança brinca em instalação do Korean History Museum.....	50
Imagem 11 – Monumento a Rei Sejong, no centro de Seul.....	53
Imagem 12 – Foto do segmento “Period of Rapid Growth Seoul Rising from the Ashes to become a Metropolis”.....	54
Imagem 13 – Turistas observam instalação da exposição permanente do Korean History Museum.....	56
Imagem 14 – <i>Printscreen</i> da rede social <i>instagram</i> , turistas postam foto de visita em museu norte-coreano.....	56
Imagem 15 – Monumento <i>Vitória</i>	58
Imagem 16 – Panorama giratório de 360 graus da batalha de Taejŏn.....	61
Imagem 17 – Coreana é torturada por soldados norte-americanos em mural da entrada do Museu de Sinch’ŏn de atrocidades.....	63
Imagem 18 – Sapatos de crianças que faleceram no incêndio de um armazém, provocados por norte-americanos.....	68
Imagem 19 – Modelo de cera de jovem coreana torturada.....	69
Imagem 20 – Foto da zona de segurança compartilhada (JSA).....	71
Imagem 21 – Panfleto turístico para passeios guiados a DMZ.....	72
Imagem 22 – Termo de responsabilidade para visitantes da DMZ.....	74
Imagem 23 – Turistas tiram selfies com soldado sul-coreano na sala de negociação localizada na exata divisão entre as duas Coreias.....	75
Imagem 24 – <i>Fluxo migratório de Norte-coreanos</i>	82
Imagem 25 – Tirinhas comerciais de empresa de <i>Match-making</i> que ilustram “2 dos 20 motivos” para se casar com uma norte-coreana.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Dinâmica de Construção Identitária Coreana.....	16
Gráfico 2 –	Espectro simplificado de emoções do Estado, a política ocorreria em suas interseções.....	20
Gráfico 3 –	Critérios definidores de Identidade.....	24
Gráfico 4 –	Proximidade entre Norte e Sul coreanos.....	27
Gráfico 5 –	Afinidade Pessoal de Sul-coreanos com outras nacionalidades (de 1 até 10).....	95
Gráfico 6 –	Afinidade pessoal de sul-coreanos com norte-coreanos por faixa etária (de 1 até 10).....	96
Gráfico 7 –	Resultado para a pergunta “Você tem interesse na Reunificação?” ..	97
Gráfico 8 –	Motivos apontados para a Reunificação das Coreias (2014).....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Taxas de evasão escolar e desemprego na Coreia do Sul.....	28
Tabela 2 –	Locais de pesquisa selecionados.....	36
Tabela 3 –	Lista de zonas expositivas do Museu Histórico Nacional de Seul.....	51
Tabela 4 –	Número de desertores Norte-coreanos registrados na Coreia do Sul..	80
Tabela 5 –	Motivações para a deserção de Norte-coreanos.....	81
Tabela 6 –	Ementa do curso compulsório de reassentamento do Instituto Hanawon.....	89
Tabela 7 –	Programas Estatais de apoio providos pelo Governo Sul-coreano aos refugiados do Norte.....	91
Tabela 8 –	Porcentagem de sul-coreanos interessados na reunificação, por faixa etária.....	97

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Naes Unidas para os Refugiados

DMZ – Demilitarized Zone

DPRK – Democratic People’s Republic of Korea (Coreia do Norte)

JSA – Joint Security Area

OCDE – Organizao para a Cooperao e Desenvolvimento Econmico

ONU – Organizao das Naes Unidas

ROK – Republic of Korea (Coreia do Sul)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO HISTÓRICA E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA – A IDEIA DE COREIA E CONSTRUTIVISMO PSICOLÓGICO.....	12
1	MUSEUS, MEMORIAIS E VIOLÊNCIAS DIDÁTICAS – AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE MEMÓRIA SOBRE A GUERRA DA COREIA E SOBRE A IDEIA DE UNIFICAÇÃO.....	31
1.1	Memória e identidade nacional: traçando definições.....	36
1.2	Didática, tecnológica, emocional e asséptica: a narrativa sul-coreana.....	42
1.2.1	<u>A guerra que nunca acabou (e agora está online): o contraponto norte-coreano.....</u>	56
1.2.2	<u>Zonas desmilitarizadas e armadilhas turísticas: a narrativa bélica de uma fronteira pacífica.....</u>	70
1.3	Conclusões.....	76
2	O ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS NORTE-COREANOS NA COREIA DO SUL – INTERPRETANDO INSTITUIÇÕES E PERCEPÇÕES.....	78
2.1	Entendendo a migração norte-coreana.....	80
2.2	Os desafios cotidianos dos migrantes norte-coreanos.....	83
2.3	Os programas governamentais e instituições de apoio ao refugiado Norte-coreano.....	88
2.4	Percepções sul-coreanas: Norte-coreano como <i>outsiders</i> e unificação como dogma secular.....	92
2.5	Conclusões.....	99
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS - CONCLUSÕES, FICÇÕES E DISTORÇÕES.....	102
	REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO HISTÓRICA E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA – A IDEIA DE COREIA E CONSTRUTIVISMO PSICOLÓGICO

Já com o devido afastamento histórico, é possível afirmar que a península coreana é uma das regiões do mundo na qual os grandes fenômenos da Política Internacional do século XX mais intensamente atuaram na redefinição das relações e identidades políticas, econômicas e sociais dentre seus habitantes, bem como suas representações e interpretações de si mesmo e do mundo. As disparidades entre os regimes estabelecidos em ambos os lados do paralelo 38º no pós-Segunda Guerra Mundial, o Sul capitalista e o Norte comunista, geram imagens que impressionam o mundo moderno, do contraste entre a reclusa Pyongyang e a globalizada Seul. Essas imagens ganham nuances ainda mais impressionantes e trágicas se considerarmos o povo coreano como um grupo que, em larga escala, se manteve unido de forma étnica e culturalmente homogênea e de forma isolada do resto do mundo por mais de 3000 anos, ganhando por vezes o apelido de “reino ermitão” por historiadores e cientistas sociais, até sua cisão em 1945 (CUMMINGS, 2005).

Desde a separação, as relações de ambos os países entre si e com o exterior são envoltas em uma cacofonia de narrativas concorrentes oriundas dos mais diversos atores (estatais e privados, de esquerda e direita, locais e globais, etc.), que por vezes impediram e impedem uma leitura mais sóbria sobre o que seria a condição coreana, seu passado recente e seu futuro incerto (TUDOR, 2012). Longe de serem figuras passivas na construção de suas novas identidades políticas – ou da manutenção das antigas - os agentes públicos dos dois lados da fronteira se debruçaram por quase um século na construção de uma identidade nacional aparentemente impossível e contraditória: a de uma nação ao mesmo tempo ancestral e recente, com uma contraparte que é ao mesmo tempo inimigo e irmão, “*self*” e “*other*”.

Ao mesmo em tempo em que ambos os lados possuem como dever de Estado em suas constituições buscar a unificação e honrar este ideal, uma emergente necessidade de ambos os lados desassociarem sua imagem de sua contraparte é evidente – tanto em função de seus interesses políticos materiais

quanto em função do medo sobre sua integridade física – uma vez que os dois clamam serem os únicos legítimos representantes dos interesses da península (SCHATTLE, 2013). Esta dissertação visa entender estes esforços de construção de identidade e de sentimento nacional neste espaço excepcional que é a península coreana – suas motivações e o seu papel para a política internacional da região – tanto na manutenção de uma ideia de Coreia unificada, quanto nos sintomas de sua lenta dissociação.

Bem a verdade, o caso coreano não é o único de divisão socialmente arbitrária de uma nação que um dia se imaginou unida: Alemanha, Vietnã, China, Sudão e outros tiveram (ou têm) experiências similares. Estes casos, contudo, apesar de potencialmente fornecer comparações interessantes para aqueles que tentam de alguma forma prever o futuro da península, por vezes se revelam insuficientes para compreender as nuances da questão coreana – a durabilidade da divisão, sua “estabilidade” e principalmente as motivações e paixões que ainda movem a narrativa das duas nações (ZHAO, 1991). O caso coreano oferece, portanto, uma formidável oportunidade de analisar os mecanismos de filiação de indivíduos com os estados-nação e como a ação pública interfere na construção destas identidades. Tendo isto em mente, venho por esta dissertação tentar responder o seguinte questionamento: Como as políticas públicas coreanas colaboram com a construção de seu senso de Identidade nacional?

Para responder esta pergunta, dois estudos de caso são considerados no decorrer desta dissertação: 1) As políticas públicas de memória (museus, memoriais, etc.) sobre a guerra da Coreia nos dois lados da península e o lugar que cada Estado (e seus habitantes) ocupam na narrativa do outro neste contexto 2) As políticas públicas de acolhimento de norte-coreanos na Coreia do Sul e o desenvolvimento do assentamento destes indivíduos. Pretende-se, pela escolha destes casos, que o segundo verifique os limites e a adequação do primeiro. Se o discurso oficial é de fraternidade e existe uma preocupação estatal com a unificação, como isto influencia a percepção dos sul-coreanos ao receberem “de volta” seus irmãos? A hipótese é de que o sentimento de dever cívico (entendido teoricamente como *Honra*) é resiliente, mas possui os seus limites. Uma impossibilidade, ou mesmo dificuldade, dos sul-coreanos de receberem está (ainda) relativamente

pequena leva de desertores do regime do Norte pode indicar um cenário de unificação ainda mais custoso do que o imaginado, ou mesmo impossível.

O interesse deste trabalho em lidar com a subjetividade de indivíduos - *policy makers* e cidadãos - e o impacto gerado pelo comportamento dos estados nesta seara, bem como seu desejo de trabalhar com objetos e categorias de análise como a identidade nacional, trauma, linguagem e memória, levaram a adoção e ao diálogo com a corrente construtivista psicológica de Relações Internacionais em sua redação. Os conceitos de autores como Richard Lebow (2009) e Vaughn Shannon (2012) serão utilizados para analisar políticas públicas específicas de unificação. Para Lebow e alguns de seus colegas, além dos sentimentos de *Medo*, *Interesse* e seus derivados, que constantemente são explorados de forma tácita em outras tradições de Relações Internacionais, também haveria uma linha de sentimentos políticos derivados do que o autor chama de *Honra*, capaz de orientar ações políticas em desacordo da noção de racionalidade como é entendida via de regra pelo ocidente. Mais importante do que isto, a linha crê que este sentimento, e seus derivados como “autoestima”, “trauma”, “orgulho”, etc. podem ser estudados tanto quanto os anteriormente citados – apesar dos três nunca atuarem isoladamente, mas sempre em oscilações concomitantes.

O trabalho pretende focar seus esforços de pesquisa e análise nas políticas públicas desenvolvidas e nos documentos diplomáticos emitidos pela Coreia do Sul, e menos na contraparte do Norte. A escolha se dá em função da dificuldade de acesso de documentos emitidos por Pyongyang. Contudo, na medida que textos e dados críveis sobre a ação norte-coreana no tema – como o que pretende ser feito na análise de memoriais sobre a guerra da Coreia, por exemplo- estiverem disponíveis, estes serão abordados no trabalho.

Definições Instrumentais

Para um melhor entendimento dos objetos e variáveis deste projeto, algumas definições autorais se tornam necessárias. Seguem as seguintes:

Políticas Públicas

Não existe uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo caminho: política pública é a soma das atividades dos governos, todas as atividades, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como simplesmente “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. A definição mais conhecida, é a que este trabalho pretende trabalhar com, continua sendo a de Laswell (1958), que propõem que decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz para as pessoas que esta influência. Outras definições enfatizam o papel da política pública na solução de problemas. Críticos dessas definições, que superestimam aspectos racionais e procedimentais das políticas públicas, argumentam que elas ignoram a essência da política pública, isto é, o embate em torno de ideias e interesses (SOUZA, 2006) – este trabalho compartilha com a inquietação destes críticos e entende que a racionalidade não é necessariamente o que move estes tomadores de decisão, mas ideias pautadas em sentimentos. Pode-se também acrescentar que, por concentrarem o foco no papel dos governos, essas definições deixam de lado o seu aspecto conflituoso e os limites que cercam as decisões dos governos. Deixam também de fora possibilidades de cooperação que podem ocorrer entre os governos e outras instituições e grupos sociais – como por exemplo, neste trabalho, a influência que as associações de famílias separadas pela divisão das coreias teve na formulação dessas políticas.

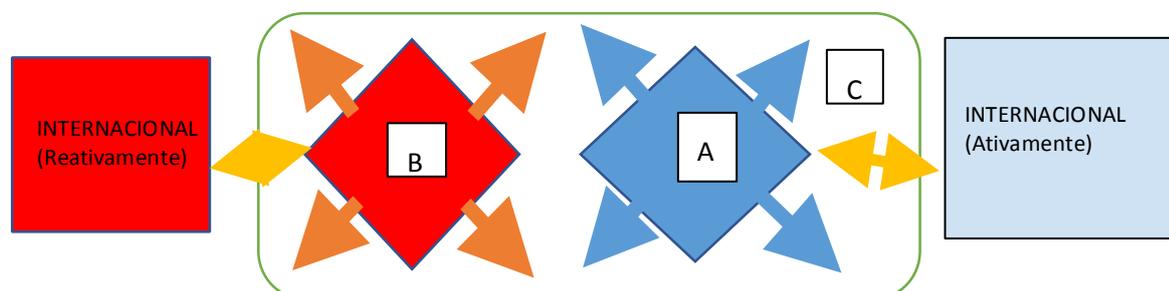
No entanto, definições de políticas públicas, mesmo as minimalistas, guiam o nosso olhar para os lócus onde os embates em torno de interesses, preferências e ideias se desenvolvem, isto é, os governos. Assim, do ponto de vista teórico-conceitual, a política pública em geral e a política em particular são campos multidisciplinares, e, portanto, o uso de literatura fora de relações internacionais, e até mesmo fora da ciência política, se faz necessária para esse trabalho, uma vez

que parte de seu foco está nas explicações sobre a natureza da política pública e seus processos. Duas facetas da política pública são contempladas neste trabalho especificamente: as de memória e as de acolhimento de refugiados/desertores norte-coreanos. Os casos serão estudados a fundo para se chegar a interpretações mais profundas sobre a situação da região como um todo.

Identidade Sul-Coreana, Norte-coreana e Peninsular →

Este trabalho, de forma autoral, para melhor visualizar as forças políticas em operação na Coreia, entende e delimita a existência de 3 identidades nacionais concomitantes e em disputa na região denominada de Coreia: A) Uma Identidade sul-coreana, sob a curadoria da República da Coreia, moldada pelas relações deste Estado com o ambiente internacional B) Uma Identidade Norte-coreana, sob a curadoria da República Democrática da Coreia, moldada pelas relações deste Estado com o ambiente internacional. C) Uma identidade península coreana, resiliente da convivência milenar entre os indivíduos da região e mantida por uma narrativa conjunta e conflituosa das duas administrações políticas anteriormente citadas. Esta dinâmica aqui observada pode ser graficamente representada na figura abaixo:

Gráfico 1 – Dinâmica de Construção Identitária Coreana



Fonte: Design do autor, a partir das leituras de Lebow (2009) , Shannon (2012) , Campbell(2011)

Apesar de em um primeiro momento esta distinção das unidades e vetores políticos em ação no contexto citado pode parecer evidente, uma delimitação instrumental clara é necessária por parte do projeto uma vez que o discurso oficial

dos dois lados do paralelo não é necessariamente equacionado ao que agora é exposto. Via de regra, ambos os lados do paralelo afirmam a existência da ideia de *han nara* (한 나라), “um povo, uma nação”, (DEMICK, 2009, p.248) – mas múltiplas evidências levam a crer na emergência, pela atividade ou passividade dos Estados do sentimento de *uri nara* (우리 나라), “nossa nação”, ao menos do que pode ser analisado da população sul-coreana e dos desertores/refugiados norte-coreanos (CAMPBELL, 2011). É responsabilidade deste trabalho identificar como as duas administrações políticas colaboram na definição destas três identidades através das políticas públicas que serão analisadas.

Vale ainda ressaltar que a experiência de interação da identidade nacional norte-coreana e sul-coreana com o ambiente internacional difere largamente em função da crescente percepção do primeiro como ameaça e do segundo como parceiro global. Este fator tem impacto na formação destas “novas” identidades nacionais e será contemplado ao longo do trabalho.

Norte coreanos como desertores/refugiados/deslocados internos →

Uma questão delicada para este trabalho é como denominar os norte-coreanos que desertaram o regime político de Pyongyang e passaram a viver sob a jurisdição de Seul. Estes se encontram em uma situação bastante anômala para o direito internacional e o regime de refugiados.¹ Como anteriormente citado, os governos da Coreia do Sul e da Coreia do Norte reivindicam em suas respectivas constituições serem as únicas autoridades legítimas para toda a península, e ambos os governos reconhecem todos os coreanos que vivem na península e suas ilhas circundantes como co-nacionais, o que torna a utilização do termo “refugiado” para aqueles que chegam no país um tanto contraditória uma vez que, segundo a definição do ACNUR (2017), este se refere aqueles que “foram forçados a fugir do seu país por causa da perseguição, da guerra ou da violência”.

¹ É válido notar que não há registros de Sul-coreanos que tenham desertado para o Norte, apesar de existirem casos de duplos desertores do Norte, ou seja, indivíduos que migraram para o Sul e depois retornaram a seu país de origem. (Williamson, 2014)

Em tese, os norte-coreanos que migram ao Sul jamais deixaram o seu país, tanto que possuem sua nacionalidade reconhecida no momento que chegam nesta jurisdição – ao mesmo tempo em que seu status de refugiado é reconhecido em Estados como o EUA e nos Membros da União Europeia e negado por outros como China e Mongólia, que os entendem como imigrantes econômicos indocumentados. Todavia, o termo refugiado ainda é recorrentemente usado pela mídia para se referir a esta população, bem como alguns autores do meio acadêmico (SCHATTLE, 2013).

O termo “deslocado interno” também se mostra insuficiente para exprimir a condição dos norte-coreanos no Sul: apesar de este contemplar a permanência destes indivíduos no que estes entendem ser país, ignora a mudança de jurisdição política da sua existência como cidadãos – fator central do escopo do termo (ACNUR, 2007). Tendo estas complicações taxonômicas em mente, o termo escolhido pela administração pública do Norte quanto o do Sul para tratar destes indivíduos é “desertores” (MINISTRY OF UNIFICATION, 2017), fazendo alusão a relação destes com o regime, mas não com sua nacionalidade. Tendo este debate em mente o trabalho fará, de forma instrumental, referência a estes indivíduos tanto como “desertores”, quanto como “refugiados”, dependendo do contexto em que esse aspecto de seu status político for mais relevante para o contexto.

Arcabouço teórico - O Construtivismo Psicológico

A pesquisa será realizada com base nas contribuições do marco Construtivista nas Relações Internacionais, mais especificamente seguindo a agenda de pesquisa da linha chamada de Construtivismo Psicológico, marcada por autores como Richard Ned Lebow e Vaughn Shannon. O trabalho também pretende estabelecer diálogo com outros teóricos do marco que não se identificam de modo declarado com a linha, mas lhe serviram como inspiração, de forma complementar.

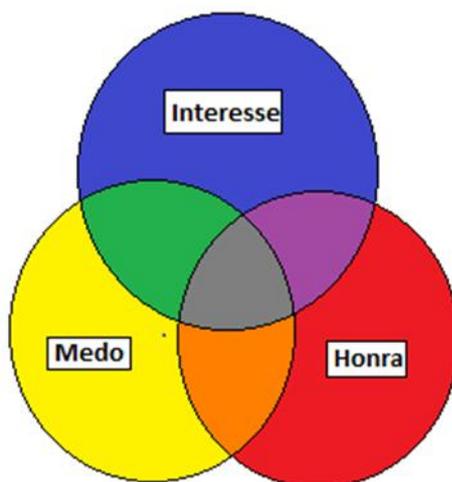
A opção pelo marco construtivista se dá fundamentalmente pela necessidade de encontrar bases para o uso de terminologias e dimensões de análise fundamentais para o raciocínio deste projeto, tais como identidade, cultura e sociedade, ao mesmo tempo em que se busca alocar o caso coreano em uma

teorização mais abrangente das relações internacionais, evitando particularismos. A necessidade de especificamente adotar a emergente corrente psicológica do construtivismo surge do diálogo íntimo que este trabalho pretende manter com a subjetividade e sentimentos dos indivíduos que são abarcados e incorporados por estes dois Estados e a relação direta que estes possuem, nos termos de Lebow, com sua “autoestima”, senso de “honra”, “orgulho” e com o “trauma” da guerra (LEBOW, p. 38-49 2009) – elementos marginalizados por outras tradições das relações internacionais como o realismo e liberalismo institucional. Esta escolha também se dá em oposição a outras linhas de construtivismo, de caráter mais estrutural, que reduzem o foco da agência de indivíduos em suas análises, como é o caso dos trabalhos de Alexander Wendt (SHANNON, 2012).

Os autores dessa linha, se instrumentalizando dos escritos da psicologia social, identificam as origens subjetivas e individuais que orientam as ações dos Estados no ambiente internacional. Para Lebow, inspirado na filosofia da Grécia e Roma antigas e no pensamento Freudiano, existiriam três sentimentos fundamentais – do qual emanariam outros - que orientam o papel da subjetividade humana na tomada de decisões: *Medo*, *Interesse* e *Honra*. De acordo com Lebow (p. 30-33, 2008), enquanto *Medo* e *Interesse* teriam sido centrais para o pensamento das grandes teorias de Relações Internacionais como o Realismo e o Liberalismo – a dita racionalidade do Estado seria fundamentalmente oriunda de um *Medo* em relação a sua própria existência e o *Interesse* seria pautado em desejos em relação ao material e econômico – a *Honra* teria ficado em segundo plano. *Honra*, por sua vez, seria uma amalgamado complexa de sentimentos ligados a auto-estima do Estado e de seus nacionais, a sustentação de uma narrativa de excepcionalismo, grandeza e/ou mérito sob a qual repousaria a auto-imagem de todos os cidadãos abarcado por esta identidade (nacional) e capitaneada/incorporada por seus líderes. Vale ressaltar que para os teóricos da corrente esses vetores não operariam na ação dos estados de forma puramente independente, bem como as ações humanas via-de-regra não são pautadas por um único sentimento (SHANNON, 2012). Muitas decisões seriam sobrepostas de um ou mais *inputs* destes sentimentos. O fato destes por vezes entrarem em conflito e se sobreporem uns aos outros apenas comprova a possibilidade e a necessidade de estes serem estudados

individualmente. Pode ser útil imaginar a tipificação de Lebow como as cores fundamentais de uma paleta que dá origem a sentimentos mais complexos.

Gráfico 2 – Espectro simplificado de emoções do Estado, a política ocorreria em suas interseções.



Fonte: Design do autor, feito a partir das leituras de Lebow (2009), Shannon (2012)

Para Shannon (2012) o processo de estabelecimento de uma identidade nacional seria a base de todos os sentimentos supracitados mas principalmente da *Honra*. Este seria um campo de disputa onde narrativas inspiradas primordialmente por experiências individuais, e em uma última instância pelos sentimentos descritos acima, são confrontadas para gerarem discursos maiores, com o mínimo de coesão construída por elites políticas. O construtivismo psicológico começaria com a premissa de que as pessoas, individual e coletivamente, buscam a preservação de sua auto-estima (leia-se, *Honra*) com tanto afincamento quanto sua sobrevivência e seu bem-estar material (COKER, 2009). Este processo pode ser identificado nas diversas manifestações políticas que pretendemos estudar neste projeto: estatais ou não.

Neste trabalho, defendo que justamente esta dimensão sub-observada do sentimento humano na esfera das relações internacionais motivaria a ação de indivíduos e coletivos dentro da península coreana contra uma ação dita “racional” (aquela pautada unicamente por sentimentos derivados de *Medo* e *Interesse*, ou

seja, as que respectivamente buscam auto-preservação física ou um aumento em ganhos materiais) ao operarem a máquina estatal mesmo que os sentimentos de *Interesse* - em maior grau – (THE GUARDIAN, 2015) e *Medo* – em menor grau – (EVANS, 2016) atuem fortemente como vetores opostos e a favor da ideia de unificação e em direção a consolidação de identidades próprias ou manutenção de antigas.

Contextualização do objeto de Pesquisa

É recorrente encontrarmos no lugar-comum da mídia *mainstream* uma ideia fechada do que seria a condição da Península coreana – especialmente quando os riscos de um suposto ataque nuclear do Norte são postos em discussão. Teríamos ao Norte um regime comunista, totalitário, ameaçador, miserável e ridículo ao mesmo tempo. Pyongyang seria uma relíquia viva dos tempos da Guerra fria que sobreviveu aos dias de hoje através de um maciço investimento em armamento nuclear, sendo governada de forma dinástica por uma elite política temperamental, muitas vezes retratada de forma cômica por estes meios – vide o incidente com o filme norte-americano *A Entrevista* (2014). Ao Sul teríamos o completo oposto, uma vibrante democracia baseada em economia de mercado pulsaria em Seul, o caso-modelo do desenvolvimento pregado pelo FMI nos anos 80, membro ativo da OCDE e de diversos fóruns internacionais, além de ser motivo de entusiasmo para uma juventude internacional que começa a ter a cultura pop coreana como referência, um fenômeno chamado de *Korean Wave*. (DEMICK, 2009)

Estes meios, e mesmo veículos acadêmicos que tratam instrumentalmente do tema, pouco discutem sobre como esta imagem fragmentada foi traçada e menos ainda sobre o desenvolvimento da identidade destas “novas” entidades políticas – pressupondo muitas vezes uma rivalidade latente entre os dois regimes e ignorando o imponderável do mundo realista: a resiliência do sentimento fraternal entre as duas nações.

Para além da cacofonia de discursos que envolve a península coreana, sobre uma dimensão do fenômeno coreano existe relativa clareza: enquanto nos últimos 67 anos o Norte progressivamente se retraiu em um Estado fechado, introspectivo e

altamente militarizado – fazendo valer a antiga alcunha de “Reino Eremita” conferida a região historicamente - o Sul despontou como um ator global e “moderno”, se imaginando para muito além de suas fronteiras nacionais de modo sem precedentes – basta olhar para fenômenos globais do K-Pop como PSY ou Interasiáticos como as novelas coreanas (K-Dramas) para se ter uma confirmação destas pretensões.

Todavia, o abismo material, político e imaginário aberto entre os dois lados da fronteira não foi o suficiente para que a diplomacia e as políticas públicas de ambos os Estados persistem em investir pesadamente em uma prática e discurso voltado para a unificação – mesmo que esta não esteja ligada diretamente em um ganho material ou risco de extinção. O sentimento de medo e antagonismo que poderia ser suposto em uma dinâmica clássica de *self/otherness* não emerge – e isto é recorrentemente aparente na opinião pública. Entender este fenômeno é crucial não apenas para podermos pensar em um futuro próspero para a Coreia e a Ásia Pacífico, mas para entendermos como a resiliência de sentimentos políticos e a identidade nacional possui um papel na política internacional mesmo quando sofrem pressões externas contrárias.

Visando responder à pergunta “Como as políticas públicas coreanas colaboram com a construção de seu senso de Identidade nacional?”, é necessário entender os dois vetores que operam na península: a política pública (que presumidamente operam na manutenção do sentimento de co-nacionalidade da península) e as forças externas do sistema internacional (que operam em sua dissociação), mas também é necessário entender o contexto que prende, em um plano ideacional, esta comunidade politicamente dividida e tracionada.

Entendendo a resiliência da ideia de uma Coreia Unida em sua história

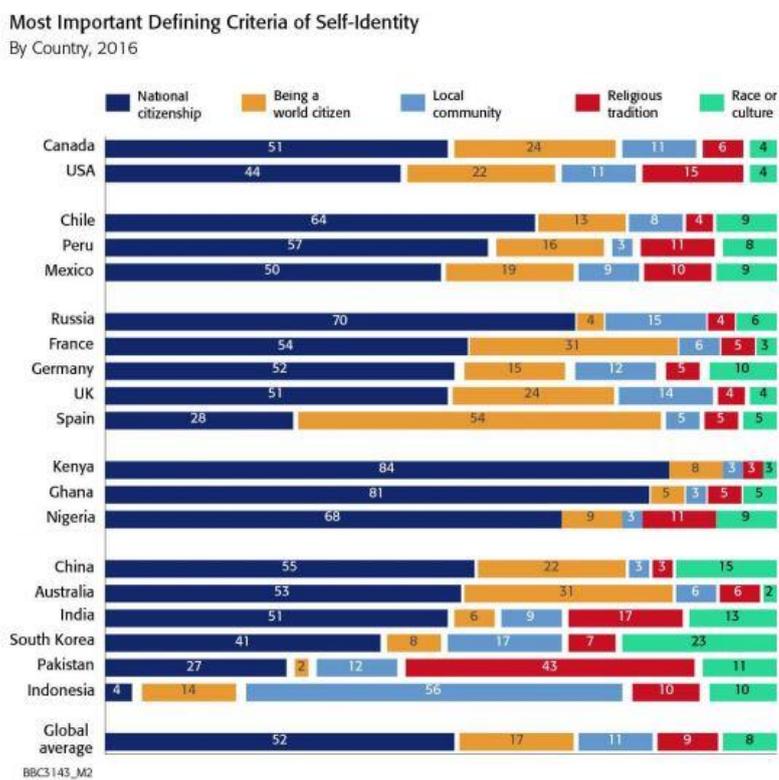
Antes de tudo, é tarefa deste projeto entender o que sustenta e produz o sentimento de identidade península coreana, para também poder entender os vetores que operam a dissociação desta identidade em pólos autônomos no Norte e no Sul – expondo suas contradições e sua complexidade. Afinal, como sugere o construtivismo psicológico, esta seria a base mínima para a operação de análise dos vetores políticos. É incontornável assinalar que grande parte do sentimento e da

identidade nacional da Coreia é baseado em sua homogeneidade étnico-racial² historicamente construída. Para função ilustrativa: a população da Coreia do Sul em 2011 era de 49,78 milhões – quase o dobro de sua contraparte do Norte – e mesmo com a liberdade de traslado internacional vigente no país desde os anos 90, aliado ao radical liberalismo implementado no país desde a década 70, 97% da população permanecia sendo composta exclusivamente dos chamados coreanos étnicos, com grupos como chineses-coreanos e filipinos-coreanos, dois dos maiores grupos que migraram para o país neste intervalo, sistematicamente ocupando uma periferia social. Apesar do acesso a estes mesmos dados no Norte ser impossível no momento, imagina-se por óbvio que os números sejam ainda menores (SHIN, 2011). Estas mesmas sociedades de unidade étnica facilitariam a permanência do sentimento nacionalista entre seus habitantes baseados neste critério, apesar da separação física de 1950 em diante.

Mesmo hoje, a identificação nacional por critérios majoritariamente étnico-raciais, apesar de não serem absolutos, destoa, na Coreia, em comparação a outros países com mesmo nível de desenvolvimento econômico, como um fator crucial para identificação e empatia nacional. Como aponta a pesquisa feita pela BBC em abril de 2016, 23% da população sul-coreana identifica raça e cultura como os dois principais definidores identitários, e não a cidadania nacional, superando até mesmo vizinhos regionais que também seriam altamente homogêneos em termos étnicos como China e Japão, sendo o maior nível de ocorrência desta opinião dentre os países da OCDE.

² Existe no caso Coreano uma certa indivisibilidade entre dimensões étnicas e raciais em seu imaginário coletivo. A noção de um povo único, racial e culturalmente homogêneo na península tem vestígios milenares. Em grande parte o conceito é fruto dos conflitos da época monárquica contra a China, mas se intensificou consideravelmente com a ocupação japonesa no início do século passado, quando sua identidade como povo em todas as suas dimensões tentou ser suprimida através de assimilação cultural e estupros sistêmicos. Para mais informações sobre a origem do pensamento étnico-racial coreano, o livro de Bruce Cummings, *Korea's Place in the Sun*, é recomendado.

Gráfico 3 – Critérios definidores de Identidade



Numbers in the above chart do not always add up to 100% because the marginal proportions accounting for "None," "Other," and "DK/NA" are not represented.

Tradução: (Enunciado) critério mais importante para definição de identidade (Critérios, da esquerda para direita) Cidadania nacional/ Ser um cidadão do mundo/ Comunidade Local/ Tradição religiosa/ Raça ou Cultura.

Fonte: BBC, 2016

O seu forte sentido de unidade e orgulho nacional decorrem em alguma medida, portanto, de uma identidade com base em uma linhagem comum e uma compartilhada ascendência que, como poderia assinalar Smith (1991), é ao mesmo tempo espontânea e fabricada. Espontânea por de fato existirem elementos folclóricos-culturais que surgiram cotidianamente ao longo dos séculos (culinária – *kimchi, soju, magkeoli, etc.*; Vestimenta – *Hanbok; etc.*) alinhadas a um fenótipo próprio, e fabricada pelo motivo destes mesmos serem utilizados por uma elite política para se advogar por coesão interna, tanto no passado feudal quanto na contemporaneidade do Estado-nação. Ser coreano seria uma condição inalienável

daqueles que compartilham “seu sangue”, e a unificação possui um valor moral quase religioso.

Neste mesmo sentido e de forma quase simbiótica, a língua e a escrita coreanas foram outros dois aspectos centrais que uniram os coreanos étnicos de ambos os países e que mantiveram sua comunidade imaginada relativamente intacta mesmo que politicamente dividida para além da dimensão da raça. O Hangeul (한글), o alfabeto coreano criado em 1446 pelo Rei Sejong e pelos grandes estudiosos de seu período merece um capítulo à parte, sendo referido por parte da literatura como a grande primeira política pública e diplomacia de coesão nacional da península (BREEN, 2004). Confirmando as teses de Benedict Anderson (2008) e Anne Marie Thiesse (2000) sobre o poder do vernáculo sobre o inconsciente coletivo, capaz de criar uma forma de abstração conjunta que seria terreno fértil para que as ficções criativas nacionais da elite pudessem chegar a periferia e assim fossem assimiladas, o Hangeul se traduz até hoje como uma expressão máxima do particularismo coreano. Antes da criação do Hangeul, os coreanos tomavam “emprestado” os caracteres chineses para se expressar por escrito, o chamado Hanja (漢字), o que aprofundava a relação de dependência vassalar com a China, uma vez que somente a classe nobre educada no reino vizinho conseguia expressar seus pensamentos por escrito.

O sistema escrito ganharia principalmente força como símbolo de identidade nacional no início do século passado, durante a colonização japonesa, quando este seria banido e o sistema japonês de escrita, bem como a cultura nipônica, forçados a população coreana. (DUDDEN, 2005). A resistência armada contra o domínio japonês, encabeçado por Kim Il-Sung (que viria a ser o “perpétuo” líder espiritual da Coreia do Norte e sobre o qual se construiria um forte culto à personalidade) usaria o Hangeul e a cultura tradicional coreana como instrumento de coesão revolucionária, sendo a resistência cultural anti-japonesa motivo de orgulho nacional até hoje em toda a península – muito embora o papel de Kim Il-Sung na resistência revolucionária seja relativizado ao Sul (SAGERS, 2014).

No entanto, mesmo tendo este arcabouço cultural em vista, uma grande questão permanece sobre a base étnica do nacionalismo coreano: ele é

sustentável? Seria possível descolar seu sentimento nacional da raça? No mundo Globalizado em que Seul se submergiu e pretende se tornar liderança, *policy makers* começaram a se perguntar como indivíduos de fenótipo negro, por exemplo, fluentes em coreano e versados em sua cultura, seriam um dia aceitos como parte da comunidade imaginada coreana. Este seria um grande empecilho para o discurso de globalização que tão prontamente foi encabeçado nas searas internacionais na Coreia do Sul e que domesticamente possui tanta dificuldade de ser contemplado. Apesar dos fluxos migratórios serem tímidos, estes já superam os dos vizinhos Japão e China em números relativos e é uma questão sobre o qual os estudiosos do nacionalismo coreano recorrentemente se debruçam. Muitos questionam se uma Coreia unificada, ainda mais imbuída de sua particularidade étnico-racial, seria capaz de abraçar a pluralidade do mundo em seu território e mesmo se assim o fosse, como uma reunificação se justificaria?

Em seu livro de 2006, "Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy", Shin Gi-wook argumenta que a incerteza e a precariedade provocadas pela globalização criaram condições para que esse tipo específico de nacionalismo, o étnico-racial, pudesse ser constantemente reproduzida mundialmente, sendo a Coreia terreno fértil para sua perpetuação. Para o autor, a etnia e consequentemente a raça seriam um porto-seguro contra a instabilidade externa, que haveria sido reforçada inclusive nos anos 90, durante a crise da Ásia, onde a xenofobia no Sul da península chegou a extremos e, como efeito colateral, teria reforçado os elos imaginários com o norte em detrimento de uma empatia com "estrangeiros". Contudo, outros estudiosos, como Jin-kyung Lee (2010), discordam. Em seu livro "Service Economies: Militarism, Sex, and Migrant Labor in South Korea", Lee argumenta que a transformação econômica proporcionada pela intensa globalização na Coreia do Sul estaria diluindo o forte componente étnico ainda presente no nacionalismo sul-coreano contemporâneo; em outras palavras, nação e etnia estariam em "lento" processo de dissociação. Os deslocamentos sociais causados pelo capitalismo global criaram gradualmente um novo espaço através do qual a nação poderia ser imaginada

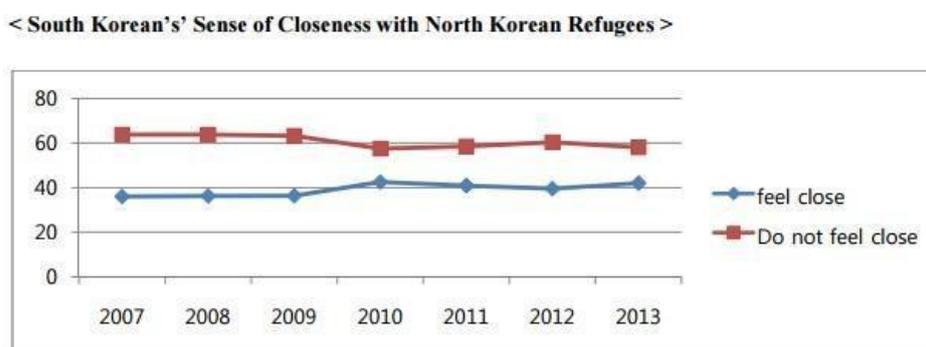
Independentemente do ponto de vista que se assume em relação a questão étnica na Coreia, é possível dizer que o estado de armistício estabelecido em 1953 se

transformou no novo mito fundacional de dois países pela metade, muito embora ambos só tenham se reconhecido como atores legítimos na década de 80. Mesmo hoje, ambos os lados do paralelo 38 invocam em seu discurso oficial a unicidade do povo coreano, a meta de reunificação é dever de Estado em ambas as constituições, mas os efeitos da divisão se tornam gradativamente evidentes – em despeito do discurso, da língua e do sentimento étnico. Os migrantes norte-coreanos são possivelmente a maior expressão desta incoerência e a forma corpórea de sua urgência. Isto, contudo, não sepultou necessariamente a narrativa da Coreia Unida. Ao contrário, ela permanece viva e observável – sendo manifestada por ambos os Estados.

A lenta dissociação entre as duas Coreia

Como dados do próprio ministério da unificação apontam em um relatório especial emitido em 2014, a percepção contemporânea de refugiados Norte coreanos na Coreia do Sul está longe de endossar o sentimento de fraternidade pleiteado pelo discurso político oficial de Seul (ou mesmo de Pyongyang): 60% da população Sul-coreana afirma não se sentir próximo desta crescente parcela de sua sociedade, apesar dos esforços em sentido contrário do Ministério da Unificação e outras entidades.

Gráfico 4 – Senso de Proximidade entre Norte e Sul coreanos



Livre tradução: Senso de proximidade entre Sul-coreanos e Norte-coreanos /

Linha azul: se sentem próximos/ Linha vermelha: não se sentem próximos

Fonte: [Status of North Korean Defectors Report, 북한이탈주민 현황].. Resettlement Support

Division – Ministry of Unification. 2015 p. 45

Além disto, dentre as principais queixas encontradas no processo de acolhimento de Norte-coreanos em sua nova casa, o mesmo relatório aponta que 33% destes afirmam terem sido vítimas de discriminação por sua condição e 29% apontam ter sérias dificuldades com a adaptação cultural. O dado mais alarmante divulgado pelo relatório, contudo, é de que 26% dos refugiados afirmam sentirem que os Sul-coreanos os enxergam como uma nacionalidade diferente. Estes dados corroboram pesquisa feita em 2010 (SHIM, p. 57) que aponta que mais da metade dos refugiados vivendo no Sul preferem manter sua identidade de “Norte coreano”, e relatam desejo de voltar ao Norte em um momento de possível reunificação.

Estes dados contrastam com outros indicadores de inserção social mais positivos que os programas anteriormente descritos tentam apontar como indicadores de progresso: enquanto em 2007 a taxa de desemprego entre os refugiados era de 23%, em 2014 é de 9.7%. A taxa de evasão escolar dentre os refugiados mais jovens caiu de 10% para 3.5%. Todavia, se cruzarmos estes dados com a média geral de desemprego e evasão escolar do país fornecida por outras agências governamentais sul-coreanas, percebemos que esta taxa é de 5 a 6 vezes maior que a encontrada pelo sul-coreano regular.

Tabela 1 – Taxas de evasão escolar e desemprego na Coreia do Sul

Taxa de desemprego médio na Coreia do Sul	Taxa de desemprego médio na Coreia do Sul entre refugiados Norte-coreanos	Taxa de evasão escolar média na Coreia do Sul	Taxa de evasão média na Coreia do Sul entre refugiados Norte-coreanos
2.2%	9.7%	0.9%	4.1%

Fonte: [Status of North Korean Defectors Report, 북한이탈주민 현황].. Resettlement Support Division – Ministry of Unification. 2015 p. 65

Tal desnível abre espaço para reflexões mais profundas sobre a origem do sentimento de desconexão e alteridade existente entre os refugiados norte-coreanos e seus conterrâneos do Sul. E até a ocorrência de um fenômeno raro, porém crescente: os duplos desertores. Ou seja, norte-coreanos que migraram para o sul e, insatisfeitos com a vida que encontraram, retornaram para o norte. (MCCURRY,

2015). Os depoimentos de refugiados norte-coreanos que alegam não conseguirem se adaptar e desejam retornar ao país de origem geram um desconforto a Seul, que não permite tal retorno, prendendo os indivíduos que tentam retornar através da fronteira, norte coreanos ou não. Via de regra a administração pública não comenta tais manifestações, e afirma que nos últimos 10 anos menos de 20 refugiados coreanos realizaram a migração de retorno a Pyongyang, apesar de fontes jornalísticas relatarem números bem maiores – em torno de 800 indivíduos. (TAYLOR, 2013)

Estes dados sólidos apontam para uma realidade que os casos que pretendo abordar - o sistema de acolhimento de refugiados, a política pública de memória e o discurso político para as iniciativas de cooperação com o norte – ilustram em mais detalhe. A realidade de que a longeva ideia de uma coreia unida se encontra em um embate diário com forças de dissociação.

Objetivos gerais e específicos

Objetivo geral: Entender como as políticas públicas de memória coreana colaboram com a construção seu senso de Identidade nacional.

Objetivos específicos:

- I) Analisar o programa de acolhimento de refugiados norte-coreanos na Coreia do Sul, *Hanawon*, e sua adequação perante os sentimentos políticos presentes na península
→ A partir do estudo das atividades deste programa, entender o projeto de unificação que é desenvolvido pelo Ministério da Unificação sul-coreano – que coordena o programa.
- II) Pesquisar as políticas públicas de memória sobre o Período de ocupação japonesa, a Guerra da Coreia e sobre a divisão da península na Coreia do Sul com um foco na narrativa disponibilizada por Museus, Memoriais e (possivelmente) livros didáticos.
→ Na medida do que for possível de ser acessado, replicar os mesmos esforços de pesquisa sobre a Coreia do Norte.

Considerações sobre metodologia

Este trabalho irá se apoiar concomitantemente na seguinte metodologia para alcançar seus objetivos: o estudo de caso e a análise de conteúdo. Os estudos de caso a serem analisados, como anteriormente abordados serão: 1) O programa de reassentamento de refugiados norte-coreanos na Coreia do Sul, o chamado *Hanawon* 2) As políticas públicas de memória sobre a Guerra da Coreia e sobre a ideia de unificação através de memoriais e museus. De forma complementar serão apresentadas análises sobre a identidade nacional coreana da forma que ela é representada em sua cultura popular.

Seguindo aquilo que é proposto por Lakatos e Marconi (2003), a elaboração da análise de conteúdo deste projeto contará com três níveis de análise para a avaliar a substância dos textos em questão – sejam estes discursos, conteúdo didático de museus, relatórios de performance de organismos públicos ou a imagem de memoriais -, sendo eles: interpretação, explicação e especificação. Dessa maneira, os conceitos anteriormente apresentados serão mobilizados para possibilitar os três níveis de análise supracitados.

Como já foi dito, este projeto assume que terá um foco maior sobre as interpretações sul-coreanas sobre a questão de identidade nacional por razões de honestidade acadêmica – o acesso de documentos norte-coreanos críveis sobre o tema é virtualmente impossível, haja vista a natureza introspectiva do Estado e a crescente desinformação em torno dele. Como principal indicador de senso de prioridade da administração pública sul-coreana em termos de assentamento e unificação da península, o principal documento a ser analisado será o seu *Annual White Paper of Korean Unification*³, publicado anualmente pelo Ministério da Unificação Sul-coreano eleito por sua extensão e sazonalidade nos temas aqui abordados. Por outro lado, quando possível, este se prestará a fornecer o contraponto de Pyongyang.

³ O documento é publicado nas línguas coreana e inglesa todos os anos desde 2008 em sua integridade. A versão utilizada para a pesquisa deste trabalho é a de língua inglesa.

1 MUSEUS, MEMORIAIS E VIOLÊNCIAS DIDÁTICAS – AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE MEMÓRIA SOBRE A GUERRA DA COREIA E SOBRE A IDEIA DE UNIFICAÇÃO

Na península coreana, dentre os poucos elementos que de fato podem ser utilizados como objeto de estudo comparado entre as ações de política pública para a formação de identidade nacional de ambos os Estados presentes na região, com reduzido risco de ruído externo, estão os monumentos e museus históricos que retratam a condição da península coreana. Isto se dá pois, na medida que estes são obras encomendadas e aprovadas pelas respectivas administrações (LEE, 2007) e passam a ocupar espaço no cotidiano dos respectivos cidadãos, estes refletem uma narrativa oficial do que seria esta identidade nacional de forma corpórea e com pouco espaço para distorções externas – não existem dúvidas sobre sua existência material ou implementação, como por tantas vezes é o caso das atividades do aparato público norte-coreano⁴. Tomemos como exemplo os seguintes monumentos que retratam a condição coreana, respectivamente em Seul e Pyongyang:

Imagem 1 – “Statue of Brothers” – Artista: Choi Young Jeep - Inaugurada em 1994, Museu do Memorial da Guerra – Seoul, Coreia do Sul



Fonte: Foto do autor, Junho de 2016

⁴ Não que a falta de comprovação material das fala políticas norte-coreanas tome seu discurso irrelevante perante o marco construtivista adotado por este trabalho. Se o discurso estatal norte-coreano é internalizado por seus cidadãos, como o de qualquer outra administração pública, independente do disparate perante a materialidade, este é matéria prima para sua identidade política (LEBOW, 2009)

Imagem 2 – “The Unification Arch” – Artista: Desconhecido – Inaugurado em 2001 celebrando a visão de reunificação apresentada por Kim Il-sung



Fonte: DPRK 360 Project, 2018

Ambas as esculturas, cartões postais das capitais, são textos que abrem margem para interpretações sobre o lugar que cada Coreia ocupa em suas respectivas narrativas nacionais e buscam dar forma física aos sentimentos vividos de forma conjunta por todos os coreanos – o trauma da separação e o sonho da unificação - e o relaciona com os objetivos dos tomadores de decisão dentro do Estado - estes mesmos afetados e reprodutores deste sentimento nacional na posição de Estado (MIN, 2015). De um lado temos a narrativa sul-coreana, onde encontramos uma história de fraternidade com o “irmão caído”, do Norte, e uma romantização da “injusta tragédia” da separação, enquanto a península erode sob os pés das duas figuras. Do outro, na contraparte norte-coreana, temos uma gigantesca edificação glorificando o sonhado dia da unificação, onde sul e norte-coreanos - vistos como iguais - voltariam a compartilhar a península. As duas histórias, conquanto diferentes, partem do mesmo princípio: do outro lado da fronteira habitaria muito mais do que um simples inimigo.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, podemos perceber que as exposições de museus históricos e memoriais podem ser examinadas de muitas perspectivas: analisando como os fatos históricos são apresentados e omitidos, forjando as narrativas contadas por este passado; Entendendo como seu design,

layout e uso de mídia envolvem a atenção e as emoções dos visitantes; Estruturando o trajeto de visitantes que experimentam eventos passados enquanto atravessam os salões dos museus; Interpretando as controvérsias que envolvem sua criação; E fundamentalmente criando as bases de auto-imagem que sustentam o sentimento de *Honra*. Contudo, para entender o papel que os museus e os memoriais - aqui entendidos como as duas principais ferramentas das políticas pública de memória - desempenha na criação de identidades e sentimentos políticos no contexto coreano, bem como, neste caso, na manutenção de um ideal de co-nacionalidade, é necessário conhecer o lugar que cada museu e monumento ocupa dentro da estratégia de política pública de memória do país pelos Estados. É preciso saber quem visita o museu e se estes são apresentados como uma narrativa nacional inquestionável sobre o passado, ou se os seus displays são abertos a múltiplas interpretações ou desafiados por discursos alternativos. É preciso saber também quais são os seus principais objetivos.

É notório que grande parte dos esforços da política pública na península coreana são voltados para a manutenção dos ideais de *han nara* (conceito de “único povo, única história”) para a juventude: seja nas canções sobre a unificação cantadas nas escolas de Seul e Pyongyang (DEMİK, 2009, p. 257) quanto no uso recorrente de mascotes infantis e recursos lúdicos para contar a tragédia e o destino de unificação da nação (imagem 1.3). A ideia de uma Coreia única teria se tornado pilar da auto-imagem das duas Coreias, e a perpetuação desta ideia central para os interesses imbuídos no sentimento político de *Honra*. A articulação destas iniciativas com esta parcela específica da população, a juventude, será central neste setor da pesquisa.

Imagem 3 – *Midori*, mascote oficial do Memorial de Guerra da Coreia. De acordo com a descrição de seu perfil no site oficial do Ministério da unificação ele surgiu “do sentimento de todo coreano em viver juntos em harmonia novamente”.



Fonte: CHILDREN'S MUSEUM, 2017

Este capítulo também se encontra particularmente interessado em entender como a representação dos museus da guerra da Coreia e os seus memórias influenciam as percepções da crise contemporânea na península coreana e como esta dialoga com sua identidade nacional nos dois lados da fronteira perante seus habitantes e também por seus visitantes estrangeiros. Por esse motivo, será considerado como estes abordam certas questões-chave sobre as origens e consequências do conflito: o pano de fundo da tragédia da Guerra da Coreia, a divisão, seus heróis, vilões e vítimas, etc. Para responder as questões centrais e acessórias, é necessário analisar as narrativas factuais apresentadas através de informações escritas, fotos, artefatos, exibições de vídeo, etc. Mas também é importante considerar a mídia através da qual a história é contada, em consideração metalinguística. Como os museus da Guerra da Coreia usam design e tecnologia para evocar a experiência da guerra, particularmente para quem não tem memória direta de seus eventos – a juventude já assinalada.

Neste capítulo serão feitas algumas reflexões críticas sobre o papel dos museus dentro da estratégia do Estado para avaliar os vínculos por eles forjados entre suas representações do passado e os entendimentos contestados do presente, tendo em vista suas percebidas motivações calcadas em sentimentos políticos. Entende-se que, seguindo a lógica apresentada do construtivismo psicológico, os museus e memoriais seriam tradicionalmente a manifestação mais independente do sentimento de *Honra* pelos Estados - onde possuem maior

liberdade de imprimir estes anseios na sociedade com menores pressões dos vetores de *Medo* e *Interesse*⁵. Aqui também se pretende utilizar a noção de "ausência estruturada" observada pelo historiador especialista em Coreia, Bruce Cumings (2007) – em que as narrativas que contestam o projeto público de memória são sistematicamente omitidas, ao invés de serem abertamente contestadas, dependendo do propósito do espaço de memória em questão. Uma exploração desses museus oferece vislumbres do caminho em que a lembrança e o esquecimento estão entrelaçados nestes projetos. Cada memorial e museu apresenta uma narrativa da guerra cuidadosamente construída em resposta ao complexo contexto político, social e cultural em que as edificações operam. Cada narrativa, ao iluminar certos rostos da guerra e ocultar outros, intensifica os vetores políticos por este trabalho identificados.

A tarefa é complicada pelo status ambíguo desses monumentos como "memoriais" e "museus" (MORRIS-SUZUKI, 2013). Ao compará-los e (metaforicamente) colocar suas exibições conflitantes lado a lado, dentro de cada Coreia e entre elas, podemos preencher as ausências com presença e descobrir alguns indícios para caminhos que podem nos levar a um resultado coerente nessa construção conjunta de nação. Pretende-se comprovar isto se utilizando tanto de vivências pessoais ao visitar esses museus e edificações (em Seul) quanto pela observação de imagens e relatos através da leitura de especialista em arquitetura de memoriais como fonte para este capítulo - de forma a abranger este estudo para Pyongyang. Os seguintes museus serão foco desta análise, baseando-se tanto no número de visitantes locais⁶ estimados quanto pelo seu foco de narrativa quanto instituições históricas:

⁵ Porém, como veremos a seção dedicada a DMZ, também podem operar em favor de outros sentimentos.

⁶ A DMZ sendo exceção, uma vez que tanto sul-quanto norte-coreanos são proibidos de entrar no limite de 6 km que compõe o complexo desde os anos 90. Esta seção entra na análise como uma visão da identidade externa da península.

Tabela 2 – Locais de pesquisa selecionados

Nome do Museu/Memorial ⁷	Localidade
War Memorial of Korea	Seul
Seoul Museum of History	Seul
The Victorious Fatherland Liberation War Museum	Pyongyang
DMZ (Zona desmilitarizada)	Panmunjom (fronteira)
Sinch'ŏn Museum of American War Atrocities	Sinch'ŏn (Coreia do Norte)

Fonte: DPRK 360 PROJECT, 2017; Korea Tourism Organization Webpage (<http://english.visitkorea.or.kr/enu/index.kto>), 2017

1.1 Memória e identidade nacional: traçando definições

Como já estabelecido em capítulo anterior, esta dissertação irá trabalhar com a hipótese de identidades nacionais concomitantemente conflitantes e consoantes dentro da península coreana e irá se utilizar da corporeidade das políticas públicas de memória de ambos os Estados soberanos ali presentes para tentar compreender a atuação destes vetores pautadas em sentimentos políticos. Contudo, antes de nos debruçarmos nesta empreitada é necessário dar um passo para trás e contemplarmos mesmo que brevemente uma questão espinhosa: o que seria identidade nacional e qual seria o papel de museus e memoriais em sua construção?

Em geral, os museus históricos e memoriais refletem a consciência de uma comunidade sobre sua história e identidade (SMITH, 1994). Os memoriais de guerra contemporâneos estão intimamente relacionados com a formação dos estados modernos e do sentimento de nacionalismo. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, as nações vencedoras transmitiram suas lembranças oficiais ao povo sob

⁷ Os nomes dos museus e das exposições serão via-de-regra referidos por seu nome em inglês da forma que são oferecidos pelas instituições responsáveis, com livres traduções pelo autor quando pertinente.

a forma de memoriais de guerra. Uma conexão é forjada pela administração pública por meio de atos comemorativos específicos, um processo pelo qual as experiências passadas são reconstruídas para o contexto social do presente e perpetuadas (SCHWARTZ, 1982). Este processo de comemoração é principalmente realizado em um formato coletivo que enquadra as emoções e a consciência de seus constituintes e, em última instância, é a matéria prima da identidade dos envolvidos. Ou seja, um sentido de identidade, no caso nacional, baseia-se principalmente em um conjunto comum de experiências e sentimentos entre os indivíduos - com a curadoria de uma elite política, como assinalaria Benedict Anderson (2008) - e o subsequente compartilhamento e instrumentalização destas memórias pelos atores políticos envolvidos para o perpetuamento e expansão das mesmas (SMITH, 1996).

Na medida que as memórias e identidades coletivas são criadas e tornadas significativas através de redes de atores políticos, e neste caso principalmente pelo Estado, seu senso de comunidade inclusivo é compartilhado de forma a canalizar sentimentos como amor, ódio e medo em comportamentos sociais mais centralizados (MELUCCI, 1995; LEBOW, 2009). Se historicamente, podemos arguir que os memoriais de guerra foram criados simplesmente como símbolos para idealizar a guerra em forma artística de modo a sensibilizar seus espectadores, nos últimos anos, os memoriais de guerra passaram a incorporar elementos da autoridade estatal, justificação da guerra, simpatia para as vítimas e toda sorte de mensagens. Principalmente eles recriam o passado para retratar as guerras como atos nobres (ou nefastos) e retratam soldados caídos como heróis que deram suas vidas pelo seu país (KIDD & MURDOCH, 2004). Se considerarmos o argumento de historiadores como Hobsbawm (2010) de que as grandes guerras mundiais foram o berço do estado-nação moderno, não é de se estranhar que os mesmos se utilizem vastamente deste imaginário para consolidar sua própria auto-imagem e estabelecerem os parâmetros de manutenção de sua *Honra*, mesmo quando as ameaças fáticas das narrativas bélicas tenham sido dissipadas décadas atrás (ELGENIUS, 2015).

As imagens de tais soldados e vítimas destas guerras são transformadas em figuras míticas e até religiosas, e as batalhas em que participaram são retratadas como épicos. Através da morte e do trauma, eles são vistos como protetores de um

bem maior, de seu Estado e nação, e seus sacrifícios reproduzem o senso de consciência coletiva e auto-estima para os membros da comunidade sobrevivente (GILLIS, 1994). Desta forma, ícones simbólicos e meios culturais dão origem a identidade coletiva que sustenta os sentimentos políticos nacionais referidos anteriormente. O conteúdo e a composição dos museus de guerra, como memórias oficiais, via-de-regra, revelam didaticamente as intenções do Estado em participar desta construção. Além disso, a localização de um memorial e a formatação de seu espaço físico também definem o significado do evento que é materializado para seus espectadores na forma como é interpretado pelo Estado, ou seja, de uma elite política, de forma a servir os seus objetivos guiados pela *Honra* (KRMPOICH, 2016).

Em outras palavras, as narrativas sobre as vítimas, civis ou não, pela ação da política pública de memória, não pertencem mais aos próprios indivíduos, mas são matéria prima para ações de terceiros, inclusive e principalmente do Estado; Eles se tornam parte da história oficial que a nação passa a lembrar e comemorar em preservação de sua própria identidade. A construção da Coreia, ou melhor, de sua divisão, que se fundamenta em dolorosos massacres, não é exceção: tanto ao Norte quanto ao Sul. É necessário assinalar, contudo, que construção da Identidade nacional através da política pública de memória trata-se de um processo custoso e crescentemente cacofônico, que possui impactos diretos na *praxis* políticas dos Estados - especialmente aqueles com o poder de agenda menos centralizada. Lebow (p. 5, 2008), observa que o papel de influência dos Estados sobre a memória e os sentimentos políticos, apesar de ainda significativo, tem se tornado menos eficiente com o passar dos anos, sugerindo inclusive que os Estados tomem posturas mais parecidas com as da iniciativa privada para conseguir alcançar seus objetivos:

For reasons I have noted, institutional memory can be expected to become less monolithic and more problematic. This is already evident in democratic countries and is likely to become more apparent in authoritarian regimes as it becomes increasingly difficult to maintain a monopoly over the flow of information. Collective memory communities proliferate when states lose the ability to impose institutional memories on their populations. They also become more important when they sustain multiple identities that have the potential to reduce the overall importance of national identity to populations. In Europe, multiple identities have proliferated and increased in importance, although national identities have not undergone a significant decline [...] The ability to influence memories at the collective versus the institutional level requires a different set of resources and strategies. As one size does not fit all, governments that want to influence collective memory must direct their

*efforts at specific memory communities. They must become more like businesses and political movements that use large databanks and sophisticated algorithms to identify and target selected groups of consumers and voters. Nongovernmental keepers of collective memories will develop their own methods—cultural spam filters—to protect themselves from unwanted outside messages.*⁸

Em suma, o poder dos Estados sobre as identidades coletivas, principalmente sobre a identidade nacional e a memória, vêm deixando de se tornar um monopólio, de modo que os sentimentos políticos de outros atores que disputam este território tem ganhado espaço e modificando a própria *praxis* estatal. Um fenômeno que inclusive possibilita a ruptura de identidades nacionais graficamente descrita no capítulo introdutório deste trabalho. A Coreia do Norte, tendo uma agência sobre a memória vastamente centralizada (SUNGHOON, 2015) e portanto tendo um monopólio maior sobre o sentimento da *Honra*, não poderia manter uma união totalmente coerente com o Sul em discurso mesmo que as questões clássicas da diplomacia (as capitaneadas por *Interesse* e *Medo*) fossem resolvidas, uma vez que mais atores da sociedade civil também passam a operar politicamente por este sentimento.

Um outro caso de disputa de memória na Ásia que pode ilustrar bem esta crescente porosidade entre memória, política pública, identidade e sociedade, bem como a força que o critério *Honra*, identificado pelos construtivistas psicológicos, exerce na tomada de decisões do Estado é o caso das chamadas “mulheres de conforto”. O termo é um eufemismo para as 200 mil jovens meninas e mulheres sul-

⁸ [livre tradução] Por razões que notei, a memória institucional tem se tornado menos monolítica e mais problemática. Isso já é evidente nos países democráticos e é provável que se torne mais aparente nos regimes autoritários à medida que se torna cada vez mais difícil manter o monopólio sobre o fluxo de informações. As comunidades de memória coletiva proliferam quando os estados perdem a capacidade de impor memórias institucionais às suas populações. Eles também se tornam mais importantes quando sustentam múltiplas identidades que têm o potencial de reduzir a importância geral da identidade nacional para as populações. Na Europa, várias identidades proliferaram e aumentaram a importância, embora as identidades nacionais não tenham sofrido um declínio significativo [...] A capacidade de influenciar as memórias no nível coletivo versus institucional requer um conjunto diferente de recursos e estratégias. Como “um tamanho só não cabe em todos”, os governos que desejam influenciar a memória coletiva devem dirigir seus esforços para comunidades de memória específicas. Eles devem se tornar mais como negócios e movimentos políticos que usam grandes bancos de dados e algoritmos sofisticados para identificar e segmentar grupos selecionados de consumidores e eleitores. Os guardiões não-governamentais de memórias coletivas desenvolverão seus próprios métodos - filtros de spam culturais - para se proteger de mensagens externas indesejadas.

coreanas que foram submetidas à escravidão sexual em bordéis japoneses antes e durante a Segunda Guerra Mundial, sendo motivo de controvérsia entre os dois países desde a emancipação coreana do Império Japonês, que foi o prelúdio para a própria fragmentação do país. (WARD & LAY, 2016)

Imagem 4 – Estátua homenageando as “mulheres de conforto” em frente a embaixada japonesa de Seul - Artistas: Kim Seo-kyung and Kim Eun-sung - Instalada em múltiplas localidades de 2011 em diante.



Fonte: CNN, 2017

No início da década, múltiplos grupos da sociedade civil sul-coreana, demandando um maior reconhecimento do Estado japonês por seus crimes de guerra, passaram a implementar, sem o imediato aval público, estátuas em memória a estes acontecimentos em locais de alta visibilidade (ônibus e avenidas) e pressão política (em frente a embaixadas e consulados japoneses). O movimento ganhou proporções mundiais, com monumentos similares tendo sido introduzidos nos últimos anos em países como EUA, China, Austrália e Alemanha⁹.

As estátuas, apesar de causarem um grande desconforto diplomático com o Japão, hoje um dos maiores parceiros comerciais e aliado estratégico em segurança

⁹ Uma lista completa de todos os memoriais homenageando as “mulheres de conforto” pode ser encontrada no link: <http://peace.maripo.com/p_comfort_women.htm>.

regional, foram posteriormente aprovadas pelos prefeitos de Seul e Busan como "oportunidade de homenagear as vítimas", mostrando-se imensamente populares na Coreia do Sul. Em momento posterior, a companhia de transporte público de Seul aprovou que versões da estátua fossem fixadas em ônibus da cidade, para que fossem "visualizadas e memorizadas por mais pessoas" (BUSINESS INSIDER, 2016), mostrando que a capacidade de ação política internacional pautada por sentimentos de *Honra* pode partir até mesmo de atores muito distantes das fontes clássicas das relações internacionais.

Imagem 5 – Estátua homenageando as “mulheres de conforto” em ônibus de Seul, elaborada e fixada pela companhia de transporte público Dong-A



Fonte: BUSINESS INSIDER, 2016

No Japão, o governo argumentou que a manutenção das estátuas constituem uma violação de um acordo de 2015 em que o Japão teria se desculpado formalmente pelo que aconteceu com as mulheres. No acordo, o Japão concordou em pedir desculpas e criar um fundo de 9 milhões de dólares para cuidar das mulheres de conforto sobreviventes e, de acordo, a Coreia do Sul concordou em não criticar o Japão sobre a questão em fóruns internacionais. A sinceridade da desculpa japonesa, no entanto, foi testada apenas dois meses após o suposto acordo, quando o vice-ministro das Relações Exteriores, Shinsuke Sugiyama, declarou às Nações

Unidas que não havia evidências de que o governo japonês tivesse "forçado as mulheres de conforto a servidão sexual" (KUMAGAI, 2016), fala que desencadeou com força atos de municipalidades coreanas em prol das memórias das "mulheres de conforto". Reportadamente, Shinzo Abe, Primeiro-ministro do Japão, teria sido o primeiro mandatário a telefonar para o recém-eleito Presidente Moon Jae-in nas eleições de 2017, tendo como uma das principais pautas justamente resolver a questão das estátuas das "mulheres de conforto". Moon, em despeito da parceria atual com a nação japonesa, teria respondido com frieza aos pedidos de remoção das estátuas por Abe, dizendo que representavam "os sentimentos de inúmeros coreanos" e que a situação necessitaria de "mais diplomacia" (CNN, 2017; Al Jazeera America, 2017). Ou seja, não apenas a política pública de memória do Estado é pautada pelos seus próprios sentimentos, mas interage com a da sua população, que nem sempre é previsível e controlável. Trata-se de um jogo político de múltiplos tabuleiros e jogadores. Focamos aqui em dois deles.

1.2 Didática, tecnológica, emocional e asséptica: a narrativa sul-coreana

Nesta sessão, a narrativa de duas das principais edificações históricas da Coreia do Sul são examinados: o Memorial da Guerra da Coreia e o Museu Histórico de Seul, ambos localizados na capital. A pesquisa realizada apontou que os dois museus possuem notáveis pontos de convergência em sua estratégia quanto política pública de memória: Fazem extensivo recurso de dispositivos tecnológicos para as suas narrativas; possuem um caráter didático prioritariamente voltada para a juventude sul-coreana; utilizam substantivamente da dimensão emocional em suas exposições (utilizando termos como *família*, *tragédia*, *irmão*, *sofrimento*, bem como obras de arte que tentam capturar tal dimensão); dão poucas aberturas para interpretações alternativas para os eventos históricos da modernidade coreana e, principalmente, fazem omissões estratégicas em suas histórias para preservar seu próprio senso de *Honra*.

Contudo, é fundamental notar que conquanto similares, estes museus foram escolhidos para este trabalho para serem analisados independentemente por terem objetivos diferentes dentro do que o mesmo compreende como a estratégia sul-

coreana de Memória. O Memorial da Guerra da Coreia se dedica a espinhosa tarefa de memorizar o conflito interpeninsular coreano - como vimos, uma fonte principal da identidade do Estado-nação moderno - sem demonizar seu adversário, propondo uma unidade com o próprio - um objetivo pautado principalmente pelo sentimento de *Honra*, que seria ligado a identidade peninsular. O Museu Histórico Nacional de Seul, por sua vez, possui a tarefa igualmente capciosa de forjar uma narrativa coerente de progresso para a Coreia do Sul que justifique seus êxitos e particularidades sapateando em torno do prospecto de unificação - não o classificando como um estorvo ou uma benesse, apenas uma eventualidade.

Através da leitura conjunta dos dois casos pretende-se entender como os vetores políticos da identidade península coreana são orquestrados pela administração pública de memória sul-coreana e em que medida a mesma abre espaço para que surjam identidades nacionais independentes - sempre focando na preservação de sua auto-imagem (*Honra*).

Imagem 6 – Foto externa do Memorial da Guerra da Coreia - Instrumentos militares ficam expostos



Fonte: Fotografia tirada pelo auotr, Junho 2015

A) War Memorial of Korea (Memorial da Guerra da Coreia): Uma guerra de notáveis vítimas e ocultos inimigos

O Memorial da Guerra da Coreia é um gigantesco complexo em Seul, Coreia do Sul, onde os que morreram na guerra fratricida da Coreia (1950-53) são honrados e as memórias da divisão da península são revisitadas¹⁰. Aqueles que se aproximam do prédio principal se encontram em uma praça ampla, cercada por estátuas de soldados e refugiados, homenagens aos dezesseis países que despacharam tropas para o conflito sob os auspícios das Nações Unidas, uma exposição ao ar livre de aviões militares, tanques e navios que fizeram parte da guerra e, finalmente, um monumento emocionante de reunião entre dois irmãos divididos pelo conflito (representada no começo deste capítulo).

O museu, apesar de ter a guerra de 1953 como seu carro-chefe, ocupando 75% do espaço expositivo, situa dentro de uma longa narrativa de invasões e guerras na península coreana. Alas periféricas recontam o período monárquico coreano e as repetidas tentativas de invasões estrangeiras ao seu território. Um outro segmento reconta a controversa participação da Coreia ao lado dos EUA na Guerra do Vietnã (KWON, 2017). A escolha de inserir a Guerra da Coreia em uma narrativa maior, uma que precede o próprio Estado-nação sul-coreano parece reforçar a ideia de península coreana como uma identidade resiliente, que sofreu diversas “tragédias” e “injustiças” ao longo de sua história, saindo sobrevivente de todas elas. Os eventos de 1953 em diante seriam apenas mais um infortúnio de uma narrativa de mais de 3000 anos de idade, algo que dá força para o argumento da reunificação. É possível ler a seguinte inscrição, em inglês e coreano, na entrada do memorial:

Our nation has withstood the never-ending threat of other nations with the strong nationalism that has developed into our current Korea. The patriotism of our forefathers started from the time of the three nations as well as through the Koryeo dynasty, Chosun dynasty and the Today. It is the main power that saves Korea from war and hardship (sic). The Memorial Hall is a

¹⁰ Análise feita através de múltiplas visitas realizadas no espaço durante o primeiro semestre de 2015. Todas as fotos que retratam museus na Coreia do Sul são de autoria própria,

*place to think back about the great pain that this nation went through, as well as, to thank our forefathers for their patriotism and sacrifices.*¹¹

Em contrapartida, um dos pontos mais notáveis da narrativa exposta pelo memorial de guerra é a ausência do anticomunismo virulento que foi tão integral para a formação do Estado sul-coreano em seu período pré-democrático, portanto presente através da maior parte da sua existência (1953-1988). Essa característica do memorial é explicada por um artigo analítico amplamente difundido de 2007, co-escrito por Sheila Miyoshi Jager e Jiyul Kim, intitulado "*The Korean War after the Cold War: Commemorating the Armistice Agreement in South Korea*". Jager e Kim caracterizam o memorial, inaugurado em 1994, como "um dos maiores legados presidenciais" de Roh Tae Woo, o primeiro presidente democraticamente eleito da história da Coreia do Sul e demonstram convincentemente como se deu o processo de monumentalização da Guerra da Coreia no período pós-Guerra Fria. De acordo com os autores, uma das características marcantes desta exposição permanente é o dito *downplaying* da retórica anti-norte-coreana e anti-comunista, onde é "notadamente ausente" do memorial e da memória pública em geral. Os autores apontam esta iniciativa como uma forma de abrir espaços para iniciativas de reunificação, inspirando-se nos eventos pós queda do muro de berlim, que teria acontecido alguns anos antes a abertura do memorial.

Neste sentido, quaisquer representações da luta brutal entre os norte e sul-coreanos ou qualquer referência a atrocidades conhecidas norte-coreanas durante a guerra, tais como tortura e outros crimes de guerra são omitidos de forma explícita. De fato, apesar de se tratar de uma narrativa de guerra, não há sangue. E quase não há vilões. Apenas muitos heróis e vítimas. Como o trecho assinalado anteriormente aponta, a culpa da guerra pertence a invasão de nações estrangeiras, o que não é o caso da Coreia do Norte, mas também seria difícil de atribuir totalmente a China ou União Soviética, que tiveram entradas pontuais na guerra. A

¹¹ [livre tradução] Nossa nação resistiu à ameaça incessante de outras nações com o forte nacionalismo que se desenvolveu em nossa Coréia atual. O patriotismo de nossos antepassados começou desde o tempo das três nações, bem como através da dinastia Koryeo, da dinastia Chosun e do Today. É o principal poder que poupa a Coréia da guerra e das dificuldades (sic). O Memorial Hall é um lugar para pensar sobre a grande dor que esta nação passou, bem como para agradecer aos nossos antepassados pelo seu patriotismo e os sacrifícios.

expressões “*ideologia*”, “*Interesse de grande potências*” e “*Invasões estrangeiras*”, são atribuídas como a fonte do sofrimento coreano, de forma quase sempre difusa. Quando personificadas, apenas na figura da dinastia Kim, ocasionalmente retratados como sedentos por poder, ou até mesmo no expansionismo Japonês, onde, seguindo um pensamento contrafactual, tendo anexado a península coreana durante a segunda guerra mundial, teria desencadeado o conflito. O desprezo pela conduta japonesa durante a segunda guerra mundial, por sua vez, é extremamente interessante de ser explorado pela perspectiva da unificação, uma vez que se trata de ponto de encontro narrativo na memória de ambas as Coreias.

Armas, canhões e caças ao invés de serem retratados como veículos do medo e pesar causados pela guerra, aparecem nas exposições como elementos lúdicos e interativos, sendo inclusive as principais ferramentas de engajamento e didatismo com a juventude para a questão nacional. Em uma das 3 (!) salas de cinema 3D/4D que o memorial conta, os visitantes se juntam a uma versão animada tridimensional do General MacArthur, principal estrategista militar norte-americano para a Ásia-Pacífico dos anos 40 e 50, pilotando um avião-caça durante o crítico confronto de reconquista da baía de Icheon. Em outra instalação, os visitantes são convidados a participar de um simulador virtual de tiro. Os alvos não possuem rosto, bandeira ou qualquer tipo de identificação humana - mas a pontuação mais alta do jogo recebe o título-fantasia de “*국민 영웅*” (herói nacional).

Imagem 7 – Sala de espera para o simulador 3D “Slam Eagle F-15K”, um dos 3 simuladores tridimensionais do memorial



Fonte: Fotografia tirada pelo autor, Junho 2015

Imagem 8 – Simulador de tiro em uma das exposições do memorial de guerra



Fonte: Fotografia tirada pelo autor, Junho 2015

Neste extensivo apelo ao imaginário militar, encontramos outra das principais contradições do Museu, sinal do conflito entre os sentimentos políticos ali atuantes: a Coreia do Sul trata-se de uma nação que é indefesa vítima das ações de grande potências, mas também tem uma venerável capacidade militar. A Coreia do Sul ama a paz e tenta trazer “seu irmão violento” para a mesa de negociações, apesar de

grande parte do que é exposto ser centrado em dispositivos de guerra, mesmo que lúdicos.

Para os ainda mais jovens, o memorial conta com toda uma sessão denominada “*Children’s Museum*”, que o site institucional clama ser “o primeiro e único museu de história de guerra do mundo inteiramente voltado para crianças” (CHILDREN’S MUSEUM, 2017). Neste espaço, em um ambiente colorido e repleto de animais e objetos antropomorfizados, *Mudori* - um capacete falante, mascote do museu e encarnação do espírito de unidade coreano - ensina as crianças através de jogos e brincadeiras “o que é a guerra e o porquê da paz ser algo importante”. Os títulos dos segmentos da exposição como: “O meu país está perdido? Claro que não!”, “Obrigado meu amigo, as Nações Unidas” e “O pesar de um irmão perdido” sugerem o quão didáticos, emocionais e com pouco espaço para interpretação alternativa¹² a política de memória sul-coreana pode ser. Mas também demonstra o quanto a perpetuação deste sentimento de *Honra*, ligado a identidade da península coreana pode ser central para os formuladores de políticas públicas. A possibilidade de uma visão crítica sobre estes eventos, principalmente em tenra idade, seria um risco grande demais para elementos definidores da auto-imagem do Estado sul-coreano.

¹² Uma crítica, aliás, feita pelo modelo de ensino fundamental sul-coreano como um todo (OH, 2011)

Imagem 9 – Imagens do “Children’s Museum” parte do Memorial de Guerra da Coreia



Fonte: Fotografia do autor, Junho de 2015

O Memorial de Guerra apesar de relativamente novo, assim como a história da Coreia moderna, só viria a ser vislumbrado um campo de batalha da história intramural da Coreia do Sul em tempos recentes, quando sua narrativa oficial que glorifica e valida o passado marcial do país e as atrocidade do regime militar em função da proteção de “Invasões estrangeiras” começaria a ser questionada pela sociedade civil de forma mais livre - afinal, a democratização só viria a ocorrer em 1988, desde a separação a Coreia do Sul seria governada por um regime alegadamente tão centralizador e fechado quanto a Coreia do Norte contemporânea (CHOE, 2007). A Comissão de Verdade e Reconciliação da nação, autorizada em 2005, iria escavar partes da história estranhamente enterrados, que expõe, por exemplo, o assassinato indiscriminado por militares sul-coreanos de civis suspeitos erroneamente de serem simpatizantes comunistas (MORRIS-SUZUKI, 2009) e massacres cometidos por Sul-coreanos no Vietnã, supostamente tão cruéis quanto os de Norte-americanos (HOSCH, 2010). Não surpreendentemente, as descobertas desta investigação ainda não foram integradas na narrativa triunfal do Memorial da Guerra - o que fortalece sua posição de farol da narrativa oficial estatal sul-coreana para sua própria história e formação. É importante frisar que a administração do memorial não passa por nenhuma regulamentação militar explicita que abertamente

impeça visões revisionistas, sendo de direta curadoria do executivo sul-coreano - o que exacerba seu valor estratégico. Enquanto novas interpretações sobre a identidade (sul)coreana podem estar surgindo, este memorial permanece sendo a expressão maior da percepção do Estado sul-coreano sobre si mesmo e de seu papel na questão peninsular.

B) Seoul Museum of History (Museu Histórico Nacional de Seul): Ausências criativas e o desenvolvimento como Identidade

O Museu Histórico Nacional de Seul contribui para esta pesquisa mais por suas notórias ausências do que propriamente pelo que expõe. Uma vez que o objetivo principal deste museu é apresentar uma narrativa de progresso e vitória da Coreia do Sul em direção à modernidade, e não um local para lamentar suas perdas, a presença do Estado Norte-coreano se torna um desconforto e portanto, seguindo a lógica apresentada por Bruce Cummings, é “estruturalmente omitida”. Omissão esta que reforça uma identidade peninsular ao não antagonizar o Sul em relação ao Norte e paradoxalmente abrir espaços para identidades alternativas ao assinalar o progresso e a tecnologia como dimensões e características excepcionais da Coreia do Sul.

Imagem 10 – Criança brinca em instalação da exposição permanente do Korean History Museum “Seoul, Now and in the Making...The City Model Image Hall”



Fonte: Fotografia do autor, Junho de 2015

Apesar do foco deste museu não ser o fenômeno da guerra e não abarcar em si o objetivo de ser um memorial, podemos encontrar alguns pontos de contato entre o Memorial da Guerra e o Museu Histórico Nacional de Seul. Em primeiro lugar, é possível identificar a mesma narrativa de Coreia como a península inteira, do coreano como uma identidade étnica excepcional, tendo sua história recontada desde a época medieval, passando grande parte de seus esforços nesta esfera. Em segundo, o extensivo uso de tecnologia, aqui talvez como protagonista, para a narrativa. E finalmente, um foco na educação cívica de Jovens.

A exposição permanente é organizada em 5 zonas temáticas, todas usando a capital Seul como o proscênio (adotada como tal no final do século 14 pela dinastia *Joseon*) e fio condutor da narrativa, separadas por tempos históricos seguindo o assinalado abaixo:

Tabela 3 – Lista de zonas expositivas do Museu Histórico Nacional de Seul

Período	Título de Zona Temática (fornecidos em inglês)
1392~1863	The Joseon Capital Establishment of the King's Residence
1863 ~ 1910	Taking Tradition Forward with Aspirations for an Imperial Capital
1910 ~ 1945	Seoul under Japanese Control Shades of Modern Urbanization
1945 ~ 2002	Period of Rapid Growth Seoul Rising from the Ashes to become a Metropolis
2002 ~ Presente	Seoul, Now and in the Making... The City Model Image Hall

Fonte: sítio virtual do Seoul Museum of History, 2017 (http://www.museum.seoul.kr/eng_new/index.jsp)

As duas primeiras instalações, como podemos perceber, se dedicam a história medieval da península coreana, e portanto reforçam a ideia de identidade coreana como algo resiliente. A dinastia *Joseon*, como vimos no primeiro capítulo

desta dissertação, seria fundamental para a compreensão da necessidade de se pensar a península de modo unificado e a identidade coreana como algo excepcional. Não é surpresa que grande parte do que é apresentado nestas primeiras instalações seja focado no papel unificador do *Hangul*, o sistema de escrita coreano também abordado no primeiro capítulo deste trabalho, e nas proezas do Rei Sejong, inclusive seu papel na própria centralização de uma administração pública em Seul, capitaneada pela dinastia. Instalações virtuais recontam a história do rei e objetos usados no cotidiano imperial são expostos como as “sementes do que viria ser a inovação coreana”.

O uso extensivo do papel monárquico como vetor de identidade neste museu causa uma ruptura interessante com o que veremos subsequentemente na sua contraparte do Norte: apesar do *Hangul* e outras características do cotidiano medieval serem exaltadas pela memória pública tanto neste museu quanto em suas contrapartes norte-coreanas (culinária, vestimentos típicos, folclore, etc.), o Norte sistematicamente apaga a agência das elites políticas de outrora na curadoria destas tradições - entendendo-as como pura cultura popular - em consonância com os princípios comunistas do partido da dinastia Kim. O Sul, muito pelo contrário, exalta a capacidade política e a visão dos líderes do passado - como podemos aferir pelo uso frequente de figuras históricas da dinastia *Joseon* em símbolos públicos (inclusive no dinheiro, onde as notas de *won* sul-coreano estampam membros da dinastia *Joseon*). A estátua do Rei Sejong, localizada a poucos metros do Museu Histórico Nacional, talvez seja o ponto turístico da capital mais reconhecido entre os sul-coreanos.

Imagem 11 – Monumento a Rei Sejong, no centro de Seul, em sua base se encontra um mini-museu sobre a invenção do Hangul



Fonte: Korea Tourism Organization, 2017 (<http://english.visitkorea.or.kr/enu/index.kto>)

Avançando pelo museu até a seção que aborda a colonização japonesa, encontramos um real ponto de consonância entre as narrativas Sul e Norte coreanas e podemos encontrar uma outra fonte emocional clara - e mais recente - para o sentimento político de *Honra* pautada na unidade da península. Seria esta a aversão e sentimento de humilhação perante a memória de anexação da península pelo império japonês.

Como um panfleto informativo sobre esta sessão afirma:

*In August 1910, Japan forcibly annexed the Empire and established the Japanese Government-General. This institution held virtually absolute authority over administrative, military, legislative and judicial matters. (...) Ethnic discrimination became institutionalized. (...) Although Korean residents opposed the discriminatory practices, the allure of the "Namchon (southern neighborhood)" did not diminish. (...) The Korean capital modernized quickly under Japanese colonial rule, but the modernity of a colonial city merely fascinated Koreans. It did not include them.*¹³

¹³ [livre tradução] Em agosto de 1910, o Japão anexou forçosamente o Império e estabeleceu o Governo-Governo japonês. Esta instituição possuía autoridade praticamente absoluta em questões administrativas, militares, legislativas e judiciais. (...) A discriminação étnica tornou-se institucionalizada. (...) Embora os residentes coreanos se opuseram às práticas discriminatórias, o fascínio do "Namchon (bairro do sul)" não diminuiu. (...) A capital coreana se modernizou rapidamente sob o domínio colonial japonês, mas a modernidade de uma cidade colonial simplesmente fascinou os coreanos. Não os incluiu.

Neste ponto o museu passa a reconhecer o trauma coletivo do período colonial japonês como um evento que une os coreanos em um plano imaterial, lutando contra a discriminação de sua etnia - como o exemplo das *comfort woman* pode demonstrar de forma até de forma mais gráfica, apesar de ser timidamente mencionado nesta exposição específica. O desenvolvimento, nas outras seções da exposição permanente apresentado como o mote da identidade coreana, aqui é visto como um instrumento de exclusão. Os coreanos aparecem como expectadores do desenvolvimento, mas não parte dele - um ato de violência contra sua identidade.

Imagem 12 – Foto do segmento “Period of Rapid Growth Seoul Rising from the Ashes to become a Metropolis”. Inovações tecnológicas e desenvolvimento coreano assumem o proscênio da narrativa no Museu Histórico de Seul.



Fonte: Korea Tourism Organization, 2017 (<http://english.visitkorea.or.kr/enu/index.kto>)

A quarta área expositiva é potencialmente a mais reveladora para esta pesquisa. Apesar de encompassar o período da guerra da Coreia e a decorrente divisão do país, este setor do museu dedica quase nada de seu esforço memorativo para a figura da Coreia do Norte ou aos soldados caídos no conflito. Ao invés disso, os esforços são concentrados em retratar aquilo que seria conhecido como o “milagre do rio Han”: a surpreendente transição da Coreia do Sul de uma das nações mais pobres do mundo, no imediato pós-guerra, para uma das 11 maiores economias mundiais. Quem passa por esse setor tem a impressão que o principal

inimigo enfrentado pelos sul-coreanos na trajetória até a modernidade não haveriam sido os norte-coreanos, ou os chineses, ou mesmo os soviéticos, mas sim a tarefa de reerguer um país em retalhos. Com imagens impressionantes da Seul dos anos 50/60, na época pouco mais do que uma grande favela, onde famílias inteiras residiam em residências de um único cômodo e com histórias de superação de indivíduos daquela época como aos dos fundadores da Hyundai Motors, Chung Ju-yung, de origem norte-coreana ou o da Lucky Goldstar (atual LG), Koo In-Hwoi, o museu parece procurar heróis e vitórias diferentes do que podemos estar acostumados para fábulas nacionais.

A guerra, conquanto trágica, é apresentada como o efeito de ação e cobiça de potências estrangeiras na península: pouco teria a dizer sobre a história dos próprios coreanos. Os verdadeiros desafios estariam na construção do país após esta guerra, em uma terra sem riquezas naturais e com o pouco desenvolvimento alcançado destruído nas batalhas. Aqui, a resiliência e a força do trabalhador coreano vêm a proscênio como as principais características da nação e a fonte de seu orgulho, de sua *Honra*.

Extrapolando este argumento aos últimos limites, o segmento derradeiro da exposição, através de objetos e instalações multimídia, vem apresentar a Coreia como tudo aquilo que o mundo passou a reconhecer nas últimas décadas como sul-coreano: progresso, tecnologia, K-pop, etc. A peça principal, deste segmento e provavelmente de todo o museu, é um gigantesco mapa interativo de Seul (imagens 2.8 e 2.5), conectado a um telão que é atualizado com fotos de redes sociais postadas pela cidade. A ideia anunciada pela própria exposição é de que as pessoas estariam “moldando o país a cada dia”. A vida urbana de Seul é apresentada como o espírito que guia a Coreia ao futuro. O segmento, contudo, deixa uma questão intocada, sem resposta e em aberto: onde entraria a Coreia do Norte? Muito pouco ou quase nada que é dito como excepcional e inato a Coreia no último segmento pode ser aplicado ao Norte. O silêncio da exposição provê as bases para que a referida identidade sul-coreana ganhe raízes, sem negar ou excluir a resiliente identidade peninsular. Noções aparentemente contraditórias que coexistem em um mesmo espaço.

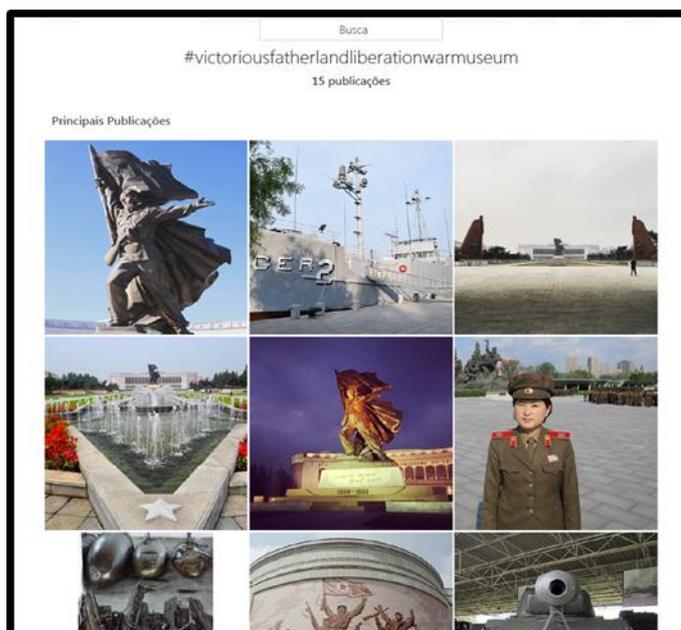
Imagem 13 – Turistas observam instalação da exposição permanente do Korean History Museum “Seoul, Now and in the Making...The City Model Image Hall”



Fonte: Korea Tourism Organization, 2017 (<http://english.visitkorea.or.kr/enu/index.kto>)

1.2.1 A guerra que nunca acabou (e agora está online): o contraponto norte-coreano

Imagem 14 – *Printscreen* da rede social *instagram*, turistas postam foto de visita em museu norte-coreano



Fonte: Print screen da hashtag #victoriousfatherlandliberationwarmuseum no sítio virtual Instagram em Junho de 2017

Em um mundo em que a informática trouxe a sensação de onisciência dos fatos e o *google maps* nos faz crer que não existem mais fronteiras neste mundo a serem desbravadas, não é a toa que um país notoriamente fechado como a Coreia do Norte causou tanto furor e interesse midiático. Pyongyang é um dos poucos lugares do mundo em que ainda aparece existir mistério, haja vista a dificuldade de acesso ao país, como objeto de estudo ou de ócio. Este incessante desejo pelo desconhecido, no entanto, vem motivado recentemente ações estratégicas por parte do Estado norte-coreano em benefício próprio. Em março de 2013, Kim Jong-un aprovou formalmente o turismo como uma prioridade nacional de desenvolvimento do País. Sob o jovem líder, o aparato estatal começou a perceber o turismo como meio importante para tentar combater os estereótipos do país e gerar uma receita necessária para que seu aparato administrativo continue em funcionamento. Hoje, em torno de 7000 estrangeiros visitam Pyongyang e arredores anualmente, através de parcerias entre o Ministério do Turismo norte-coreano com empresas privadas internacionais como a *Koryo Tours* e a *Young Pioneers* (OULETTE, 2016). Em roteiros herméticos, os visitantes afirmam ter acesso aos principais cartões postais da Coreia do Norte, mas pouco do cotidiano dos habitantes - sendo acompanhados e informados por guias turísticos 24h por dia (PEIXOTO, 2015).

Esta abertura, conquanto limitada, foi a que permitiu que os escritos nas páginas seguintes fossem possíveis. Relatos de visitantes sobre os principais locais de memória de Pyongyang possibilitam uma leitura sobre os sentimentos em ação na política pública de memória para o outro lado da fronteira. Turistas e locais, apesar de poderem ter leituras diferentes sobre as mesmas edificações, são expostos aos mesmos textos, de onde uma análise interpretativa de seu impacto social é possível. É válido notar que grande parte da capacidade descritiva desta parte da dissertação foi possibilitada pelo trabalho do projeto *DPRK 360*¹⁴, do fotógrafo de Cingapura Aram Pam, que com o aval da administração pública de Pyongyang registrou, em dezenas de viagens, fotos em 360 graus dos principais pontos de visita da capital norte-coreana, propiciando tours virtuais muito

¹⁴ Disponível na íntegra e com acesso público pelo link <<https://www.dprk360.com/index.html>>

próximas da de um visitante físico, mas também se apoia com relatos de dezenas de cientistas políticos e jornalistas que percorreram estes mesmos trajetos através destes mesmos pacotes turísticos.

A) The Victorious Fatherland Liberation War Museum (Museu da Guerra da Libertação da Pátria Vitoriosa) : cantando vitórias antes do tempo

Imagem 15 – Monumento *Vitória* na entrada do Museu da Guerra de Libertação da Pátria Vitoriosa. Artista desconhecido.



Fonte: DPRK 360 Project, 2018 <<https://www.dprk360.com/index.html>>

Ao contrário do Memorial de Guerra da Coreia em Seul, que coloca a Guerra da Coreia dentro de uma longa narrativa de diversas invasões estrangeiras e suas respectivas resistências nacionais para estabelecer uma "tradição guerreira", voltando inclusive para a época medieval e ao período dos Três Reinos, o foco na sua contraparte do Norte é exclusivamente a Guerra da Coreia, ao qual o Museu da Guerra de Libertação da Pátria Vitoriosa é dedicado, entendendo esta como excepcional e marco de um ponto paradigmático para os Coreanos. Inaugurado em 17 de agosto de 1953, logo após a assinatura do armistício como uma "exibição abrangente do exército popular coreano", o museu sofreu uma grande renovação e

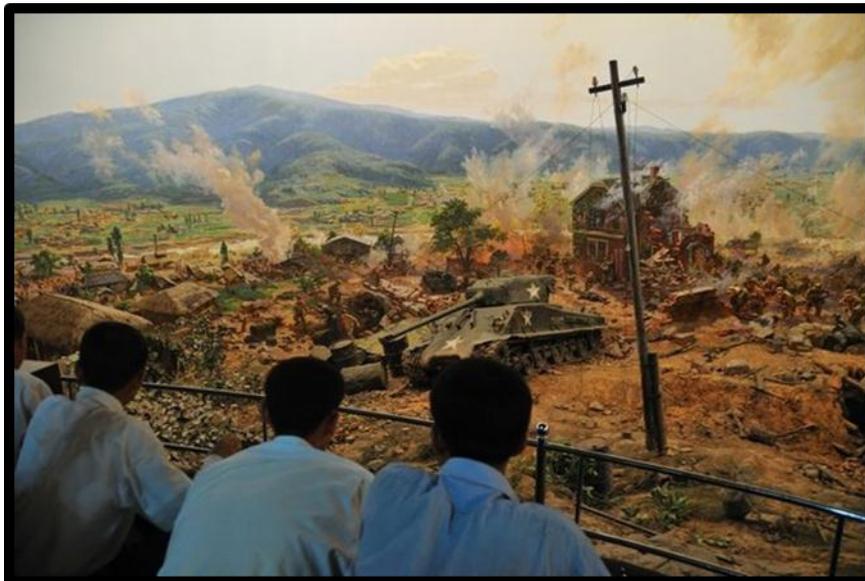
se mudou para sua localização atual em 11 de abril de 1974 - demonstrando uma preocupação muito tenra da administração pública norte-coreana com a curadoria da memória se comparada ao Sul. Um panfleto norte-coreano oferecido aos turistas explica que foi nesse momento de transição que o museu acrescentou "vitorioso" ao seu nome, enquanto que anteriormente era chamado simplesmente de Museu da Guerra de Libertação da Pátria. O momento e o conteúdo dessa mudança é altamente sugestivo: o museu foi reformulado na mesma época em que a Guerra do Vietnã estava chegando ao fim. Um fim que acontecia exatamente da maneira que a Coreia do Norte, ou ao menos Kim Il-Sung, havia imaginado para a Guerra da Coreia: a expulsão dos EUA seguida da unificação do país. A cobertura de notícias da Guerra do Vietnã na Coreia do Norte atingiu o pico entre 1973 e 1975, quando a guerra terminou em uma vitória comunista, influenciando muito a cosmologia dos tomadores de decisão da República Popular da Coreia: a guerra de 1953 agora poderia ser interpretada como um sucesso (SUZY, 2015). Mesmo sem unificação, o renascimento do museu na década de 1970 tinha como objetivo envolver a memória coletiva da Coreia do Norte em uma reivindicação de vitória coreana sobre os Estados Unidos na guerra de 1953. A dimensão física do museu também acompanhou esta virada: considerando que o museu anterior tinha sido alojado em um modesto edifício de dois andares no sopé do monte *Haebang*, o novo edifício seria uma impressionante estrutura em forma de L com três andares e um porão. O espaço total de 52.000 metros quadrados contém mais de oitenta salas de exposições em dezoito salões com mais de sessenta pinturas panorâmicas.

Vinte anos depois da reinauguração, a Coreia do Norte comemoraria o quadragésimo aniversário do armistício em 1993 em circunstâncias muito diferentes e menos animadoras, porém com a mesma atitude reverberada pela lógica do sentimento de *Honra*. Mesmo com o colapso do bloco socialista, o Norte permanece insistindo que a guerra interpeninsular teria sido uma vitória categórica para si, inclusive empreendendo ainda outro grande projeto de construção, instalando o monumento *Vitória* nas proximidades do museu (imagem 2.2), comissionado pelo próprio Kim Jong-Il em abril de 1992 (MIN, 2015) . Haviam poucos indícios, no entanto, que qualquer *Vitória* estivesse em curso: a dissolução dos aliados da Europa Oriental, sinalizada pela queda do Muro de Berlim em 1989, logo foi seguida

pelo estabelecimento de relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e a União Soviética em 1991 e a China em 1992, virando as tabelas sobre as perspectivas otimistas da década de 1970. Nem mesmo a crise e a fome que se seguiram à morte de Kim Il-Sung em 1994, o fim da Guerra Fria e o colapso global do socialismo surtiram efeito de desdourar a retórica do museu. Muito pelo contrário. Quando a Coreia do Norte perdeu quase todos os seus parceiros comerciais e muitos dos seus aliados diplomáticos no intervalo de menos de uma década, deixando-o isolado e inseguro sobre o seu próprio futuro, o governo percebeu a necessidade de redobrar seus esforços para fortalecer ideologicamente e sentimentalmente sua sociedade. O aparato de memória já existente seria uma de suas principais ferramentas. deste modo podemos observar aqui a forte ação do sentimento de *Honra* atuando em consonância com o de *Medo*.

O didatismo, como no sul, permeia este local de memória, o único jornal nacional norte-coreano, *Rodong Sinmun* (1974) descreveria o museu da guerra como uma "ótima escola que ensina o caminho da vitória", e informaria em outra edição (2014) que cerca de 15,4 milhões de visitantes domésticos e 230 mil visitantes estrangeiros, incluindo chefes de Estado e delegações governamentais, visitaram o museu ao longo de seus quarenta anos de história, aprendendo sobre a trajetória do país contra a opressão estadunidense. A resiliência de uma narrativa histórica heróica apesar de todos os contra-indicadores factuais e a larga exposição aos consumidores da mídia nacional norte-coreana, leva este museu a ser objeto de análise formidável para este trabalho.

Imagem 16 – Panorama giratório de 360 graus da batalha de Taejŏn



Fonte: DPRK 360 Project, 2018<<https://www.dprk360.com/index.html>>

A principal atração do museu é um enorme panorama giratório de 360 graus da batalha de *Taejŏn*, travada contra a 24ª Divisão de Infantaria do Exército dos EUA no dia 7 de julho a 20 de julho de 1950, a batalha levou à captura do comandante, William Dean, o oficial militar de mais alto escalão que já foi feito prisioneiro na história norte-americana. O museu clama que este *cyclorama* é o maior do mundo, com 10 metros de altura e 132 metros de comprimento, demorando quinze minutos para fazer uma rotação em torno de si mesmo. Esta obra ilustra bem dois pontos de consonância entre Museu da Guerra de Libertação da Pátria Vitoriosa e sua contraparte ao Sul. O primeiro é a questão do uso intensivo de tecnologia e engenharia para uma “estética de magnanimidade” em função dos indivíduos, forjando grandes narrativas nacionais com a homogeneização da experiência de indivíduos no processo (MIN, 2015). Aqui, como no Sul, as grandes narrativas são feitas aos sacrifícios das narrativas individuais. A segunda, e talvez a mais relevante para este estudo, é o apagamento completo do museu dos sul-coreanos como combatentes inimigos, trazendo novamente as “ausências estruturadas” de Bruce Cummings. A obra, como outras no museu, mostra os sul-coreanos exclusivamente como civis, saudando a libertação trazida pelas forças do

norte perante a opressão norte-americana. Em nenhum momento os adversários da batalha são retratados como sul-coreanos.

A opção de narrativa norte-coreana, nesta instância é muito mais clara. A Guerra da Coreia não haveria sido um confronto fratricida, mas sim uma tentativa revolucionária contra a invasão norte-americana e sua tentativa de corrupção de toda a península. Sob essa premissa (historicamente questionável), é possível construir uma vitória coreana a partir da retirada dos norte-americanos do conflito, ou ao menos do lado Norte da península. Uma vitória que seria a base da auto-estima do Estado Norte-coreano e parte de um mito fundacional. A fonte de seu sentimento político de *Honra*. "O imperialismo Estadunidense é o Provocador da Guerra da Coréia e inimigo jurado do povo coreano", lê uma das placas na entrada do museu. Ligações escusas entre o primeiro presidente sul-coreano, Syngman Rhee, e altos funcionários do governo norte-americano são reproduzida para mostrar os cálculos premeditados para uma invasão do norte por parte dos estadunidenses (PEIXOTO, 2015). O legado e o impacto contínuo da guerra, incluindo a crônica crise econômica do Norte, são atribuídos à conduta americana durante a guerra. Outra placa afirma que "As atrocidades dos EUA são indelévels para sempre ", observando o uso de 564.400 toneladas de bombas durante o conflito de três anos por parte dos americanos. Números e estatísticas impressionantes guiam todo o percurso da exposição, apesar de não parecer citarem fontes: um mural em inglês informa que os norte-americanos lançaram mais de uma bomba para cada residente de Pyongyang na época e que cinco vezes a quantidade de napalm usado durante todos os conflitos na Segunda Guerra Mundial foram usada na Coréia do Norte, até que não existisse "nada para destruir". Como na maioria dos memoriais de guerra, sacrifícios são exaltados e honrados para justificar a perda de vidas, e recursos artísticos que dialogam com a emoção são utilizados.

O seguinte poema¹⁵ do herói de guerra norte-coreano, Ri Su Bok, é representativo ao ser destaque em uma das salas expositivas e resume bem os sentimentos evocados e forjados pela exposição:

¹⁵ Livre tradução feita diretamente do coreano, agradecimentos a Sunjune Lee pelo auxílio.

나는 해방된 조선의 청년이다 **Eu sou um Homem da Coreia Liberta**

생명도 귀중하다 **Assim como a vida é preciosa**

찬란한 내일의 희망도 귀중하다 **Assim como existe esperança de um futuro brilhante**

그러나 나의 생명, 나의 희망, 나의 행복 **Porém minha vida, esperança e felicidade**

그것은 조국의 운명보다 귀중치 않다 **Não são mais preciosas que o destino do meu país**

하나밖에 없는 조국을 위하여 **Que meu unido e único país**

둘도 없는 목숨이지만 **Existe acaso vida, esperança e felicidade**

나의 청춘을 바치는 것처럼 아름다운 희망 위대한 행복이 **Mais nobre, grandiosa e bela**

또 어디 있으랴! **Do que abrir mão da juventude pelo país?**

B) Sinch'ŏn Museum of American War Atrocities (Museu Sinch'ŏn das Atrocidade de Guerra Norte-americanas) : Um Holocausto coreano?

Imagem 17 – Coreana é torturada por soldados norte-americanos em mural da entrada do Museu de Sinch'ŏn de atrocidades americanas



Fonte: DPRK 360 Project, 2018<<https://www.dprk360.com/index.html>>

Em 25 de novembro de 2014, o primeiro secretário do Partido dos Trabalhadores da Coreia e supremo líder da Coreia do Norte, Kim Jong-Un, faria uma visita dita como histórica ao museu Sinch'ŏn na Província de Hwanghae -

conhecido como o momento onde as esperanças de uma linha mais *soft* na retórica de política externa norte-coreana com um novo jovem mandatário entrariam em erosão. De acordo com registro da Agência Central de Notícias da Coreia do Norte, o governante teria criticado duramente os Estados Unidos na ocasião, acusando os militares norte-americanos de cometer um massacre civil em massa em Sinch'ŏn durante a Guerra da Coreia. Kim teria os chamado de "assassinos" e afirmado que quaisquer ilusões positivas sobre esse inimigo é "semelhante à morte". Ele teria explicado que o propósito de sua visita ao museu seria fortalecer a educação sobre anti-imperialismo, anti-americanismo e consciência de classe, adequado para o estado atual das Relações Internacionais do País (SUNGHOON, 2015). Um discurso que hoje pode ser visto como pouco original tendo em mente o estereótipo da postura política Norte-coreana em fóruns internacionais, mas que evidencia prioridades na política pública de memória norte-coreana que são pouco observadas.

Junto com o Museu da Guerra da Libertação da Pátria Vitoriosa e a Própria DMZ, a lista de pontos turísticos ligados à Guerra da Coréia ao Norte não estaria completa sem mencionar o Museu de Sinch'ŏn. O condado de Sinch'ŏn foi memorializado no inconsciente coletivo coreano principalmente pela brutalidade de seu massacre civil. De acordo com as estimativas norte-coreanas, os militares dos EUA ocuparam o município por cinquenta e dois dias, entre 17 de outubro e 7 de dezembro de 1950 (CHŏNG, 2009). Cerca de um quarto da população de 35.380 habitantes do povoado, incluindo bebês e idosos, teria sido massacrado durante esse período, queimado ou enterrado vivo, afogado ou torturado até a morte. As sepulturas em massa foram descobertas somente na década de 1990, de acordo com a exposição do museu. Tendo isto em vista, não é surpresa que as histórias contadas pelo museu sejam escancaradamente gráficas e parciais. Um dos mais horríveis dos massacres, por exemplo, teria ocorrido no distrito de Wŏnamri: crianças foram separadas de suas mães e trancadas em um armazém em que a gasolina foi despejada, queimando 102 crianças até a morte, enquanto cerca de 400 mães em outro armazém nas proximidades também foram queimadas vivas (imagem 3.5). Três das crianças sobreviveram para contar a história. Se o museu da guerra em Pyongyang parece usar dos horrores da guerra para enfatizar a vitória, o

Museu Sinch'ŏn instila a necessidade de vingança através de representações gráficas da dor e sofrimento suportados por mulheres e crianças. Não existem aqui vitórias a serem contadas, apenas dor.

A existência e proeminência do Museu Sinch'ŏn parece ser uma tentativa deliberada de separar o local de "dor e morte" do local de "força, heroísmo e triunfo" (ocupado pelo Museu da Guerra da Libertação da Pátria Vitoriosa), como Tessa Morris-Suzuki (2013) observou. Mas, como também sugere o autor, ambos os museus são locais interligados que devem ser considerados como partes de a mesma visita ritualística de se aprender sobre a Guerra da Coreia para todos os visitantes, estrangeiros e domésticos. Eles estão geograficamente separados, e instrumentalizam os sentimentos políticos de Honra por canais distintos, mas compartilham a mesma narrativa sobre a Guerra da Coreia: uma guerra que foi devastadora e cruel como exemplificado pela conduta americana em Sinch'ŏn- mas, no entanto, foi frustrado heroicamente sob a liderança de Kim Il-Sung e, portanto, vitorioso. Uma história de dois lados, mas com maior coerência do que nos é apresentado em Seul, pois apontam para uma única conclusão: a necessidade de repelir, a qualquer custo, qualquer outra ameaça americana.

A configuração específica do Museu Sinch'ŏn e os conteúdos de suas exposições mostram com clareza suas intenções por trás do memorial, sem as sutilezas e silêncios das contrapartes de Seul. Com uma estratégia diferente dos museus e memoriais que observamos até este ponto, este museu aborda a identidade Coreana e o trauma da guerra através de um evento específico, voltando a sua atenção para sofrimentos individuais, mesmo que em última instância estes sirvam para grandes narrativas.

Seguindo relatos de visitantes (CATHCART, 2015; KANG, 2017; MIN, 2015) , e material institucional, podemos afirmar que o museu também consiste em uma grandiosa estrutura: possui edifício principal com dezesseis quartos, um segundo prédio com três salas e uma sala de observação exterior. Os materiais no salão principal exibem a dita história de invasão da península pelos EUA e o massacre durante a Guerra da Coreia. A primeira sala, sem perder tempo para identificar vilões e culpados, possui artefatos do século XIX destinados a traçar as ambições norte-americanas de imperialismo, estes incluem pôsteres, propaganda militar,

memorabilias, além de uma grande foto do *General Sherman*, um Navio de guerra dos EUA destinado a patrulhar a Ásia-pacífico. Um material geral sobre a Guerra da Coreia e as evidências documentais do prelúdio do Massacre de Sinch'ön em si podem ser encontrados na segunda e terceira salas.

A quarta sala exibe armas e ferramentas usadas para torturar pessoas durante o massacre, incluindo armas de fogo, foices, machados e correntes. O museu oferece essas armas como "prova viva da brutalidade dos invasores", sempre se utilizando de narrativas pessoais. De acordo com o testemunho de uma sobrevivente exposto nesta seção, Ŭn-sun, seu pai, um líder da unidade de guerrilha do exército de Kim Il-sung, foi morto pelos norte-americanos ao ser atado fogo depois de ser banhado em gasolina. Vinte de seus parentes também teriam sido mortos naquela época, e a própria quase não teria sobrevivido, tendo sido salva por um tio. Para os visitantes dos museus, os testemunhos sempre sublinham o massacre pela perspectiva da família, usando estes casos universais de empatia para ampliar a agonia do sobrevivente e a sensação de terrível tragédia, reforçando os sentimentos ligados a *Honra*, mas também os de *Medo*. Não poderiam, pela lógica de preservação da auto-estima da *Honra*, os norte-americanos atacarem e separarem as famílias coreanas e saírem impunes - sua auto-percepção estaria ancorada na perspectiva de antagonismo - mas um medo real de sua auto-preservação física inspiraria a uma narrativa de adversariedade e alerta constante perante os EUA.

O tratamento dado pela política pública de memória norte-coreana ao massacre de Sinch'ön neste ponto em diante parece se prestar a comparações construtivas com o tipo de estratégias exibidas no Museu de Auschwitz-Birkenau na Polônia, e sua interpretação do Holocausto. Embora não haja comparação entre os dois eventos históricos em termos de número de vítimas em seus respectivos conflitos, técnicas paralelas de sensibilização podem ser observadas nos tipos de materiais coletados e exibidos. O Museu de Auschwitz-Birkenau, bem como o de Sinch'ön, se esforça para coletar e preservar as instalações de detenção e tortura em seu mais absoluto cotidiano. Os bens dos prisioneiros e os artigos encontrados em torno dos campos de concentração são grande parte da exibição. O departamento de prospecção do museu polonês administra os artefatos doados, que

incluem sapatos, bolsas com nomes e endereços, pratos e pratos, óculos, pernas e braços protéticos, uniformes de prisioneiros, ternos, artigos de ferro, cabelos de prisioneiras e outras “quinquilharias” são elevados ao patamar de contemplação - e o museu norte-coreano adota a mesma prática. Todos os artigos coletados estão em exibição para o público (GILLIS, 1994).

A natureza dessas exposições é permitir que os visitantes se identifiquem com as vítimas: as cenas visíveis de massacre e fotografias fazem com que as pessoas compartilhem a angústia e internalizem determinados sentimentos predeterminados pelos curadores, aqui agentes públicos. A forma como o Museu Sinch'ŏn produz esse senso de comunidade é a mesma estratégia de reconstrução do Holocausto no Museu de Auschwitz-Birkenau em múltiplas instâncias. Em termos de espaço memorial físico e número e diversidade de artefatos, ambos os museus tentam quantificar a quantidade de sofrimento esmagando o espectador com um grande número de artefatos sobrepostos, seja como pilhas de calçados ou pedaços de cabelo. A qualidade irrepresentável dos eventos requer uma forma visualmente quantificável. Ian Buruma, historiador holandês, apontou de forma icônica que Auschwitz é um passado persistente - não só um problema para a Alemanha, mas também uma parte da própria Alemanha (BURUMA, 2009). Da mesma forma, Sinch'ŏn é um passado persistente e uma parte da própria Coreia do Norte.

Imagem 18 – Sapatos de crianças que faleceram no incêndio de um armazém, provocados por norte-americanos



Fonte: DPRK 360 Project, 2018<<https://www.dprk360.com/index.html>>

Assim, o Museu Sinch'ŏn destaca o "martírio" das vítimas trazendo-as ao presente. Isto é claramente refletido nas falas apresentadas aos visitantes pelos guias do museu (PEIXOTO, 2015). Por exemplo, referindo-se a uma foto de Ri Yong-jin, presidente do Comitê Popular da Província de Sinch'ŏn, os guias explicam como ele teria lutou contra os inimigos com sua lealdade e crenças revolucionárias. Ri foi capturado e teria sofrido terríveis torturas mas até o momento em que morreu, jamais teria traído seu país; As guias enfatizam suas ações patrióticas, inspirando visitantes a imitar o espírito de luta de Ri. Sua bravura imortal e abnegada é semelhante à de outros mártires históricos, fornecendo um modelo para o que o patriotismo deveria se parecer (algo presente nas estratégias de memória de Jesus Cristo até Tiradentes).

Exemplos de patriotas fornecidos pelo museu variam em sua classe e status. Além de casos como o de Ri Yong-jin, exemplares vítimas camponesas também são destacadas para reproduzir a tragédia do massacre, induzindo uma "consciência patriótica coletiva" entre os visitantes (SUNGHOON, 2015). As vítimas do massacre não foram simplesmente vítimas da guerra perpetrada pelos americanos, mas se

tornaram uma parte fundamental da revolução socialista norte-coreana como seguidores modelo de políticas estatais. Movendo-se para além de uma simples hostilidade em relação aos Estados Unidos, o museu serve para fundir patriotismo e anti-americanismo. O patriotismo reafirmando a ligação com o Sul (motivado mais fortemente pela *Honra*) e o anti-americanismo dando espaço para uma identidade independente (em uma fusão de *Honra* e *Medo*).

Imagem 19 – Modelo de cera de jovem coreana torturada por soldados norte-americanos durante ocupação da província de Sinch'ŏn



Fonte: DPRK 360 Project, 2018<<https://www.dprk360.com/index.html>>

Possivelmente a exibição mais memorável no Museu Sinch'ŏn é uma bandeira norte-coreana manchada de sangue no centro do museu. Ri Hŏn-su, um professor de ensino primário alistado pela força revolucionária, teria sido preso por coletar informações sobre o inimigo em nome da unidade de guerrilha do povo. Ele teria mantido a bandeira no peito, de forma dramática, até que seu último suspiro fosse expirado após o fuzilamento por soldados norte-americanos, de acordo com a explicação dos guias do museu (RUDIGER, 2012). Alegadamente, não há nada mais importante do que uma bandeira para simbolizar o amor patriótico da pátria.

Como um símbolo pelo qual os indivíduos reconhecem sua afiliação nacional, uma bandeira também pode ser usada como uma ferramenta para simbolizar a lealdade dentro de uma narrativa histórica. Ou seja, quando a área do norte foi ocupada pelas forças sul-coreanas e da ONU, simplesmente possuir uma bandeira norte-coreana tornou-se um símbolo de lealdade e patriotismo e resistência.

Embora essas estratégias não possam reproduzir exatamente a tragédia e a dor do passado, elas podem inflamar a hostilidade em relação à um inimigo e consolidar compromissos emocionais. Desta forma, Pyongyang organiza uma nova força para o futuro. A Coreia do Norte descreve esse tipo de treinamento ideológico como uma forma de "educação patriótica" através de "treinamento estético e emocional" (SUNGHOON, 2012). Dito de outra forma, trata-se de uma união de história e política característica da educação política norte-coreana que utiliza fatos históricos para fins políticos. Este tipo de método de ensino também está incluído no conteúdo da sala de aula. Se tomarmos um exemplo de uma lição de escola primária, após visitas obrigatórias a este museu, professores perguntam em detalhe aos alunos sobre massacres civis perpetrados por imperialistas americanos, sendo estes via-de-regra o foco dos livros didáticos norte-coreanos nas disciplinas de história e política (FOSTER & CRAWFORD, 2006). O didatismo para a juventude, assim como no Sul, é elemento central, mas o sentimento de Honra é construído sobre bases diferentes, menos difusas. As paixões das tragédias são expostas em um contexto de presente ao invés de respeitável passado. Existem perceptíveis pontos de consonância, mas portas são abertas para dissonância.

1.2.2 Zonas desmilitarizadas e armadilhas turísticas: a narrativa bélica de uma fronteira pacífica

Fronteiras turísticas são um fenômeno pouco estudado mas amplamente presente na era contemporânea dos Estados-nações. Da ponte da amizade entre Brasil e Paraguai aos restos do Muro de Berlim, da Folclórica divisa entre Índia e Paquistão até o Rio Bosphorus, que se enuncia como a divisão entre a Europa e a Ásia, elas parecem atrair curiosos do mundo todo em torno de linhas imaginárias, mas com impactos bem reais. Talvez não surpreendentemente, a Zona

Desmilitarizada (DMZ) entre as duas Coreias é uma delas - incorporando as mesmas contradições que outros lugares de memória da península apresentam.

Imagem 20 – Foto da zona de segurança compartilhada (JSA) da DMZ vista do lado sul-coreano, as casas azuis são centros de negociações mantidos pela ONU entre as duas Coreias



Fonte: Foto tirada pelo autor, Junho de 2015

A primeira delas vem no nome, a DMZ, ao contrário do que parece afirmar, é uma das zonas mais fortemente militarizadas do mundo (HUNTER, 2015): compreende-se em uma zona de administração militar conjunta de 4 Km de comprimento (2 km em direção ao Norte e 2 Km em direção ao Sul) ao longo do paralelo 38 que arbitrariamente divide a península. Nela, soldados de ambos os lados do paralelo se engajam nas tensas negociações necessárias para a manutenção do status de armistício, ao mesmo que monitoram o inimigo. Visando evitar deserções, civis coreanos dos dois lados são atualmente proibidos de entrar na DMZ - com a exceção dos residentes dos vilarejos de *Daeseong-dong* (na parte sul da DMZ, sob a tutela sul-coreana) e *Kijong-dong* (na parte norte, sob a tutela norte-coreana). Mesmo com a linha arbitrária do paralelo 38 atravessando estes vilarejos, a estes foi garantido o direito de permanecer residindo em suas habitações

tradicionais - seus custos de vida são subsidiados pelas respectivas administrações públicas locais, mas seu acesso ao resto do país é altamente controlado e monitorado, sendo autorizado apenas em ocasiões especiais durante o ano.

Turistas de outras nações, no entanto, possuem acesso a DMZ durante o ano todo, mesmo que de forma limitada. Agências turística em Seul e Pyongyang organizam *tours* para a DMZ diariamente, oferecendo a quem embarca no passeio um vislumbre da fragmentação de uma nação. No entanto, estes *tours* e a própria DMZ, apesar de serem locais de memória e possuírem infraestrutura didática, possuem públicos e portanto objetivos bem distintos dos museus e memoriais anteriormente descritos neste trabalho. Não existe a preocupação de inspirar patriotismo ou reforçar uma unidade nacional. De fato, reforçar a iminência do retorno de um conflito na península e exotizar o que se encontra do outro lado da fronteira trata-se de ferramentas fundamentais para a manutenção do apelo da atração em sua categorização de “turismo aventura”.

Imagem 21 – Panfleto turístico para passeios guiados a DMZ, operacionalizados desde Seul



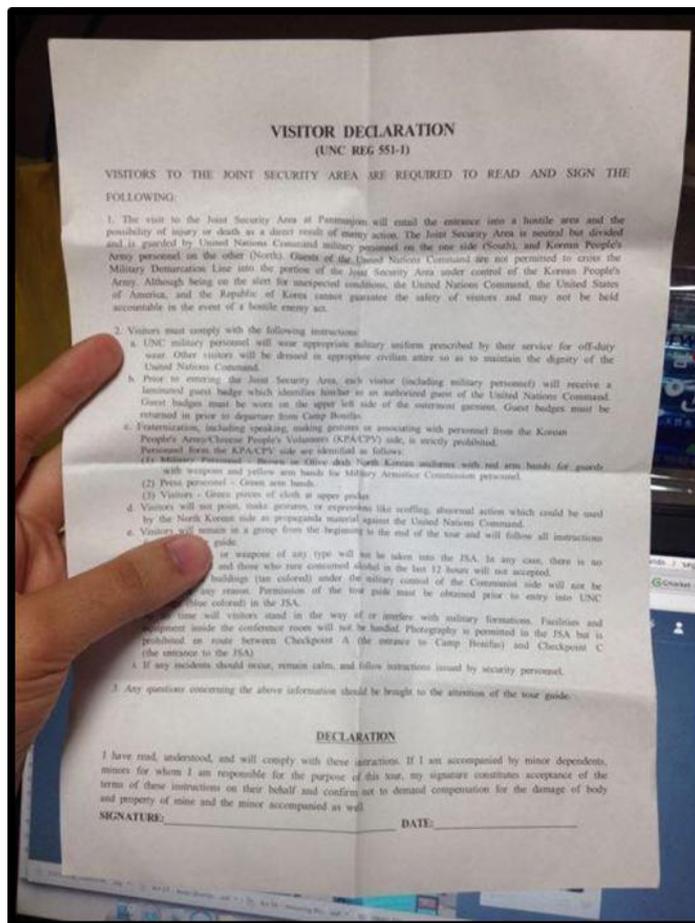
Fonte:Foto tirada pelo autor, Junho de 2015

Para chegar até a DMZ, um elaborado processo burocrático é obrigatório para os visitantes nos dos dois lados: deve-se agendar a visita com pelo menos dois

dias de antecedência e o passaporte é confiscado na entrada da “atração”, para garantir que não haja tentativas de se atravessar a fronteira. Uma elevada taxa é cobrada pelo passeio (em torno de 70 dólares americanos), que destoa de outras localidades do gênero, de acesso gratuito. Além disso, um pequeno curso (de duração de em média 1h30) sobre a história da península e principalmente sobre as normas de procedimento durante a permanência na DMZ é indispensável a todos os visitantes. Turistas são informados, de modo entusiástico e não pesaroso, pelos instrutores de tudo o que é proibido de se fazer perante aos olhos dos soldados norte-coreanos que vigiam a linha imaginária: mascar chicletes (uma goma jogada ao chão parece já ter causado incidentes no passado), usar shorts ou roupas rasgadas (que “poderiam ser fotografadas por norte-coreanos e usados como símbolo de decadência do ocidente”), tentar realizar ligações (que já são impedidas por bloqueadores de sinais instalados por ambos os exércitos), tentar interagir com os soldados norte-coreanos de qualquer forma, levar placas ou sinalizadores, etc. A assinatura de um termo de responsabilidade é requerida, citando todas estas atividades e mais (imagem 4.3). Soldados sul-coreanos acompanham cada momento dentro da área.

Todas as precauções, no entanto, parecem criar uma atmosfera de securitização que parece exagerada para a realidade apresentada. A permanência na área de precisa divisão da fronteira, A zona de segurança compartilhada ou JSA (imagem 4.1) é cronometrada em 20 min, e apesar dos constantes avisos cautelosos dos instrutores sob o risco eminente de um conflito, lembrando o fato que a Coreia ainda se encontra oficialmente em Estado de guerra, desde sua abertura ao público nos anos 70, jamais houveram incidentes com turistas na região (NANTO, 2015). Em outros ponto da DMZ há caso de homicídios esporádicos de desertores norte-coreanos ou ativistas sul-coreanos que tentam atravessar a fronteira pelo modo mais arriscado, mas nunca pondo em risco os que tentam fazer a excursão de modo “legal”.

Imagem 22 – Termo de responsabilidade para visitantes da DMZ



Fonte: Foto tirada pelo autor, Junho de 2015

A localidade parece apenas ter sido prosscênio de diversos ataques simbólicos que dão contornos lúdicos ao conflito inter-coreano para a narrativa que aqueles que decidem fazer a jornada até à DMZ são expostos. Uma das mais infames - e verdadeiras - histórias foi a que ficou conhecida como “a guerra dos mastros” (KOEHLER, 2015). Na década de 1980, a Coreia do Sul teria provocado seu vizinho erguendo um mastro 98,4 metros de altura com uma bandeira de 130 kg em *Taesong-dong* - a aldeia da Zona Desmilitarizada no lado sul-coreano. A Coreia do Norte teria respondido prontamente a esse "sinal de agressão" do Sul com um mastro ainda maior em sua aldeia da Zona Desmilitarizada - *Kijong-dong*. O sul responderia na mesma moeda logo em seguida. Os mastros teriam sido progressivamente ampliados até que o mastro norte-coreano atingisse a altura atual

de 160 metros, carregando uma bandeira de 270kg - considerada até 2011 o maior mastro do mundo. O Sul teria aberto mão da disputa fálca à partir deste ponto.

A anedota, assim como outras, é contada de modo vivaz pelos guias autorizados a levar turistas a DMZ pelo lado sul-coreano, e expõe uma narrativa sobre a divisão muito diferente da encontrada nos Museus e Memoriais anteriormente referidos neste capítulo. Primeiro, o imaginário da rivalidade entre os dois Estados é explorado de forma aberta e a contemporaneidade do conflito, e menos seu passado trágico é explorado. Neste espaço livre dos olhos dos nacionais, não existe a preocupação moral com a unificação. Trata-se de um empreendimento turístico, lucrativo - que se por um lado se promove se apresentando como “a fronteira mais perigosa do mundo”, normaliza a situação recebendo milhares de turistas para a observar bem de perto.

Imagem 23 – Turistas tiram selfies com soldado sul-coreano na sala de negociação localizada na exata divisão entre as duas Coreias



Fonte: Foto tirada pelo autor, Junho de 2015

De fato, planos nacionais de turismo citam a DMZ como uma de suas principais atrações.

1.3 Conclusões

Neste capítulo analisamos as diferentes frentes em que a política pública de memória de ambas as Coreias atua, bem como seu papel na confecção de identidades coletivas na península. Podemos observar que existem narrativas diferentes para espaços de memória diferentes e que as imagens evocadas pelos Estados mudam de forma para se adequar ao seu objetivo em cada espaço. Observamos também que a política pública de memória paradoxalmente sustenta uma narrativa de unidade enquanto também abre espaços para que a percepção de divisão seja aprofundada no plano internacional, mas também no doméstico.

No Sul identificamos que existe um peso moral em torno da ideia de unificação, e os silêncios estruturais em torno da responsabilidade norte-coreana perante a guerra são sintomáticos deste. Contudo, percebemos que a centralidade da unificação como o pilar do sentimento de *Honra* do Estado sul-coreano tem sido progressivamente dissolvido em cima de outros temas, como o progresso, a tecnologia e uma reverência ao passado feudal. Iniciativas voltadas para o turismo internacional, como visto na análise da DMZ também demonstram uma relativa falta de pudor em caricaturizar o conflito e a divisão - uma outra plataforma para a criação de uma identidade nacional sul-coreana independente do Norte.

No Norte, apesar de encontrarmos uma elasticidade da narrativa da divisão da Coreia - hora uma vitória, hora uma tragédia - podemos perceber uma coesão maior sobre o que seriam as bases de uma identidade nacional coreana em sua visão. A unificação é, assim como no Sul, um elemento moral indissociável de sua auto-imagem e portanto de sua *Honra*, mas o antiamericanismo se apresenta como um pilar tão forte quanto. Se o Sul é inconstante sobre os outros elementos que poderiam ser parte de uma identidade exclusivamente sul-coreana, os norte-coreanos se demonstram consistentes e convictos do antiamericanismo.

A imagem que podemos traçar através de diferentes discursos são de atores políticos falando sobre um mesmo objeto, a Coreia, mas com imagens e objetivos

diferentes por trás de suas palavras. A memória propagada por estes atores tem sido a base de informação de toda uma geração de coreanos que apesar de estar convicto da importância de certos temas (“unificação”, “nação”, “*han nara*”), internamente possui imagens e sentimentos significativamente distintos sobre o seu significado. O efeito de tais percepções será o objeto do capítulo subsequente, onde a real interação entre sul e norte coreanos é posta a prova.

2 O ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS NORTE-COREANOS NA COREIA DO SUL – INTERPRETANDO INSTITUIÇÕES E PERCEPÇÕES

Segundo dados recentes do Ministério de Unificação sul-coreano (2016), existem aproximadamente 29.000 refugiados (ou desertores, dependendo do prisma político a qual se pertence)¹⁶ norte-coreanos vivendo sob a jurisdição de Seul. Apesar destes representarem menos de 1% da população do país, que hoje ultrapassa os 50 milhões de habitantes, este é provavelmente o grupo minoritário que mais preocupa a administração pública sul-coreana por se tratar não apenas de uma questão humanitária, mas de Identidade e segurança nacionais. Afinal, a capacidade de integrar este (ainda) pequeno grupo de indivíduos a sociedade seria o teste de fogo para uma eventual reunificação da península – um dever de Estado pela constituição de ambas as Coreias e, como já observamos, objeto central da construção identitária da nação.

As ondas migratórias indocumentadas rumo ao Sul iniciaram nos anos 90¹⁷, inicialmente em face da grande crise alimentícia que assolou o Norte, a atualmente chamada “Marcha Árdua”, intensificando-se nos anos seguintes, reportadamente em função do endurecimento do regime político autoritário do país e suas constantes violações de direitos humanos fundamentais (KIM, 2011, p.110). Desde então, o fenômeno da inserção de norte-coreanos na sociedade sul-coreana tem sido um desafio da política pública de Seul. Um desafio não apenas em termos materiais – o orçamento do Ministério da Unificação, a principal instituição responsável pelo processo de “reassentamento” atingiu sozinho em 2015 a grandeza de 1.3 bilhões de dólares (KOREAN HERALD, 2015) - mas também em termos discursivos: como enunciar estes “novos” cidadãos de forma coerente? Como abarcar em sua moderna sociedade indivíduos que apesar de serem inegavelmente coreanos (possuírem uma

¹⁶ Para uma maior elaboração sobre as delimitações entre refugiado, desertor e deslocado interno no caso coreano, fazer referência a seção “definições instrumentais” no capítulo introdutório deste trabalho.

¹⁷ Até a redemocratização da Coreia do Sul em 1988, os casos de deserção de norte-coreanos para o Sul não passavam da casa das dezenas, Em geral se tratavam apenas de diplomatas ou generais de alta patente que se refugiavam em embaixadas sul-coreanas em missões especiais. A necessidade de desenhar políticas públicas específicas para um novo grupo social em formação surgem a partir dos anos 90. (HYUNG, 2009)

mesma etnia ancestral, mesma língua, mesma escrita e mesma fome por *Kimchi*¹⁸), parecem mais alheios do que qualquer turista a elementos culturais que já são indissociáveis do que hoje se entende por ser sul-coreano (alta tecnologia, ferrenha sociedade de mercado, K-Pop, Democracia liberal, etc.)? E ainda: O que fazer quando mesmo estes elementos de unidade, principalmente o linguístico e o étnico, começam a se dissipar ao longo do tempo? São perguntas que assistentes sociais e *policy makers* têm crescentemente se feito nas últimas décadas.

Este capítulo tem os seguintes objetivos: 1) Entender o fenômeno migratório dos norte-coreanos para a Coreia do Sul 2) Verificar a emergência tácita de identidades nacionais independentes entre norte e sul coreanos a partir deste fenômeno 3) Relatar como se dá o processo de acolhimento de desertores Norte-coreanos na Coreia do Sul.

O resultado da pesquisa presente neste capítulo, que é de caráter eminentemente documental, se constrói em cima da hipótese de que já existe um distanciamento identitário significativo entre sul e norte coreanos, em despeito do discurso estatal oficial de fraternidade, unidade e de defesa de direitos humanos fundamentais para estes indivíduos. Distanciamento este que pode ser observado na própria redação e aplicação das políticas públicas de acolhimento de norte-coreanos por Seul, bem como nos resultados das mesmas e que, seguindo a lógica do que é entendido dentro do construtivismo psicológico, são motivado por sentimentos políticos diferentes do que os percebidos na política pública de memória. Este trabalho entende que a construção do desertor/refugiado norte-coreano como simultaneamente um *insider* e um *outsider* pela política pública é uma das origens da reportada dificuldade de inserção destes indivíduos na sociedade sul-coreana e está mais intimamente ligado a uma lógica guiada pelos princípios de *Medo* e *Interesse* do que pelo os de *Honra*, segundo o quadro teórico de Lebow. Além disto, é do posicionamento deste capítulo que a compreensão do processo de acolhimento desses refugiados possui a capacidade de desencadear uma discussão mais profunda sobre a autopercepção de identidade nacional não apenas na península coreana, mas em todos os contextos globais em que este debate é

¹⁸ Prato típico coreano e base de sua rotina alimentar. Extremamente apimentado e feito á base de acelga.

relevante, bem como rever a noção de refugiado vis-à-vis o imigrante econômico indocumentado

Tabela 4 – Número de desertores Norte-coreanos registrados na Coreia do Sul

Ano	~1998	~2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Homens	831	565	510	474	626	424	515	573	608	662	591	795	404	369	305	251	8,503
Mulheres	116	478	632	811	1,272	960	1,513	1,981	2,195	2,252	1,811	1,911	1,098	1,145	1,092	1,025	20,292
Total	947	1,043	1,142	1,285	1,898	1,384	2,028	2,554	2,803	2,914	2,402	2,706	1,502	1,514	1,396	1,276	28,795
Porcentagem Feminina	12%	46%	55%	63%	67%	69%	75%	78%	78%	77%	75%	70%	72%	76%	78%	83%	70%

Fonte: Ministry of Unification Annual White Paper (2016)

2.1 Entendendo a migração norte-coreana

A jornada dos refugiados Norte-coreanos até a jurisdição de Seul é longa e perigosa: a grande maioria dos que desejam fugir do sistema político de Pyongyang o faz através de subornos a agentes da fronteira com a China durante o inverno, quando o rio Yalu que divide os dois países se congela e a travessia a pé se torna possível. A maior parte dos que escapam passam a viver de forma indocumentada na China – estima-se que em torno de 200.000 de norte-coreanos vivem deste modo, trabalhando em fábricas na parte continental do país. Os norte-coreanos chegam à China desprotegidos de qualquer regimento legal, uma vez que Pequim não reconhece o status de refúgio destes indivíduos tanto em função de sua posição ambígua dentro do ACNUR quanto em seu apoio tácito, e por vezes explícito, a Pyongyang (KIM, 2012, p. 37-40).

Por vezes o governo chinês deporta forçadamente nacionais norte-coreanos de volta para seu país de origem e se recusa a dialogar sobre qualquer questão humanitária ligada à Coreia do Norte no ambiente das Nações Unidas, afirmando que estes se tratam apenas de emigrantes econômicos ilegais e não refugiados de fato (RICHARDSON, 2017, p.1-2). Um argumento que, apesar de repudiado nos fóruns internacionais de direitos humanos, possui certa base factual: pesquisas entre os refugiados apontam que maior parte dos que fogem da Coreia do Norte o fazem por motivações econômicas e não necessariamente por perseguição política ou oposição ao regime – elemento basilar para a definição da categoria perante os acordos internacionais. Esse padrão pode também ser confirmado pelo suave declínio do número de migrantes norte-coreanos no Sul que vem sido testemunhado nos últimos anos, em compasso com a reversão do cenário de fome extrema em Pyongyang e retorno de seu crescimento econômico (tabela 1.1) (LANKOV, 2015).

Tabela 5 – Motivações para a deserção de Norte-coreanos

Motivo	2010	2011	2012	2010-2012
Razões econômicas	23	77	64	164 (39.1%)
Dissatisfação com o regime	6	21	26	53 (12.6%)
Convidados por familiares que migraram	6	46	56	108 (25.7%)
Medo de punição	0	6	8	14 (3.3%)
Evasão e punição	2	5	6	13 (3.1%)
Outros Motivos	10	32	26	68 (16.2%)
Non-responses	104	43	39	186 (-)
Total de casos	151	230	225	606 (100%)

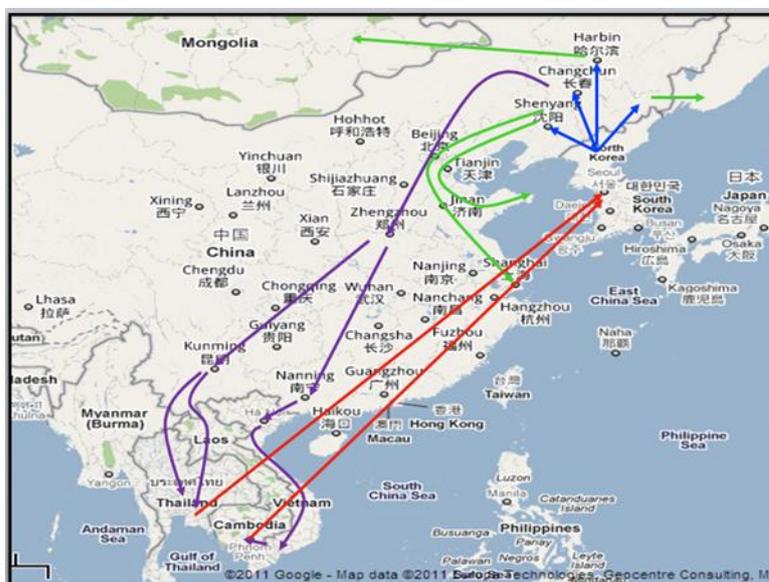
Source: EAI Security Initiative Working Paper 29, p. 4.

Fonte: EAI Security Paper Initiative – Working Paper No 29 (2013)

Ainda em face desta situação, apenas uma fração dos que escapam de Pyongyang de fato chega a Seul. Muitos acabam se envolvendo em relações matrimoniais com chineses para tentar garantir sua permanência no país e uma

estabilidade financeira mínima ou acabam encontrando meios de se deslocar até o sudeste asiático ou mesmo até a Europa em busca de asilo (KIM, 2012, p.55). Os que conseguem chegar a Coreia do Sul o fazem através da compra de documentos falsos ou pelo tráfico internacional de pessoas que parte de países como Camboja e Tailândia – muitas vezes através de fluxos de prostituição, como o elevado número de refugiadas do sexo feminino (em torno de 70% de toda a população de desertores) apontado na tabela 1.1 pode sugerir e o mapa abaixo (mapa 1.1) demonstra graficamente.

Imagem 24 – Fluxo migratório de Norte-coreanos



Fonte: Google maps, 2018

Os que conseguem fazer a hercúlea travessia para o outro lado da península, no entanto, possuem significativos incentivos para fazê-lo, que vão além do atrativo mundo de sonhos que passam a assistir e desejar nas populares novelas sul-coreanas transmitidas por toda a Ásia¹⁹. Ao contrário de outros grupos de migrantes que se estabeleceram nos últimos anos em grandes números na Coreia do Sul²⁰, os

¹⁹ O impacto das novelas sul-coreanas dentre os refugiados do Norte tem sido assunto de crescente atenção para os que estudam os conflitos da península. Não são poucos os casos de refugiados que contam terem sido motivados a escapar do Norte após entrarem em contato com conteúdo cinematográfico sul-coreano contrabandeado (CHOE, 2015, p.2).

²⁰ Em especial contraste com o crescente número de esposas vietnamitas e filipinas que tem migrado para o país, bem como um grande contingente de trabalhadores de outras regiões do sudeste

refugiados norte-coreanos chegam ao país com um status diferenciado: o de cidadão. Todo refugiado norte-coreano que chega a Seul é considerado cidadão sul-coreano por lei constitucional, muito embora estes tenham que ser primeiramente examinados pelo governo para prevenir qualquer ameaça à segurança nacional²¹, bem como para verificar se a sua reivindicação de ser norte-coreano é, de fato, genuína²². A travessia, contudo, carrega em si um peso que muitos imigrantes indocumentados conhecem bem: grandes dívidas ao “Coiotes” que possibilitaram a penosa travessia pela China. São de conhecimento geral casos de refugiados norte-coreanos que são forçados a entregar quase todo o dinheiro do auxílio governamental para o tráfico de pessoas, embora esforços policiais em torno dessas práticas tenham demonstrado melhoria significativa no policiamento destas atividades (HAGGARD, 2010, p.31).

2.2 Os desafios cotidianos dos migrantes norte-coreanos

A transição para a nova vida não é simples, não apenas pelas desventuras que enfrentam todos os emigrantes ao iniciar uma vida do zero longe de casa, mas também pelas particularidades de ser um norte-coreano na Coreia do Sul. As frustrações cotidianas vão do econômico ao simbólico e são um alerta para os agentes públicos que estudam as possibilidades de unificação dos dois países.

Uma dificuldade central que os desertores encontram, por exemplo, é a impossibilidade do aproveitamento de suas habilidades acadêmicas e profissionais em sua nova realidade social. Não existe reconhecimento ou revalidação de diplomas universitários ou de ensino fundamental entre os dois países (ASAN,

asiático, imigrantes vistos pelos sul-coreanos pelo mesmo prisma que mexicanos nos Estados Unidos. (SEOL, 2015, p.64)

²¹ Apesar da óbvia preocupação com segurança na triagem de refugiados, o número de atos de terror cometidos internamente por refugiados norte-coreanos e mesmo por indivíduos simpatizantes da causa de Pyongyang é surpreendente baixa se considerarmos uma zona com rivalidades tão intensas, com a exceção e alguns poucos e emblemáticos incidentes, representando menos de 2% de todas as “provocações” oriundas do Norte registradas pelo governo sul-coreano desde 1953. (SHIN, 2011)

²² Múltiplos relatos de chineses que aprendem a língua coreana para se passar por norte-coreanos e então receber as benesses sociais concedidas pela Coreia do Sul levaram o governo a reforçar seu processo de Triagem, fazendo não apenas testes de línguas coreana, mas sobre geografia norte-coreana (DEMICK, 2013)

2014). O impedimento possui razões tanto políticas quanto práticas: muito do currículo formal norte-coreano se delimita a seu contexto específico (A história da vida de Kim Il-sung, a filosofia do *Juche*²³, um conhecimento muito limitado e datado sobre tecnologia, etc.), que não possui valor ou utilidade no mundo contemporâneo e globalizado que encontram no Sul. Em função deste impedimento é comum encontrar médicos ou professores norte-coreanos tendo que se alocar no Sul como varejistas ou no mercado informal (DEMICK, 2013). Na última pesquisa feita a respeito que este trabalho teve acesso, menos de 10% de todos os norte-coreanos vivendo no Sul exerciam as mesmas atividades econômicas que desempenham no Norte e mais 50% afirmaram ter sido despreteridos de alguma forma no ambiente de trabalho em função de sua origem – demitido sem justa causa, não ter sido escolhido para promoções, alvo de insultos, etc. (KIM & JANG, 2011).

Os mal-entendidos culturais ao lidar com refugiados norte-coreanos, em função de sua particular formação, são inevitáveis, mas a sua resiliência evidencia um forte preconceito e estereótipos dos sul-coreanos em relação Coreia do Norte e seu povo. Como resultado, muitos jovens e crianças do norte-coreano sentem-se alienados pela sociedade sul-coreana e acham seus colegas sul-coreanos difíceis de se relacionarem, sendo via de regra vítimas de *bullying* (KIM & LEE, 2013; LEE, 2011). Como as crianças e os adolescentes norte-coreanos estão em um período de transição em termos de sua formação identitária, muitas vezes se sentem inseguras sobre suas posições sociais na sociedade, alguns engrossando a já extensa taxa de suicídio juvenil sul-coreana (KIM & LEE, 2013).

Outro empecilho para a adaptação que deixa a administração pública sul-coreana apreensiva é a língua. Embora a única língua falada em toda a península ainda seja oficialmente o coreano, o idioma falado em cada lado do paralelo 38 tem progressivamente se desenvolvido em dialetos distintos e isso tem dificultado muito da vida prática dos refugiados norte-coreanos (SOHN, 2006). No caso daqueles que exerciam medicina em Pyongyang, por exemplo, muitos se surpreendem ao saber

²³ A Ideologia Juche, também conhecido como "Kimilsungismo"- que em coreano poderia ser traduzido como "autossuficiência"- trata-se da ideologia oficial da Coreia do Norte. O Juche é uma filosofia política que defende que a fonte e os mestres da revolução e da construção social são as massas populares. Segundo o governo norte-coreano, a ideia central do Juche baseia-se no princípio filosófico de que o homem é o mestre de tudo e tudo decide. (VISENTINI, 2015)

que todo o linguajar médico que haviam aprendido ao norte não era transposto ao Sul: enquanto os médicos de Pyongyang usam uma terminologia importada diretamente do inglês, os norte coreanos usavam termos adaptados da própria língua coreana, ou termos emprestados do russo e do chinês (DEMICK, 2013). De fato, a incorporação de termos estrangeiros e abreviações típicas de centros globalizados como os existentes na Coreia do Sul, representam as maiores dificuldades linguísticas dos norte-coreanos. Tal dificuldade levou, inclusive, a iniciativas da sociedade civil como a ONG *Dream Touch For All* (2015), a desenvolver aplicativos para telefones celulares em parceria com empresas como *Samsung* e *LG* que traduzem termos em “coreano do Sul” para “coreano do Norte”. De acordo com a referida ONG, os alunos norte-coreanos chegam ao sistema de ensino sul-coreano (um dos mais competitivos do mundo) entendendo menos de 50% do seu conteúdo, o que leva a discrepâncias não apenas no ensino, mas no mercado de trabalho, dificultando sua inserção na Coreia do Sul. Não existe, todavia, um esforço para que alunos sul-coreanos acompanhem as mudanças linguísticas do Norte.

O componente de gênero também desempenha um papel significativo na dificuldade de adaptação dos refugiados norte-coreanos, sendo via de regra ignorado pelas políticas públicas de assentamento de norte-coreanos ao Sul – uma vez que o tema não é citado nos *Annual White Paper on Korean Unification* nos últimos 6 anos. Existe em todo o leste asiático, e principalmente na Península Coreana, um imaginário fantasioso sobre a natureza da mulher norte-coreana. O provérbio popular coreano “NamnamBuknyeo” (남남북녀), literalmente “Homens do Sul e mulheres do Norte”²⁴, exprime a ideia de que as mulheres do Norte da península seriam tradicionalmente as mais belas e mais dedicadas esposas, enquanto os sul-coreanos seriam os mais bonitos e românticos (KOREAN EXPOSÉ, 2014). No decorrer dos anos, a imagem da norte-coreana como subserviente e até mesmo ninfomaníaca se alastrou no imaginário popular, aprofundando seu estereótipo. De acordo com uma sondagem recente feita pela Website de encontros

²⁴ Curiosamente, o provérbio é uma das poucas referências geográficas que dividiram o norte e o sul antes dos eventos da Guerra da Coreia – não tendo uma relação direta em sua criação com a divisão política do país.

virtuais *Bien-Aller*, o mais popular da Coreia, 69% dos homens sul-coreanos disseram que são "bastante positivos" sobre a perspectiva de se casar com uma mulher norte-coreana, enquanto 84% das mulheres sul-coreanas afirmaram ter uma perspectiva "bastante negativa" de se casar com um homem norte-coreano (WJS, 2014). Tendo em vista um mercado crescente de sul-coreanos solteiros e refugiadas norte-coreanas solitárias em um país bem diferente do que imaginavam encontrar²⁵, múltiplas empresas de *match-making*²⁶ exclusivo entre homens sul-coreanos e desertoras norte-coreanas brotaram nos últimos anos nos grandes centros urbanos da Coreia (NDTV, 2013). Estas empresas, retratando as norte-coreanas como um produto, enfatizam suas "qualidades", enumerando as vantagens de um matrimônio com estas em comparação com "esposas encomendadas" de outros países asiáticos: menos barreira linguística, ausência de preocupação com "filhos mestiços" e "subserviência".

Imagem 25 – Tirinhas comerciais de empresa de *Match-making* que ilustram "2 dos 20 motivos" para se casar com uma norte-coreana



Nesta tirinha uma norte-coreana solitária fantasia um encontro sexual com um sul-coreano como o das novelas que assiste.

²⁵ Vale ressaltar que as mulheres sul-coreanas conquistaram um avanço significativo em termos de educação nos últimos anos: 89% destas possuem diploma universitário ao chegar aos 30 anos, enquanto apenas 75% dos homens o fazem. Este fato levou a um crescente dilema em termos de natalidade: não existem homens qualificados o bastante para se tornarem "bons partidos" em sua sociedade patriarcal, o que levou a uma queda vertiginosa nos níveis de natalidade e casamento no país. (BUSINESS INSIDER, 2016)

²⁶ Agências virtuais que arranjam encontros amorosos e até mesmo casamentos entre indivíduos.



Nesta tirinha um pai explica para a filha, fruto de um casamento intercoreano, a origem de seu colega de colégio mestiço que sofre bullying.

Fonte: Hankyoreh <http://www.hani.co.kr/arti/society/society_general/652801.html>

Em decorrência deste fenômeno, as taxas de casamento intercoreano têm sido relativamente altas, em torno de 1000 acontecendo todo ano. Em contrapartida, a taxa de divórcio tem sido igualmente alta: 25% destes matrimônios tem terminado em divórcio no prazo de 5 anos, em simétrico paralelo com os outros casamentos internacionais com sul-coreanos (SCHARTZMAN, 2011). O que reforça a existência de choques culturais entre coreanos do Sul e do Norte e evidencia a presente dinâmica de exotização do norte-coreano aos olhos do sul-coreano.

De um modo geral o caso das noivas norte-coreanas e outras dificuldades pontuais dos norte-coreanos ecoam o maior desafio encontrada pelos refugiados norte-coreanos: a solidão e a depressão. É natural que muitas norte-coreanas, e mesmo norte-coreanos, refugiados vejam no casamento a possibilidade de serem incluídas em uma sociedade que as coloca em sua margem e ridiculariza ou teme sua origem (LEE, 2015, p. 89). Múltiplos estudos sociais e médico apontam uma depressão e ansiedade aguda entre os norte-coreanos, mesmo entre aqueles que se encontram no país por períodos prolongados. Alguns estudos apontam que 35% dos refugiados norte-coreanos encontram estes sintomas em suas formas mais severa (MY, 2015, p. 5). Apesar da administração pública sul-coreana afirmar que este diagnóstico se dá exclusivamente pelos traumas causados nos anos vividos no Norte, psicólogos e profissionais de saúde já apontam que estes parecem ser mais

motivados por um processo de adaptação precário e custoso ao Sul (JEONG et al, 2009; MY, 2015, p.19; CHOI et al, 2011).

2.3 Os programas governamentais e instituições de apoio ao refugiado Norte-coreano

O governo sul-coreano não é passivo em relação às dificuldades dos novos cidadãos vindos do Norte, apesar de sua abordagem de acolhimento ser alvo de questionamentos. De fato, no momento em que os desertores norte-coreanos chegam em Seul e completam o sigiloso processo de triagem, estes entram no chamado *Hanawon*, uma instituição fundada no ano 1999 operada pelo governo sul-coreano diretamente através do Ministério da Unificação que abriga e educa os refugiados por um mínimo de 12 semanas de forma compulsória antes de serem re-inseridos na sociedade sul-coreana. Os cursos educacionais incluem treinamento vocacional básico, palestras sobre história e democracia coreanas, o conceito de economia de mercado, bem como aconselhamento psicológico, teste de aptidão profissional e exames de saúde (CHO & KIM, 2011, p. 25-50). São um total de 392 horas de curso, distribuídos em 4 segmentos-base da seguinte forma que são enunciados na lista de seu material didático, em tradução oficial para o inglês:

Tabela 6 – Ementa do curso compulsório de reassentamento do Instituto Hanawon

Disciplina	Conteúdo	Carga-horária
Estabilidade emocional e avaliação de saúde	<ul style="list-style-type: none"> → Testes psicológicos e aconselhamento → Tratamento médico e aconselhamento pós-traumático 	51 horas
Compreensão da sociedade coreana	<ul style="list-style-type: none"> → Aulas sobre livre democracia e economia de mercado → Experiências práticas (Compras em mercados locais, visitas em locais de interesse da cidade, etc.) 	138 horas
Teste vocacional e orientação de carreira	<ul style="list-style-type: none"> → Testes de aptidão → Treinamento profissional básico 	157 horas
Apoio inicial ao reassentamento	→ Informação sobre os serviços de acolhimento continuado	51 horas

Fonte: MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO, Manual for the Resettlement Support for North Korean Refugees, 2013

A redação desta ementa evidencia, assim como os aplicativos que traduzem o “coreano do sul” para “coreano do norte” e a negação do reconhecimento de títulos acadêmicos norte-coreanos, a ideia de identidades partidas e compartilhadas anteriormente demonstrada: temos aqui sul-coreanos ensinando a norte-coreanos a serem coreanos. Não existe uma construção compartilhada da ideia de “ser coreano”, mas uma imposição. A existência e a memória do refugiado norte-coreano são vistas como um trauma em sua totalidade, algo a ser esquecido e transposto para uma cultura específica (a de mercado) que seria inexorável a ideia de nação coreana (ao sul). A etnia, ainda o elemento mais importante de identificação na península, daria a oportunidade de fazer parte de sua nação, mas apenas se estes indivíduos se adaptarem às suas regras e sua linguagem.

Seguindo o processo de “reassentamento”²⁷ os refugiados que se formam no *Hanawon* recebem do Estado sul-coreano um pagamento de assistência de habitação baseado em seu desempenho dentro do programa e sua configuração familiar. O valor médio do auxílio, para uma família de 3 pessoas, é de um depósito 18.000 dólares, com um auxílio mensal de 320 dólares pelo período de 5 anos (Ministério da Unificação, 2015, p. 40). Além disso, um funcionário público denominado “auxiliar de reassentamento” é disponibilizado para os refugiados por até dois anos. Não há uma agência centralizada que lide com os programas de assistência aos refugiados norte-coreanos após este período, estes estão espalhados por vários ministérios e governos locais, além de numerosas agências do setor privado e governos estrangeiros (majoritariamente dos Estados Unidos), que tem suas operações, via de regra, viabilizadas sob os repasses do Ministério da Unificação (LEE, 2015, p.70-75).

Por exemplo, o Ministério do Emprego e do Trabalho opera um programa que ajuda os refugiados norte-coreanos a conectá-los a potenciais empregadores e o Ministério da Educação opera programas de assistência acadêmica para ajudar os alunos a se adaptarem à escola, como atividades extracurriculares e programas de mentoria (KIM, 2009, p.12). Existem também programas semelhantes na Fundação para a Juventude Migrante, sob o Ministério da Igualdade de Gênero e da Família, que presta assistência a estudantes norte-coreanos refugiados em nível universitário. Nos níveis municipal e provincial, as autoridades locais prestam assistência administrativa e muitas vezes implementam os programas financiados e supervisionados pelo governo nacional, como festivais que promovem a visibilidade da pauta de unificação e inserções publicitárias que promovem um acolhimento dos refugiados norte coreanos pela população sul coreana (MINISTRY OF UNIFICATION, 2016). Uma campanha publicitária veiculada em sinal aberto, financiada por este programa, por exemplo, trazia imagens de sul-coreanos ajudando norte-coreanos em tarefas cotidianas (um médico tratando de um norte-

²⁷ O termo reassentamento (“재 정착”) é recorrentemente usado pela administração pública coreana para se referir às políticas públicas em relação aos desertores sul-coreanos (MINISTRY OF UNIFICATION, 2016), embora seja relativamente contraditório entender uma “realocação” de pessoas que nunca estiveram ao Sul.

coreano adoecido, uma voluntária servindo sopa para uma norte-coreana em uma cantina pública, etc.) com os dizeres “*Por favor, tente ampliar sua perspectiva. / Você pode encontrá-los já em sua vida diária. / Você e eu vivemos a mesma vida comum. / Nós já somos um*” (HANA FOUNDATION, 2017).

Tabela 7 – Programas Estatais de apoio providos pelo Governo Sul-coreano aos refugiados do Norte

Instituição	Serviços prestados
Ministério da reunificação	Hanawon , atribuição de moradia, pagamento de reassentamento, registro de família, Hana Center de apoio e auxílio ao refugiado
Agência Nacional de polícia	Serviço especial de proteção (6 meses - prorrogável)
Ministério da educação	Centro Nacional de Educação Multicultural, escolas alternativas, programas de admissão preferencial, apoio escolar
Ministério do Emprego e trabalho	Apoio de formação vocacional, gestão de agências de formação, proteção do emprego
Ministério da Igualdade de gênero e família	Migrant Youth Foundation
Ministério da Saúde e bem-estar	Seguridade social e total cobrimento de despesas médicas
Autoridades municipais e provinciais	Proteção residencial, emissão de certificados de moradia e outras assistências administrativas

Fonte: MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO, Manual for the Resettlement Support for North Korean Refugees, 2013

Há pouca dúvida de que os atuais programas de assistência aos refugiados norte-coreanos são abrangentes, e pelo menos no papel, cobrem quase todos os aspectos do processo de “reassentamento”, desde a habitação e a alocação inicial em empregos até a tutoria extra no mundo acadêmico. De longe, os programas fornecem uma gama muito maior de possibilidades matérias para o desenvolvimento dos desertores norte-coreanos do que os programas de acolhimento de refugiados “normais”, na Coreia ou em grande parte do mundo (SCHATTLE, 2013). Contudo, a estrutura dos programas e sua redação evidenciam uma desconexão com dificuldades de adaptação recorrentes e próprias dos migrantes norte-coreanas,

possivelmente por serem pautadas em uma visão romantizada destes indivíduos, fruto da forte narrativa nacional perpetuada pelo Estado.

Neste mesmo sentido, muitos destes programas são sobrepostos por diferentes ministérios e agências que não são bem promovidos para a população-alvo – não atendendo por vezes suas reais necessidades e não tendo um acompanhamento continuado e participativo do desenvolvimento de seus novos cidadãos, se pautando quase que exclusivamente pelas diretrizes do Ministério da Unificação, recorrentemente acusado de superficial (SEO, 2013, p.301). Como consequência, muitos norte-coreanos afirmam se sentir desmotivados com os programas por sentirem condescendência ao invés de fraternidade nestas interações. (DEMICK, 2013)

Apesar da multiplicidade de programas de assistência, para a maioria deles a duração é limitada a um máximo de cinco anos. O pressuposto subjacente é que os refugiados teriam se adaptado à sociedade sul-coreana com sucesso até então. O atual esquema pode ser caracterizado em poucas palavras como de generosa assistência econômica para o curto prazo, com base na expectativa otimista de adaptação livre de problemas desses indivíduos, mas ingênuo ao pensar que a materialidade imediata bastaria para a reintegração desses indivíduos. Muitos são os casos de norte-coreanos delegados à margem da sociedade, sofrendo não apenas com dificuldades financeiras, mas com sentimentos de solidão e depressão, como anteriormente exposto (LEE, 2015, p.68).

2.4 Percepções sul-coreanas: Norte-coreano como *outsiders* e unificação como dogma secular

Grande parte dos estudos sobre refugiados norte-coreanos se concentra na adaptação da população refugiada à sociedade e na avaliação das políticas governamentais. Nesta medida, menos tem sido feito ou discutido sobre a atitude da população sul-coreana em relação aos refugiados (LEE & SON, 2011). Contudo, mesmo uma leitura superficial existente da atitude pública em relação aos refugiados norte-coreanos mostra uma tendência de deterioração da narrativa de unidade entre os dois povos. Em 2005, uma pesquisa pioneira conduzida na Coreia do Sul pelo

East Asia Institute (EAI) mostrou que 75% dos participantes expressaram algum grau de proximidade com o povo da Coreia do Norte, contudo, a proporção caiu para 55,2% na mesma pesquisa de EAI realizada em 2010. O estudo também revelou que os sul-coreanos entre 20 e 25 anos como um todo possuem uma atitude mais negativa em relação aos refugiados norte-coreanos, em contraste com o grupo dos coreanos com cinquenta anos ou mais, que se declararam sentir maior proximidade com os norte-coreanos.

Alguns analistas, corroborando com o argumento desta pesquisa, atribuíram essa diferença geracional ao fato de que os sul-coreanos mais novos passaram a não considerar os norte-coreanos como indivíduos pertencentes à mesma nação que eles, uma vez que as duas Coreias estariam separadas há mais de meio século e existiria pouca ou nenhuma memória afetiva que fornecesse margem factual ao argumento de unidade peninsular oriundo do Estado. (CHOI & KIM, 2012). Como resultado, muitos refugiados norte-coreanos experimentariam desconfiança, tratamento injusto, ostracismo e discriminação, até mesmo hostilidade absoluta, criando sérios desafios para a perspectiva de um reassentamento bem-sucedido, ou melhor dizendo, adequado ao que seria proposto pela narrativa estatal em sua política pública de memória.

Estudos posteriores também identificaram que o preconceito social predominante em relação aos refugiados norte-coreanos quase nunca está manifesto na sociedade sul-coreana, existindo uma considerável dose de tabu no tema, mas afetaria o consistentemente a relação com norte-coreanos refugiados de maneiras sutis e impactantes. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Coreano de Desenvolvimento Educacional (KEDI) em 2013, por exemplo, mostrou que, dentre os 429 estudantes norte-coreanos de ensino fundamental e médio entrevistados em seu projeto, apenas 10,7% relataram ser explicitamente discriminados ou socialmente condenados ao ostracismo devido ao fato de serem da Coreia do Norte. Todavia, 64% dos entrevistados relataram que não permitiriam que seus colegas sul-coreanos soubessem de sua naturalidade se eles tivessem a chance de se transferir para uma escola diferente, pois se sentiriam assim mais confortáveis.

Outros especialistas também apontam que os professores, aqueles que mais interagem com os estudantes de refugiados norte-coreanos, são os que mais

frequentemente não possuem treinamento para atender às suas necessidades e, como resultado, tendem a causar mais danos do que benesses (CHOI & PARK, 2011). Da mesma forma, os refugiados norte-coreanos no local de trabalho relatam ter experiência semelhante de discriminação social por seus colegas de trabalho e superiores. Por exemplo, há relatos de empregadores que afirmam não contratarem empregados norte-coreanos por terem medo que estes possam se tornar violentos sob pressão emocional e até mesmo matar terceiros (KIM & LEE, 2012). Um preconceito que via de regra decorre de relatos ou notícias de que, na Coreia do Norte, as execuções públicas seriam algo comum.

Neste ponto vale ressaltar que na Coreia do Sul não existem quaisquer leis anti-discriminatórias para nenhuma minoria social, seja racial, religiosa, política, sexual, étnica ou de gênero. Este fato, que é alvo de constantes denúncias da sociedade civil, organizações não-governamentais de direitos humanos como a Human Rights Watch e até do alto comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos (OHCHR, 2014), é mais um empecilho para adaptação dos norte-coreanos, uma vez que existe uma certa resistência estatal em reconhecer a xenofobia perante estes indivíduos (KOREAN HUMAN RIGHTS MONITOR, 2013), ou mesmo de classificar qualquer postura de cidadão sul-coreanos contra cidadão norte-coreanos como xenofóbica.

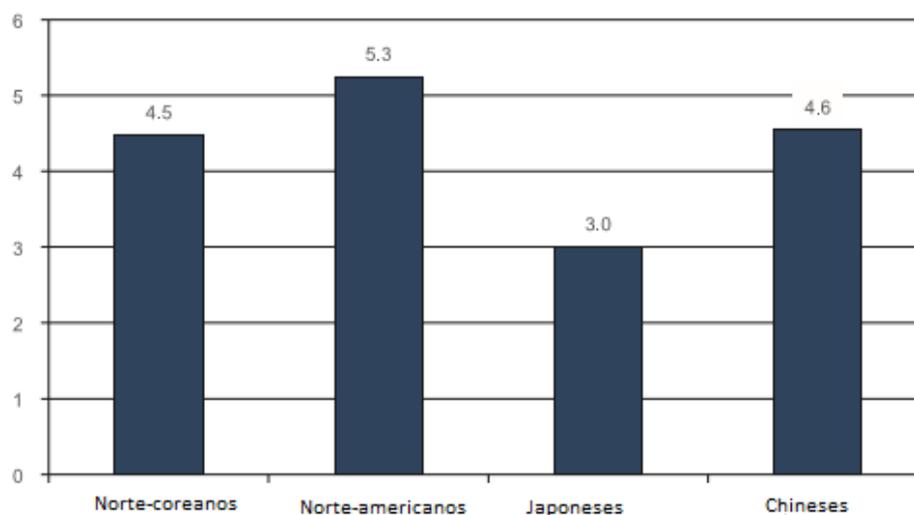
Como apresentado anteriormente e segundo os dados do próprio Ministério da Unificação em relatórios especiais emitidos em 2014 e 2016, a percepção contemporânea de refugiados Norte coreanos na Coreia do Sul está longe de endossar o sentimento de fraternidade pleiteado pelo discurso político de Seul (ou mesmo de Pyongyang): 60% da população Sul-coreana afirma não se sentir próximo desta crescente parcela de sua sociedade, apesar dos esforços em sentido contrário do Ministério da Unificação e outras entidades.

Além disto, dentre as principais queixas encontradas no processo de acolhimento de Norte-coreanos em sua nova casa, o mesmo outro estudo aponta que 33% destes afirmam terem sido vítimas de discriminação por sua condição e 29% apontam ter sérias dificuldades com a adaptação cultural e, ainda mais alarmante, 26% dos refugiados norte-coreanos afirmam sentirem que os Sul-coreanos os enxergam como uma nacionalidade diferente pesquisas (SHIN, 2010 p.

57). Estes dados corroboram com outras pesquisas (KIM & LEE, 2013; LEE, 2011) que aponta que mais da metade dos refugiados vivendo no Sul preferem manter sua identidade de “norte-coreano”, e relatam desejo de voltar ao Norte em um momento de possível reunificação.

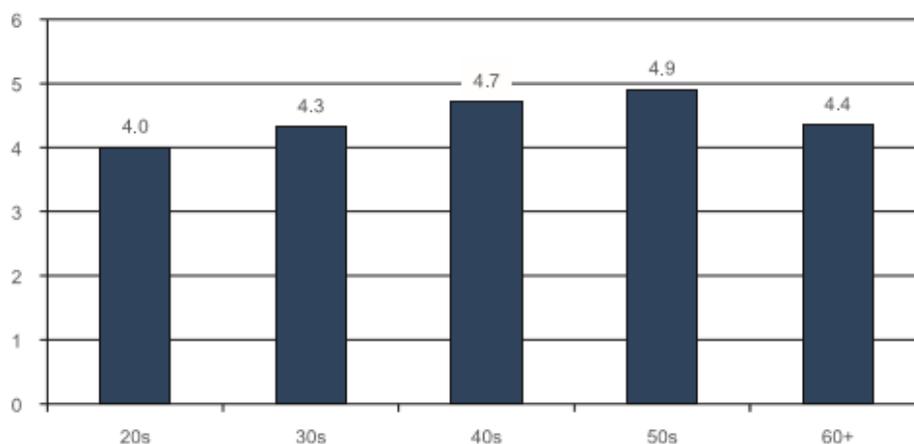
A perspectiva que a emergência destas identidades independentes se desenvolva nos próximos anos é confirmada historicamente pelos números de pesquisas que apresentam em recortes etários e espaçamentos temporais destas percepções. Tenha como exemplo a seguinte pesquisa realizada pelo ANSAN Institute of Policy Studies em 2015, onde mais de 7000 Sul-coreanos foram interrogados sobre quais nacionalidades eles teriam maior afinidade pessoal.

Gráfico 5 – Afinidade Pessoal de Sul-coreanos com outras nacionalidade (de 1 até 10)



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.17

Gráfico 6 – Afinidade pessoal de sul-coreanos com norte-coreanos por faixa etária (de 1 até 10)

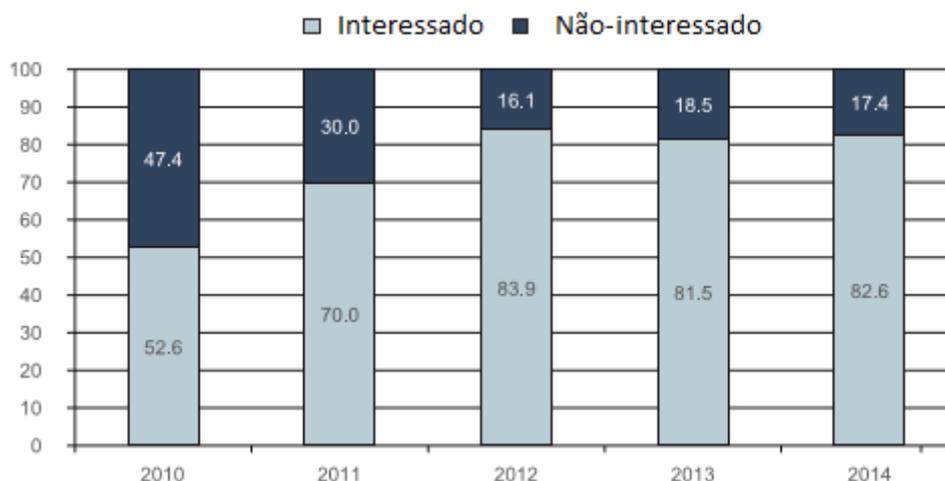


Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.18

Apesar do termo “afinidade” e “identidade” não serem intercambiáveis ou equivalentes, a pesquisa demonstra uma considerável ruptura na autopercepção coreana: os sul-coreanos passam a preferir conviver com certos totais estrangeiros do que com aqueles que a narrativa nacional aponta como irmãos. E ainda mais grave: esta é uma tendência que parece reverberar com mais intensidade na juventude: justamente aqueles que têm crescentemente menos referências do que seria uma Coreia unificada.

Todavia, se a empatia e a afinidade para com os norte-coreanos se encontram em baixa na última década, a ideia de re-unificação em si tem progressivamente retomando atratividade e centralidade para o cidadão sul-coreano, tanto para os jovens quanto para com os mais velhos, possivelmente em função das políticas públicas educacionais e de memória anteriormente discutidas neste trabalho. O mesmo relatório do Instituto ANSAN, ao perguntar aos seus entrevistados se estes tinham interesse na reunificação das Coreias obteve os seguintes resultados:

Gráfico 7 – Resultado para a pergunta “Você tem interesse na Reunificação?”



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.29

Esta pesquisa também apresenta significativas alterações uma vez apresentada o seu recorte etário, com uma clara preferência pelo tema de reunificação pelos mais velhos, mas com um notório interesse de grande parte da juventude também.

Tabela 8 – Porcentagem de sul-coreanos interessados na reunificação, por faixa etária

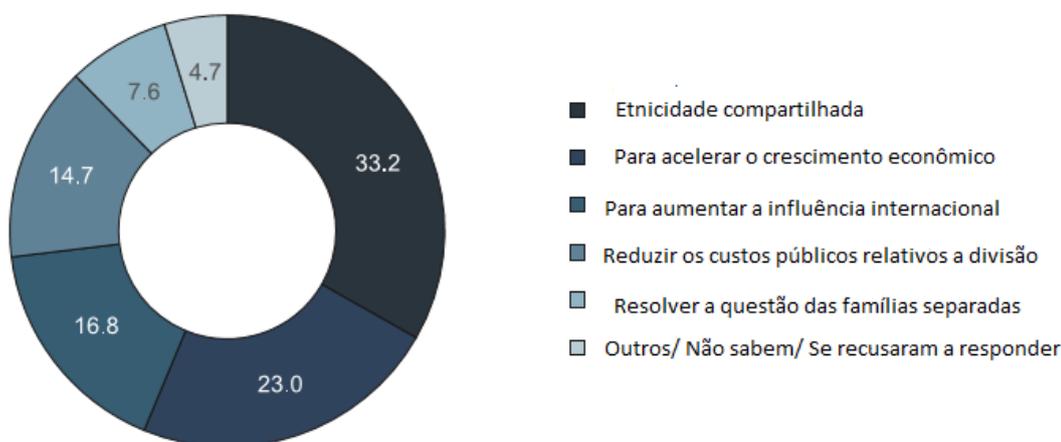
	2010	2011	2012	2013	2014
20s	39.2	64.4	77.1	72.4	71.8
30s	50.5	66.6	81.8	75.8	75.8
40s	57.0	77.2	84.0	87.2	81.7
50s	58.0	72.2	87.2	85.3	89.9
60+	58.3	68.6	88.9	85.4	91.7

Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.29

É possível notar através da leitura destes dados a resiliência da ideia de unificação como algo fundamental aos coreanos, mesmo que eventos pontuais abalem a opinião pública neste sentido. Em 2010, por exemplo, quando a pesquisa obteve seu resultado mais baixo no sentido da unificação, o navio militar sul-coreano *Cheonam* foi afundado ao patrulhar a costa do mar territorial entre as duas coreias,

supostamente por um torpedo norte-coreano, como averiguou perícia sul-coreana – uma versão rechaçada pelo Norte. Medidas políticas foram tomadas em face do ataque e as formas de auxílio financeiro e cooperação com o Norte foram suspensas (BBC, 2015). Apesar do impacto da notícia ter afetado a percepção pública em relação ao Norte, podemos notar que mais de 50% da população ainda entendia a unificação como algo desejável e importante, tendo a percepção da unificação como algo importante retomado fortemente nos anos posteriores em muita resistência. Em outras palavras, apesar da afinidade com os norte-coreanos em si estar encontrando dificuldades e os próprios norte-coreanos estarem encontrando dificuldades de encontrar pertencimento em seu “novo” lar, a concepção de unificação como um dever civil ainda ressoa de forma intensa no inconsciente coletivo coreano, um dos poucos ideais reverberado em uníssono em ambos os lados do paralelo 38.

Gráfico 8 – Motivos apontados para a Reunificação das Coreias (2014)



Fonte: ASAN Report - South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification, February 2015, p.32

O relatório vai ainda mais a fundo em sua pesquisa e indaga aos entrevistados por quais razões a unificação é algo importante e/ou desejado (gráfico 1.4). De forma não tão surpreendente, dada a narrativa oficial de “um povo, uma nação” adotada de forma consistente pelos líderes sul-coreanos após a democratização, o critério étnico lidera a pesquisa. Outras razões apontadas pelos entrevistados, menos ligados ao que poderíamos chamar de “dogma secular” da

unificação, aparentam ser mais estratégicas e alinhadas com ganhos individuais decorrente da unificação, mas ainda refletem o discurso da política pública, mesmo que seja de uma postura mais recente do Estado sul-coreano em comparação ao tradicional de unidade: A ex-Presidente Park Geun-hye passou grande parte dos anos de 2013 e 2014, remodelando a abordagem do Ministério da Unificação com a visão de "reunificação como bonança" – o lema do ministério durante seu mandato (MINISTRY OF UNIFICATION, 2014, p. 5). Seguindo a lógica da administração de Park, a melhor forma de aumentar o interesse público pela unificação seria divulgar os benefícios econômicos que esta supostamente traria, ao invés de apelar por razões emocionais. A ideia é que a junção do trabalho do Norte com a proeza tecnológica do Sul levaria a uma economia coreana revigorada e pronta para o novo milênio.

O objetivo da estratégia da política pública em atrair a atenção de uma juventude crescentemente desinteressada nos laços étnicos com os norte-coreanos e mais focada em seu desenvolvimento pessoal pode ser nitidamente lido nas entrelinhas: a palavra coreana escolhida para a "bonança" no mencionado slogan do ministério é *daebak* (대박) - uma gíria bastante informal usada principalmente pela juventude da coreana. (YONHAP, 2014; KOREAN TIMES, 2015).

2.5 Conclusões

De um modo geral, podemos observar a seguinte contradição entre as percepções e as instituições responsáveis pela unificação e assentamento de refugiados norte-coreanos na Coreia do Sul: enquanto a empatia a nível pessoal entre sul e norte coreanos se encontra em declínio e é menos sólida do que alguns *policy makers* gostariam de admitir, a ideia de unificação em si ainda permanece como um forte compasso moral dentro da Península coreana. Tal desnível abre espaço para reflexões mais profundas sobre a origem do sentimento de desconexão e alteridade existente entre os refugiados norte-coreanos e seus conterrâneos do Sul. E até a ocorrência de um fenômeno raro, porém crescente: os duplos desertores. Ou seja, norte-coreanos que migraram para o Sul e, insatisfeitos com a

vida que encontraram, retornaram para o Norte. (MCCURRY, 2015). Os depoimentos de refugiados norte-coreanos que alegam não conseguirem se adaptar e desejam retornar ao país de origem geram um desconforto a Seul - que não permite tal retorno, prendendo os indivíduos que tentam retornar através da fronteira, norte coreanos ou não. Via de regra a administração pública não comenta tais manifestações, e afirma que nos últimos 10 anos menos de 20 refugiados coreanos realizaram a migração de retorno a Pyongyang, apesar de fontes jornalísticas relatarem números bem maiores – em torno de 800 indivíduos. (TAYLOR, 2013)

A política pública sul-coreana para o acolhimento de refugiados do Norte se dificulta a cada ano em que a unificação não acontece. É crescente o desinteresse das novas gerações em Seul em relação a estes indivíduos que se tornam progressivamente mais dentro da sociedade. Os esforços em prover ferramentas para a adaptação são limitados e por vezes contraditórias: presumem unicamente a existência de uma identidade cultural comum que se encontra em erosão e são operacionalizadas em uma lógica de ensino *top-down*, mesmo que o objetivo final seja uma integração nacional e não uma subordinação do Norte perante ao sul - o que é compreendido como objetivo constitucional de ambos os estados-nação. As próprias motivações para uma unificação se tornam mais turvas se pensarmos que mesmo a unidade étnica, que unia um imaginário de unidade nos dois extremos da península entrou em declínio com a adoção de políticas multiculturais do Sul. De fato, desde 2008 a taxa de imigrantes radicados no Sul aumenta em uma média de 10% ao ano, sendo a população imigrante no país superior a 5% de sua população - em torno de 3 milhões de pessoas - com um em cada cinco casamentos registrados em cartório sendo com estrangeiros. (LIE, 2014, p.54).

É provável que se as políticas públicas para o acolhimento de refugiados não forem revistas, visando não apenas um aprendizado técnico dos indivíduos, mas também uma nova narrativa que englobe estes indivíduos e todo o norte, a própria ambição de uma Coreia unida entre em erosão. É importante ter em vista que a experiência de vida dos norte-coreanos, para uma adequação como os propostos basilares da unificação, não pode ser tratada como uma totalidade de trauma sem consequências para a auto percepção destes indivíduos. A alternativa de abrir

espaços para suas necessidades de expressão de identidade parece se apresentar como necessidade. A imposição de um estilo de vida específico só irá aumentar seu distanciamento com o Sul e prolongar o sofrimento dentro desta crise humanitária.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA COREIA UNIFICADA: CONCLUSÕES, FICÇÕES E DISTORÇÕES

Bruce Cummings, um dos mais prolíferos acadêmicos que se debruçaram sobre o tema da Península Coreana na contemporaneidade, escreveu certa vez em um artigo-desabafo sobre a insistente pergunta que alunos e colegas o fazem sobre seu objeto de estudo: Quando as duas Coreias vão se reunificar?

*Students have asked me this question for four decades, often asking to write their term papers on this subject. I say “no”, for two reasons: First, we have had nearly 70 years of Korean division, with no history of Korean unity since 1945, so where is the evidence for your paper? Second, I tell them to look carefully at the face of Kim Il-sung on posters on the walls of buildings in North Korea, or posters of his son or grandson: You may well see that face until you are as old as I am. So why are we talking about unification? This same unwarranted optimism can be seen in the efforts of South Korean President Park Geun-hye²⁸, the first woman president in the history of the Korean peninsula, who came into office in February 2013. She has avidly pushed what she calls *trustpolitik* with the North, and her government has sponsored one event after another that looks forward to a unification that appears to be just around the corner. To date, the result of these efforts is roughly zero. Kim Jong-un has been in power since December 2011, he has consolidated his position, and there is little to suggest anything other than the same effective transition of power that attended his father’s succession after Kim Il-sung in 1994. So why do so many people focus on his regime’s supposed imminent collapse? (2015, p.1)²⁹*

As palavras de Cummings, conquanto duras perante esforços tanto políticos quanto acadêmicos em imaginar e construir um futuro presumidamente antecipado por tantos, o da unificação, evidencia uma lacuna e uma miopia que este trabalho tentou identificar. O mais importante (ou o possível) para um analista de Relações

²⁸ Sofreu processo de Impeachment em Março de 2017

²⁹ [livre tradução] Os alunos me fazem essa pergunta por quatro décadas, muitas vezes pedindo para escrever seus trabalhos finais sobre este assunto. Eu digo “não”, por dois motivos: primeiro, tivemos quase 70 anos de divisão coreana, sem história de unidade coreana desde 1945, então, onde é a evidência para o seu papel? Em segundo lugar, digo-lhes que olhem atentamente o rosto de Kim Il-sung em cartazes nas paredes dos edifícios da Coreia do Norte, ou cartazes de seu filho ou neto: Você pode ver esse rosto até você ser tão velho quanto eu. Então, por que estamos falando sobre a unificação? Este mesmo otimismo injustificado pode ser visto nos esforços do presidente sul-coreano, Park Geun-hye, a primeira mulher presidente na história da península coreana, que entrou em funções em fevereiro de 2013. Ela empolgou o que ela chamou de *trustpolitik* com o Norte, e seu governo patrocinou um evento após o outro que espera uma unificação que parece estar ao virar da esquina. Até à data, o resultado desses esforços é aproximadamente zero. Kim Jong-un está no poder desde dezembro de 2011, ele consolidou sua posição e há pouco para sugerir algo além da mesma transição efetiva de poder que acompanhou a sucessão de seu pai depois de Kim Il-sung em 1994. Então, por que tantas pessoas se concentram no suposto colapso iminente de seu regime?

Internacionais ao se debruçar sobre a península coreana não é tentar prever quando ou como as Coreias irão se unificar, ou mesmo se esta seria o pivô de uma guerra mundial, mas entender como se dá a realidade presente - como vivem e o que sentem os coreanos e o como os governos ali presentes impactam suas vidas e uns aos outros. Entender alguns destes processos foi objetivo desta dissertação, voltando-se para a dimensão da memória e da identidade.

Seguindo este mote analítico, alguns resultados foram obtidos: como diversos casos descritos nesta dissertação demonstraram, tanto o Estados Sul-coreano quanto o Norte-coreano parecem pautar um escopo significativo de suas políticas públicas na sua relação com o outro seguindo os sentimentos políticos de *Honra*, preterindo (mas jamais ignorando) os vetores de *Medo* e *Interesse* - esta tendência poderia inclusive responder parcialmente a angústia de Cummings sobre as motivações em cima de um esforço aparentemente infrutífero. Basta pensar no impasse entre Coreia do Sul e Japão, grandes parceiros comerciais e aliados estratégicos em defesa, no que concerne às “Mulheres de Conforto”: existe a necessidade de conciliar interesse econômicos com a valorização de sua autopercepção como Estado. Pensar sobre e perpetuar imageticamente uma tragédia distante e reivindicar uma reparação aparentemente impossível pode ser uma fibra política mais central do que a materialidade pode sugerir, por isso a importância da política pública de memória.

Seguindo o modelo gráfico-teórico que foi apresentado no primeiro capítulo em que os sentimentos políticos *Medo*, *Interesse* e *Honra* se interpelam, podemos entender que, no que concerne política pública de memória, os vetores guiados pela *Honra* tanto ao Sul quanto ao Norte ainda coincidem consideravelmente. Contudo, as variáveis *Interesse* e *Medo* guiam-se em direções tão distintas nas duas administrações que mesmo no espaço por excelência da *Honra*, a memória, essas discrepâncias se fazem notar. Nominalmente o *Interesse* sul-coreano de ser reconhecido e identificado internacionalmente por proezas além da guerra (a tecnologia, o desenvolvimento, a cultura popular, etc) e o *Medo* norte-coreano de uma nova invasão externa, apresentado em seu profundo anti-americanismo na política pública de memória. Por conseguinte, o espaço para que novas identidades sobrepostas tenham origem é possibilitado. A identidade sul-coreana e norte-

coreana em contraponto a identidade peninsular é consideravelmente fabricada em torno das ausências mais do que das presenças da política pública de memória das duas nações. Ao afirmar uma homogeneidade mas serem relutantes em abordar as diferenças, as identidades estão crescendo moldadas por esse vácuo, dividindo espaço com a peninsular.

O sentimento de desconexão e sofrimento dos migrantes norte-coreano é forte indício da consequência deste descompasso entre duas agências políticas com mensagens distintas atuando sobre os sentimentos políticos da península. Se uma identidade peninsular ainda persiste graças à agência destes atores, não é sem continuamente perder espaço para outras formas de identificação e sentimentos políticos por parte dos coreanos. Contudo, se este é um objetivo consciente dos Estados, claramente não é assumido de forma oficial - onde o discurso do *Han Nara* ainda prevalece. Enquanto o mundo parece esperar ansiosamente por uma Terceira Guerra Mundial entre Trump e Kim Jong-Il, o sonho de uma Coreia unificada permanece vivo nos museus, mesmo que cada um à sua maneira (EXPRESS UK, 2017; DIAZ, 2017).

Em verdade, as distorções criativas, em seus silêncios estruturais ou em seus heroísmos e paranoias, são tão profícuos por parte do Estado quanto por uma mídia sensacionalista. As consequências destes atos, fundamentalmente políticos, é que não é nenhuma fantasia: tem consequências bem reais para todos que habitam na península. A busca incessante por buscar soluções (a unificação ou outro cenário resolutivo), parece ter cegado os analistas e políticos para o que é presente: contra todas as expectativas a Coreia permanece dividida e a guerra não irrompeu. O que parecia (e ainda parece) ser extremamente insustentável e passageiro permanece de pé mesmo quando o resto do mundo parece erodir.

As observações aqui descritas, apesar de indicarem possíveis conclusões, ainda são preliminares e em certa medida ensaísticas. Mais pesquisa é recomendada, especialmente com novas perspectiva de ir a campo, assim como uma coleta de dados mais próxima aos formuladores de política pública. É indicado principalmente uma pesquisa mais aprofundada sobre as representações dos norte-coreanos na cultura popular sul-coreana e a representação que estes são atribuídos

dentro das escolas e centros de formação - que por questões logísticas não puderam ser contemplados por este trabalho.

REFERÊNCIAS

ACNUR, UNHCR'S ROLE IN SUPPORT OF AN ENHANCED HUMANITARIAN RESPONSE TO SITUATIONS OF INTERNAL DISPLACEMENT. 2007. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/idps/50f9518b9/unhcrs-role-support-enhanced-humanitarian-response-situations-internal.html>> Acesso em 12 ago. 2017.

Al JAZEERA, America. *South Korea: World's longest protest over comfort women*. 2017.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas : reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASAN Report. *South Korean Attitudes toward North Korea and Reunification*, The Asan Institute for Public Policies. 2015.

ASAN Report. *Institute of Policy Studies Resettling in South Korea: Challenges for Young North Korean Refugees*, The Asan Institute for Public Policies. 2014.

BBC "Global Citizenship a growing sentiment among citizens of emerging economies Global Poll" BBC World.

<http://www.globescan.com/images/images/pressreleases/BBC2016-Identity/BBC_GlobeScan_Identity_Season_Press_Release_April%2026.pdf> Acesso em: out. 2016.

BREEN, Michael. *The Koreans – Who they are, What they Want, Where their future lies*. Thomas Dunnes Books p. 15-22. 2004.

BURUMA, Ian. *The Wages of Guilt: Memories of War in Germany and Japan*. p. 220. 1994.

BUSINESS INSIDER, *Buses in Seoul install 'comfort women' statues to honour former sex slaves*. Publicado em 16 de Agosto de 2017. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/cities/2017/aug/16/buses-seoul-comfort-women-statues-korea-japan>> Acesso em: 20 nov. 2017.

BUSINESS INSIDER, *South Korea's gender problem could lead to an existential crisis* Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-south-korea-is-becoming-the-oldest-country-2016-1>> Publicado em: 5 fev. 2016.

CAMPBELL, Emma-Louise.; *Uri nara, our nation: Unification, identity and the emergence of a new nationalism amongst South Korean young people*. The Australian National University. 2011.

CATHCART, Adam, *Notes on Sinchom Massacre* Disponível em: <<https://adamcathcart.com/2015/05/16/notes-on-the-sinchon-massacr/>> Acesso em: 12 nov. 2012.

CHILDREN'S MUSEUM, War Memorial of Korea; Official english website, Disponível em: <<https://www.kidswarmemo.or.kr/eng/>> Acesso em: 21 nov. 2017.

CHO, D.; KIM, Y. A study on settlement service for North Korean defectors. *Journal of Korean Public Police and Security Studies*. 2011.

CHOE, Sang-Hun. North Korea's Forbidden Love? Smuggled, Illegal Soap Operas, *The New York Times*, Jan. 2015 <https://www.nytimes.com/2015/01/25/world/north-koreas-forbidden-love-smuggled-illegal-soap-operas.html?_0 r=> Acesso em: 23 jan. 2017.

CHOI, Dang-il; KIM, Yong-nun. *A study on settlement service for North Korean defectors*. Journal of Korean Public Police and Security Studies, p. 25-50, 2012.

CHOI, Seul-ki, et al. *Anxiety and Depression among North Korean Young Defectors in South Korea and Their Association with Health-Related Quality of Life* em Yonsei Medicine Journal Vol. 12, 1 mai. 2011.

CHÖNG, Yöngnam. *Sinch'ön Pangmulgwan [The History of Sinch'ön Museum]*. Pyongyang: Chosön hwabosa ed. 2009.

CNN, *South Korea's new president questions Japan 'comfort women' deal*. 2017.

COKER, C. A Matter of Honour: Ned Lebow, A Cultural Theory of International Relations. *INTERNATIONAL RELATIONS*. 23, p. 161-165, 2009.

CUMINGS, B. Getting North Korea wrong. *Bulletin of the Atomic Scientists*. p. 64-76, Jul. 2015.

CUMMINGS, B., "The Korean War: What is it that We are Remembering to Forget", in *Ruptured Histories: War, Memory and the post Cold War in Asia*, Harvard, Harvard University Press, p. 266-290, 2007.

DEMICK, Barbara. Nothing to Envy – Ordinary Lives in North Korea. Spiegel & Grau ed. p. 3-17, 2009.

DIAZ, Daniella. Corker: Trump setting US 'on the path to World War III'. CNN News, [S.L], out. 2017. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/10/09/politics/corker-world-war-iii-donald-trump-white-house/index.html>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

DREAM TOUCH FOR ALL South Korean-North Korean translator Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yM3HnjBxPsw>> 25 abr. 2015.

DUDDEN, Alexis “Japan's Colonization of Korea: Discourse and Power” p. 125 2005.

EAI (East Asian Institute), Working Paper No. 29- 재중 탈북자 실상의 변화와 정책추진방향 (Mudanças na realidade dos desertores e direções políticas norte-coreanas), 2013.

ELGENIUS, Gabriela. *National museums as national symbols: a survey of strategic nation-building and identity politics; nations as symbolic regimes*. Milton Park, p.145, 2015.

EVANS, Stephen. BBC News. Why Seoul isn't fazed by North Korea's threats. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-37587281>> Acesso em: 23 jan. 2017.

EXPRESS UK World War 3? Biological war fears as 'ANTHRAX antibodies found in North Korean defector' Disponível em: <<https://www.express.co.uk/news/world/896863/world-war-3-north-korea-kim-jong-un-anthax-donald-trump-us-biological-weapons>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

FOSTER & CRAWFORD *What Shall We Tell the Children?* International Perspectives on School History Textbooks. Greenwich, CT: Information Age Publishing. 2006.

GI-WOOK, Shim “Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and Legacy” (2006) p.185-195 Part III: Current Manifestations --- Ethnic Identity and National Unification

HAGGARD, S. *Witness to Transformation: Refugee Insights Into North Korea* Peterson Institute ed., 2010.

HAGGARD, Stephan. *Witness to Transformation: Refugee Insights Into North Korea* Peterson Institute ed., 2010.

HANA FOUNDATION, 남북주민 통합 및 탈북민 인식개선 관련 통일부 공익광고, Video do Youtube, Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pvZUD5Mz44g>> Acesso em: 9 ago. 2017.

HOBSBAWN, E. *Age Of Revolution: 1789-1848*, Hachette UK, p. 31, 2010.

HOSCH, WL. *Korean War and the Vietnam War : People, Politics, and Power*. 1st ed. New York : Britannica Educational Publishing, 2010.

HUNTER, WC. *The Visual Representation of Border Tourism: Demilitarized Zone (DMZ) and Dokdo in South Korea*. International Journal of Tourism Research., p.151-160, Mar. 2015.

HYUNG, Gu-Lynn. *Bipolar Orders: The Two Koreas since 1989*, 2009.

JAGER, Sheila Miyoshi & Jiyul Kim. . "The Korean War after the Cold War: Commemorating the Armistice Agreement in South Korea." In *Ruptured Histories: War, Memory, and the Post-Cold War in Asia*, edited by Sheila Miyoshi Jager and Rana Mitter, 233–265. Cambridge, MA: Harvard University Press. 2007.

JAGER, Sheila Miyoshi. *Narratives of Nation Building in Korea: A Genealogy of Patriotism*. M.E. Sharpe. 2003.

JEON, Bon-hee et al. *Prevalence and Correlates of Depressive Symptoms among North Korean Defectors Living in South Korea for More than One Year*, *Psychiatric Investigation*, Vol. 6, 3 de Agosto de 2009.

JUNG, Jae-in. The adjustment of North Korean refugee youths in South Korean schools. *Journal of Research of Unification*, p. 209-239, 2004.

KANG, Min-jin, North Korea increases student visits to anti-U.S. education facility, NK NEWS, Disponível em: <http://www.dailynk.com/english/read.php?num=14481&catald=nk01500> 2017.

KIDD, William, & Brian Murdoch, eds. *Memory and Memorials: The Commemorative Century*. Cornwall: Ashgate.2004.

KIM, Jih-Un & JANG Dong-Jin Aliens Among Brothers? The Status And Perception Of North Korean Refugees In South Korea Em Asian Perspective Vol. 31, No. 2, p. 5-22, 2011.

KIM, Hyun-Kyoung. A study on the recovery predictive factors for North Korean refugees with torture experience. *Journal of Association of Social Welfare Studies*. 2010.

KIM, Mik-young *Securitization of Human Rights: North Korean Refugees in East Asia*, 2012.

KIM, Myung-Sun & LEE, Dong-Hun. Adaptation of North Korean adolescent refugees to South Korean society: A review of literature. *Journal of Rehabilitation Psychology*, 20, p. 39-64., 2013.

KIM, Suk-Hi. *The Survival of North Korea: Essays on Strategy, Economics and International Relations*, McFarland Publisher, 2011.

KIM, YC; MOON, S; JOO, J. Elusive Images of the Other: A Postcolonial Analysis of South Korean World History Textbooks. *Educational Studies*. 49, 3, 213-246, May 2013.

KOEHLER, Robert. *The DMZ: Dividing the Two Koreas, Volume 3 em Korea Essentials*. Seoul Selection publisher. 2015.

KOREA TIMES, Editorial: Still unification 'bonanza'? Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/news/opinion/2015/03/202_172107.html Publicado em: 20 jan. 2015.

KOREAN ÉXPOSE, *Inter-Korean Marriage and Pursuit of Assimilation*, Disponível em: <https://koreaexpose.com/inter-korean-marriage-and-pursuit-of-assimilation/> Publicado em: 14 set. 2014.

KOREAN HERALD “Unification Ministry budget to increase 10.4% next year”. Dez. 2014 <<http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20140918000946>> Acesso em: 12 dez. 2016.

KOREAN HUMAN RIGHTS MONITOR, *Comprehensive Anti-discrimination Bill Withdraw*, Disponível em: <http://www.humanrightskorea.org/2013/comprehensive-anti-discrimination-act-withdrawal-korea-human-rights-situation-back-tracks/> Acesso em: 5 ago. 2017.

KRMPOTICH, Cara. *Public Humanities as Third Space: Memory, Meaning-Making and Collections and the Enunciation of “We” in Research*. University of Toronto Quarterly. 85, 4, 82, 2016.

KUMAGAI, N. *The Background to the Japan-Republic of Korea Agreement: Compromises Concerning the Understanding of the Comfort Women Issue*. Asia-Pacific Review. 23, 1, 65-99, May 2016.

KWON, H. *Vietnam's South Korean Ghosts*. The New York Times. 2017.

LANKOV, Andrei, *Why have North Korean defections dropped?* Em The Guardian, Publicado em 7 mai. 2015, Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/may/07/north-korea-defectors-drop>

LASWELL, H.D. *Politics: Who Gets What, When, How*. Cleveland, Meridian Books. 1936.

LEBOW, R. N. *Counterfactual Thinking as a Scientific Method Historical Social Research / Historische Sozialforschung* Vol. 34, No. 2 (128), p. 57-73, 2009.

LEBOW, R. N. *The Future of Memory*. The Annals of the American Academy of Political and Social Science. 25, 2008.

LEBOW, R. N. *The Politics of Memory in Postwar Europe*, p.291-320, 2005.

LEBOW, Richard Ned. *A Cultural Theory of International Relations*, Cambridge Ed. p. 8-18, 2009.

LEE, Ahlam. *North Korean Defectors in a New and Competitive Society: Issues and Challenges in Resettlement, Adjustment, and the Learning Process*, Lexington Books, 2015.

LEE, J. H. Behind the scenes at the New National Museum of Korea: an investigation of the museum's role in constructing notions of Korean national identity. 2007.

LEE, Jin-Kyung "Service Economies: Militarism, Sex Work, and Migrant Labor in South Korea" Chapter 4: Gynocentrism Racial Hybridity and Diaspora p.145. 2010.

LEE, Kun-hyo. *Analysis of types of maladjustment problems of North Korean adolescent refugees to South Korean society*. Korean Adolescent Development Institute, 2011.

LIE, J. *Multiethnic Korea?: Multiculturalism, Migration, and Peoplehood Diversity in Contemporary South Korea*, 2014.

LYNN, L. E. *Designing Public Policy: A Casebook on the Role of Policy Analysis*. Santa Monica, Calif.: Goodyear. 1980.

McCURRY, J. *The defector who wants to go back to North Korea*. The Guardian. Publicado em 22 de abril de 2014, Disponível: <<https://www.theguardian.com/world/2014/apr/22/defector-wants-to-go-back-north-korea>> Acesso em: 12 jan. 2017.

MEAD, L. M. *Public policy: vision, potential, limits*. Policy Currents, nº 5, 1-4, 1995.

MIN, Suk-cho. Crow's Eye Review: The Korean Peninsula. P. 8-20. 2015.

MINISTÉRIO DA UNIFICAÇÃO "Bukhanitaljumin Hyunhwang" [Status of North Korean Defectors, 북한이탈주민 현황]" Resettlement Support Division. 2015 <<http://www.unikorea.go.kr/content.do?cmsid=1440>> Acesso em: 12 dez. 2015.

MINISTRY OF UNIFICATION, Annual White Paper o Korean Unification, 2016.

MINISTRY OF UNIFICATION, Annual White Paper o Korean Unification, 2014.

MINISTRY OF UNIFICATION, Manual for the Resettlement Support for North Korean Refugees, 2013.

MORRIS-SUZUKI, Tessa. Remembering the unfinished conflict: Museums and the contested memory of the Korean War. Australian National University Press. 2013.

MY, Chi-un; KIM, Hyung-jae, et al. *Correlates of depressive symptoms among North Korean refugees adapting to South Korean society: the moderating role of perceived discrimination*, Social Science & Medicine Volume 131, p. 107-113, Abril de 2015.

NANTO, D. K. *North Korea: Chronology of Provocations, 1950 - 2015*. US Congress Reports. 2015.

NDTV, Inter-Korean marriage agent takes on a niche market
<<http://www.ndtv.com/world-news/inter-korean-marriage-agent-takes-on-a-niche-market-520835>> Publicado em: 13 out. 2013.

OCHR, Statement of preliminary observations delivered by the United Nations Special Rapporteur on Contemporary Forms of Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Related Intolerance, M. Mutuma Ruteere, 6 out. 2014.

OH, J. High school diversification against educational equality: a critical analysis of neoliberal education reform in South Korea. *Asia Pacific Education Review*. 12, 3, 381, Sept. 2011.

ONUF, N. *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International*.

OUELLETTE, D. The Tourism of North Korea in the Kim Jong-un Era: Propaganda, Profitmaking, and Possibilities for Engagement. *Pacific Focus*. 31, 3, 421-451, Dec. 1, 2016.

OZKUL, Derya. *Social Transformation and Migration: National and Local Experiences in South Korea, Turkey, Mexico and Australia*. Sydney, Palgrave Macmillan (ed.), 2015.

PARK, Sang-il; CHOI, Nung-jang A study on educational needs for North Korean migrants' stable professional life: The necessity of approach to humanities education, 2011.

PEIXOTO, J. L. *Por dentro do segredo*. Companhia das letras, Rio de Janeiro. P. 20-25. 2015.

PETERS, B. G. *The Politics of Bureaucracy*. White Plains: Longman Publishers. 1995.

RICHARDSON, S. China, North Korea, and Human Rights 'Dialogue'. *Human Rights Watch* Jan. 2017 <<https://www.hrw.org/news/2017/01/26/china-north-korea-and-human-rights-dialogue>> Acesso em: 26 jan. 2017.

RODONG SIMUN, Opening ceremony for the newly constructed Victorious Fatherland Liberation War Museum grandly proceeded under Great Leader Comrade Kim Il Sung's attendance], Arquivo Hanyang University, Abril 12, 1974.

RUDIGER, Frank. *Korea 2012: Politics, Economy and Society*. 2012.

SAGERS, Jessica "Accepting Konglish: Emerging Conceptions of Korean Linguistic Identity" 2014.

SAITO, H; Narrator: Julian, D; Narrator: Kazuhiko, T. *The History Problem : The Politics of War Commemoration in East Asia*. Honolulu : University of Hawaii Press, 2016.

SCHARTMAN, Nathan, High divorce rate among international marriages in Korea em ASIAN CORRESPONDENT Disponível em:

<<https://asiancorrespondent.com/2011/05/high-divorce-rate-among-international-marriages-in-korea/#TscZpX7FUAQfwSPI.97> > Publicado em: 24 mai. 2012.

SCHATTLE, Hans; McCANN, Jennifer *The Pursuit of State Status and the Shift toward International Norms: South Korea's Evolution as a Host Country for Refugees*. Journal of Refugee Studies Vol. 2. 2013.

SCWHARTZ, Barry. "The Social Context of Commemoration: A Study in Collective Memory." *Social Forces* 61 (2). P. 374–402. 1982.

SEO, Yon-soo. *Two fundamental problems of current supporting policy of North Korean refugees and multicultural solution through social integration*. Journal of Korean Political Science Association, 2013.

SEOL, Doong-Hon *The political Economy of Immigration in South Korea* In: CATLES, Stephen; OZKUL, Derya. *Social Transformation and Migration: National and Local Experiences in South Korea, Turkey, Mexico and Australia*. Sydney, Palgrave Macmillan (ed.), 2015.

SHANNON, Vaughn P.; KOWERT Paul A. ; *Psychology and Constructivism in International Relations*. University of Michigan Press, 2012.

SHIN, Gi-Wook , *Ethnic Nationalism in Korea: Genealogy, Politics, and South Korean Citizens and North Korean Refugees*," *Social Science Studies*, Dong Guk University, Vol. 19, No. 1, 2010.

SHIN, H. "N.K. Commits 221 Provocations Since 1953". *Korea Herald*. Jan. 2011. Disponível em: <<http://nwww.koreaherald.com/view.php?ud=20110105000563>> Acesso em: 12 dez. koreaherald.com/view.php?ud=201409180009462016

SHIN, M. N. "Preparing for Reunification through Mutual Understanding between South Korean Citizens and North Korean Refugees," *Social Science Studies*, Dong Guk University, Vol. 19, No. 1, 2010.

SMITH, A., D. *Myths and Memories of the Nation* Oxford; Oxford University Press.1994.

SMITH, A., D. *Nations and Nationalism in a Global Era*. Cambridge; Polity Press. 1995.

SMITH, A.,. *Theories of Nationalism*, London; Duckworth. (2nd ed), 1983.

SMITH, Anthony D. *A Identidade nacional*, capítulo 4 – Nacionalismo e Identidade Nacional p.94-124; capítulo 5 – Nações Criadas deliberadamente? p.125-152, 1991.

SOHN, H. M. *Korean Language in Culture And Society*, University of Hawaii Press. P. 32-39, 2006.

SOUZA, Celina. Políticas públicas. In: Hochman, Gilberto. Políticas Públicas no Brasil – RJ, Editora: Fiocruz – 2007.

STANGARONE, Troy Does Moon Jae-in's Victory Herald a New Dawn for the

SUH, Y; et al. Collective Memories of the Second World War in History Textbooks from China, Japan and South Korea. *Journal of International Social Studies*. 3, 1, 34-60, Jan. 1, 2013.

SUNGHOON, Han The Ongoing Korean War at the Sinch'ŏn Museum in North Korea em Cross-Currents: East Asian History and Culture Review E-Journal No. 14 (Março 2015) • <<http://cross-currents.berkeley.edu/e-journal/issue-14>>

Sunshine Policy?;

SUZY, K. Specters of War in Pyongyang: The Victorious Fatherland Liberation War Museum in North Korea. *Cross-Currents: East Asian History and Culture Review*, Iss 14, Pp 124-151 (2015). 14, 124, 2015.

TAYLOR, Andrew. Publicado em 26 de Dezembro de 2013, Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/why-north-korean-defectors-keep-returning-home-2013-12>> Acesso em: 23 jan. 2017.

THE DIPLOMAT. *Moon Jae-In's Sunshine Policy*. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2017/05/does-moon-jae-ins-victory-herald-a-new-dawn-forthesunshine-policy/>> out. 2017.

THE GUARDIAN Costly and complicated – why many Koreans can't face reunification. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/oct/09/whymany-koreans-cantface-reunification>,> out. 2015.

THIESSE, Anne-Marie. *Des fictions créatrices : les identités nationales*, 2000.

TUDOR, Daniel. *Korea: The Impossible Country*. Tuttle Press, p. 5 -12. 2012.

VISENTINI, Paulo; et al *A Revolução Coreana: O Desconhecido Socialismo Zuche*. UNESP ed. 2015.

UNHCR GUIDE TO SITUATIONS OF INTERNAL DISPLACEMENT. 2007.

Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/idps/50f9518b9/unhcrs-role-support-enhancedhumanitarianresponse-situations-internal.html>> Acesso em: 16 out. 2017.

WARD, TJ; LAY, WD. The Comfort Women Controversy: Not Over Yet. *East Asia: An International Quarterly*. 4, 255, 2016.

WILLIAMSON, L. BBC News. The North Korean defectors who want to return home Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-26340583> March 2014.

WSJ, Wall St. Journal, Korean Dating Transcends North-South Divide Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/korean-dating-transcends-northsouth-divide-1391058870>> Publicado em: 30 jan. 2014.

YONHAP NEWS Park's office chooses 'bonanza' for Korean word 'daebak' <<http://english.yonhapnews.co.kr/news/2014/02/20/79/0200000000AEN20140220008300315F.html>> Publicado em: 13 abr. 2014.

ZHAO, Quansheng. Politics of divided nations, China, Korea, Germany and Vietnam: unification, conflict, resolution and political development. University of Maryland Press. p.86-88. 1991.